

# Raiou uma Luz

Como sempre, se pudermos ajudar de alguma maneira,  
por favor, entre em contato com a igreja em Indianapolis:

©2005 [www.JesusLifeTogether.com](http://www.JesusLifeTogether.com)

Esse material tem direito autoral e não pode ser citado e/ou  
reproduzido sem o contexto completo (o documento inteiro).  
Você pode, entretanto, livremente reproduzi-lo se fizer por  
completo.

**É PROIBIDO vender esse material.**  
(2 Coríntios 2:17, Mateus 10:8)

# *Um comentário ao leitor*

Nossa jornada com Jesus hoje é muito similar ao que foi com aqueles do primeiro século. Apesar da mudança cultural durante os últimos dois mil anos, nós temos as mesmas dificuldades de sermos complicados e confusos, necessitados e devagar para compreender Quem Ele realmente é. Faz sentido dizer, então, que o trabalho que Ele precisa realizar para nos refazer é tão radical quanto era. Será que vamos ser corajosos o suficiente para ver a nós mesmos, nossas famílias e este mundo através de Seus olhos?

Essa história tem como objetivo ser um caminho, isto é, uma ferramenta, para descobrir mais sobre Jesus e essa jornada extraordinária e perigosa que é às vezes referida como "olhar honestamente no espelho". Como seres humanos temos a tendência de tornarmos insensíveis por causa das rotinas das nossas vidas, da estrutura religiosa de "versículos Bíblicos" e "histórias Bíblicas" familiares, da sentimentalidade de religião dos nossos dias e tradição e dos preconceitos que nos impedem de ver nossos pecados e fraquezas. De vez em quando talvez seja saudável nos ver pelos olhos de outros. Esta história é sobre isso. Nós queríamos explorar as vidas daquelas primeiras pessoas, os jovens e os mais velhos, para conhecer como Jesus andou nesse pequeno planeta. Queríamos fazer parte das experiências delas com Aquele que segura em Suas mãos as Galáxias, e tocar, ver, sentir e superar as dificuldades assim como elas quando o Messias entrou nas suas vidas. Queríamos apreciar, com elas, tudo que as deixaram maravilhadas e que as atraíram a Ele. Nós queríamos encontrar Yesu (Jesus) como elas O encontraram...

As jovens moças, você vai notar, escolheram quebrar algumas "regras" literárias nas páginas a seguir. Elas disseram que ainda eram jovens, então poderiam desviar significativamente do estilo literário. Suas ajudantes também não eram especialistas, então, chegamos à conclusão de que poderíamos deixar como está. Espero, entretanto, que se um discípulo de Jesus tivesse uma língua presa ou uma deformação física, nós ainda o "ouviríamos" sem sermos distraídos pelo que vemos exteriormente e capturaríamos o Bem. Da mesma forma, nós esperamos que as "qualidades estranhas" do texto que notará ao ler essas páginas não o impeçam de ver Jesus com outros olhos, como Ele realmente é, o mesmo ontem, hoje e para sempre. Desejamos experimentar a Sua Grandeza e encontrar uma mudança eterna pela Luz da Sua presença para nós mesmos e para todos.

Um amigo, em nome de,

*Sally, Bek, Lizzy-b, Grace, Rebecca e Dee*

# Família de Pedro



*Simão Pedro*



*Ashira*

Filha de 15 anos



*Jerede*

Filho de 17 anos



*Jedida*

Esposa de Pedro



*Kitra*

Filha de 5 anos



*Ezequiel*

Filho de 11 anos



*Rebeca*

Filha de 9 anos



*Ariel*

Filha de 13 anos



*Ana*

Mãe de Jedida

---

*Amigos e vizinhos da família de Pedro*



*Lemuel*

Irmão de Jedida



*Ziva*

Tia de Esdras e Elizabete



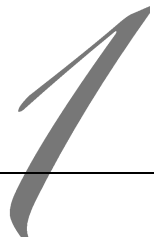
*Elizabete*

16 anos



*Esdras*

19 anos



*Assim, temos ainda mais firme a palavra dos profetas,  
e vocês farão bem se a ela prestarem atenção, como a  
uma candeia que brilha em lugar escuro, até que o  
dia clareie e a Estrela da Alva nasça no coração de vocês.*

2 Pedro 1:19

**C**afarnaum estava acordando. Era a hora preferida de Ashira, a cidade no limiar entre a calma da noite e a agitação que surgia com o fluir cotidiano de um dia de trabalho. Ela correu rapidamente pelas ruas sinuosas de terra batida. Apesar das ruas emaranhadas frequentemente confundir recém-chegados, Ashira achou seu caminho com facilidade, tendo vivido nesse pequeno e fértil canto da Galiléia todos os seus quinze anos. Sua amiga, mais velha por um ano, andava com passos curtos e rápidos atrás dela com dificuldade. — Pera aí, Ashira! — Elizabete chamou, rindo. De repente ela parou — Ashira!

Ashira reapareceu de uma esquina na rua. Em sua pressa, o pano que segurava seu cabelo deslizou e um monte de cachos escuros e esvoaçados agora moldava o perfil distinto de sua face — O que foi?

— Onde está sua jarra?

Ashira riu, algo que fazia frequentemente, e olhou para suas mãos vazias. — Ai, Ai! Esqueci completamente! Estava com muita pressa saindo de casa hoje de manhã!

Elizabete, que era cuidadosa e responsável, olhou para ela surpresa por um momento — Não tem por que voltar. Estamos quase chegando à quadra do poço. Eu trouxe dois jarros e você pode usar um. — Ashira desamarrou um jarro das costas de Elizabete e levantou-o no seu próprio ombro. Ziguezagueando de novo pelo labirinto de ruas, elas foram à direita, à esquerda, e depois à esquerda de novo. No cruzamento de várias ruas, Elizabete parou e apontou para a rua adiante — Esdras avisou que agora tem mais soldados romanos naquela direção. É melhor a gente tomar outro caminho.

Ashira acenou com a cabeça e elas passaram por uma ruela sombreada. Em pouco tempo, o caminho curvado terminou no largo central do poço. As meninas cumprimentaram pelo nome as várias outras mulheres já reunidas lá, e entraram na conversa alegre enquanto cada uma esperava, com jarros nas mãos, sua vez de usar a corda e o balde.

Enquanto o balde de couro desaparecia nas sombras do poço, Ashira inclinou-se sobre as pedras e deixou os nós da corda deslizarem ritmicamente pelos seus dedos. Ela levantou sua cabeça, examinando o céu que escurecia.

— Oh! Elizabete, olhe! — Ela cutucou sua amiga, e as duas observaram enquanto o ar se enchia com o tagarelar de centenas de pássaros. As formas em silhuetas mergulharam sobre as casas aglomeradas e pintadas com cal, assustando um par de cabritos em um pátio ali perto. Em seguida, o bando virou-se e se reduziu a uma linha no horizonte em cima dos morros no norte. Ashira soltou sua respiração devagar, seus olhos marrons fixos no céu vazio.

— Elizabete, você não tem vontade de ser um pássaro? — ela perguntou.

Elizabete fitou seu olhar em sua amiga com olhos arregalados — E-Eu não sei — ela gaguejou. — Acho que nunca pensei nisso antes.

— Um bom dia para vocês, meninas — disse a tia de Elizabete ao se aproximar do poço com seu jarro, seus brincos tinindo.

Com o som da voz de Ziva, Ashira perdeu sua força na corda que estava puxando para cima. O balde cheio caiu causando um estardalhaço quando bateu na água abaixo. Suspirando, ela começou a puxar o balde para cima novamente. — Oi, Ziva — ela forçou-se a dizer, mas não amigavelmente.

— Seu pai está no Jordão de novo, não está, Ashira? — Ziva questionou. A mulher de olhos vigilantes parecia sempre saber, de maneira misteriosa, exatamente o que todo mundo em Cafarnaum estava fazendo.

Ashira acenou com a cabeça — Estamos esperando sua volta hoje, a qualquer momento.

Ziva balançou sua cabeça desaprovando — É uma pena que você perdeu seu tio para o Batizador e seu bando. E agora seu próprio pai, também.

Ashira sentiu uma dor intensa quando seus dentes fecharam sobre sua língua fortemente. Ziva falava como se os homens estivessem os abandonando imprudentemente... a mulher não poderia estar mais errada. *"Tio André está com o Batizador porque ele sabe que João fala a Verdade"*, pensou. Ashira sentira o destemor das palavras de João nas conversas que teve com seu pai e com seu tio. Ela sabia que era o puro desejo de ver Deus honrado que tinha atraído André para longe de sua casa e do seu negócio para estar mais perto do



Batizador. Seu pai *realmente* sentia a responsabilidade de sustentar sua família e somente saía por tempos curtos. "*Se abba alguma vez ficar por muito tempo...*" ela engoliu o nó que surgiu na sua garganta com o pensamento.

Mas ela apenas disse — Vamos ver. Muitos pensam que as palavras do Profeta são importantes e confiáveis, uma luz bem-vinda no nosso mundo escuro.

Os olhos de Ziva semicerraram-se — Ummf! — ela agarrou a corda e o balde e abaixou-os.

Elizabete disse baixinho — Precisamos ir agora, tia. Hoje de manhã Ashira e eu vamos trabalhar no tear juntas.

Ziva endireitou-se — Ah, vão é? Vou passar lá daqui a pouco e checar como estão. O tear é muito bom, deixado por sua mãe. Elizabete, não devem brincar com ele.

— Ashira! Ashira! — uma voz alta ecoou nas paredes. O rosto fechado de Ashira mudou para um sorriso aliviado quando seu irmão menor, Ezequiel, apareceu de uma esquina correndo.

— Você está aí! Eu preciso ir para a sinagoga, mas vim falar para você que...

— Para a sinagoga!? Olhe suas roupas e seu rosto! Escuta aqui, você precisa aprender a se lavar no lago antes de sair das margens. Você não pode ir para a sinagoga assim. — Ashira aproximou-se apressadamente do menino ofegante. Ela jogou água nas mãos dele e no seu rosto e esfregou a sujeira. Vigorosamente ela escovou seu manto listrado e sua quipá, reclamando — Puxa Ezequiel! Sei que é filho de pescador, mas você não pode ir à escola cheirando como peixe!

Ziva riu pro lado — Esse seu irmãozinho não é exatamente a imagem do seu irmão mais velho, hein?

Ashira riu — Ezequiel? Sim... ele é muito diferente de Jerede! — Ela ficou em pé, endireitou a quipá de Ezequiel e alisou seu cabelo indomável, estalando sua língua. — Bem, acho que é o melhor que posso fazer. Agora corra para a sinagoga!

— Mas Ashira, eu vim falar que o pai voltou pouco tempo atrás. Ele estava querendo saber onde você está.

O rosto de Ashira iluminou-se — Elizabete, vamos lá! Meu abba está em casa! Obrigada, Ezequiel. Agora corra e não perca tempo no caminho. Tchau Ziva. — ela desapareceu pelas ruas com passos apressados.

— Ashira, sua água! — Elizabete chamou.

Ashira voltou ao poço com passos pesados, recolheu seu jarro e desapareceu de novo, chamando sua amiga para segui-la. Elizabete correu da forma mais elegante que conseguia, seguindo a trilha de água derramada.

As sandálias de Ashira batiam no chão enquanto ela ia ziguezagueando pelas ruas familiares. Um pouco adiante ela viu um vislumbre da casa. Era simples, como a maioria das outras estruturas nessa parte da cidade, mas grande o suficiente para os dez membros da família. O portão no muro cercando

o pátio rangeu quando ela o abriu. Com passos largos ela chegou aos grandes vasos de água perto da porta dos fundos e derramou sua água em um deles. Elizabete parou atrás de Ashira, respirando fortemente — Desculpe pelo que Ziva disse, Ashira. Você está bem?

Ashira encostou-se na parede da casa e acenou com a cabeça — Eu acho que sim. Eu só não consigo entender como Ziva pode ter tão pouco respeito por João. Ele é um profeta. Eu sei que ele é!

— Você sabe que Ziva está amargurada sobre muitas coisas. Nem sempre o que ela fala faz muito sentido — Elizabete pausou. — Bem, meu pai está me esperando em casa. Até daqui a pouco! — levantando seus jarros, Elizabete saiu pelo portão.

— Tchau! — Ashira falou.

Ela inclinou-se para levantar um cesto de comida e uma vasilha de couro com vinho que tinha preparado antes, na esperança da volta de seu pai. Saindo de novo, ela agora direcionou seus passos rápidos ao morro abaixo pelo caminho do lago. Gradualmente, as casas ao seu redor tornaram-se mais espaçadas. Ela subiu o morro pequeno que descia para a água e, alcançando seu cume, parou dando um pequeno passo para trás. O campo caiu aos seus pés como um manto, coberto de anêmonas vermelhas até onde a vista pôde alcançar. Eram lindas em contraste com a beirada de pedras esbranquiçadas onde a água lambia as margens. Ela encheu seus pulmões com o ar doce, cheio do aroma de flores na primavera e de água do lago. O sol espiava ao leste na extremidade do mar sombreado, jogando cores douradas em todas as direções. No sul, os morros de Gerasa radiavam roxos. Com os olhos da sua mente conseguia ver os vilarejos aninhados nas margens distantes. Em algum lugar naquela direção estava Magadã. Mais para as margens no oeste estava Tiberíades, a nova cidade romana em que nem um Judeu entrava. No lado oposto do lago estava Gergesa e bem perto estava a pequena Betsaida. No lado extremo sul do lago e descendo o rio estaria Betânia, onde seu pai tinha passado vários dos últimos dias. Ele fazia viagens ao Jordão frequentemente agora.

Pequenas vozes atrás de Ashira chamaram sua atenção, então ela virou-se. Duas meninas saíram correndo de entre as casas, suas roupas batendo na brisa: Rebeca, com nove anos, que era prática e ágil como se fosse muitos anos mais velha do que realmente era, seguida pela pequena Kitra com olhos brilhantes, faladora, mas sempre se escondendo atrás das saias de suas irmãs quando perto de estranhos.

Kitra implorou, em um irresistível linguajar de cinco anos — Posso ir com você pra vê abba? Mamãe dexô se vamos com você.

— Claro. — Ashira agachou-se e sorriu, dizendo — Vamos fazer uma corrida até o lago! Um-dois-três... Já!

Suas duas irmãs gritaram e se lançaram correndo para descer o morro, seus braços jogados para trás. Ashira correu atrás delas, habilmente balançando o

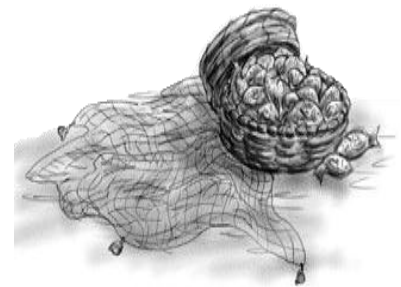
cesto no seu quadril. Elas alcançaram a água e os barulhos de uma manhã típica nas margens de Cafarnaum enchiam seus ouvidos. Homens gritavam um para o outro enquanto trabalhavam. Alguns remendavam velas, outros separavam os peixes em cestos. As meninas andaram nas pontas dos pés ao redor de várias armações com redes deixadas no sol para secar. Várias fogueiras estavam acesas e chamas brilhavam nas escamas de dezenas de peixes alinhados em espetos. Fumaça cheirosa pairava momentaneamente no ar e então desaparecia com o ar fresco e úmido do lago. Ashira chamou por abba, mas sua voz desapareceu no tumulto. Ela procurou no grupo de barcos. Alguns tinham sido arrastados para as margens e outros balançavam na água, ancorados com pedras pesadas.

Ela se dirigiu a uma embarcação familiar e à figura esbelta em pé na popa — Oi, Jerede!

O menino de dezessete anos e de estatura média tirou um cacho fino de cabelo escuro e suado de sua testa igualmente suada e deu um sorrisinho para sua irmã. Ashira sempre ficava chocada ao ver seu irmão, geralmente arrumado e pensativo, tão suado e sujo depois de uma pescaria.

— Como foi a viagem? — ela perguntou, inclinando-se para frente para observar a pilha de pesca que ele jogava para dentro de cestos largos.

Ele resmungou e pulou do barco levantando o cesto pesado para seu ombro — O tempo com o Batizador foi excelente e até um pouco mais curto do que gostaríamos. Suas palavras têm uma maneira de cativar pessoas. Sua energia penetra na sua mente como se não fosse dele! Suas palavras são estranhas, e às vezes difíceis de entender — Jerede pausou e deu um suspiro. — Mas nos últimos dias nós temos pescado perto de Magadã e... bem, você sabe como pescaria geralmente vai para mim — ele levantou sua cabeça e olhou longe para o outro lado da lagoa, imóvel.



Com um movimento rápido, ela jogou um inesperado jato de água fresca no seu irmão. Ele chacoalhou a cabeça e olhou para ela em choque por um momento. — É bom ter você por perto, irmãzinha! — ele riu, mas ela evitou seu espirro de água de volta com um salto em direção às pedras.

Uma voz forte e familiar soou atrás deles — Minha Shira! — A figura larga de seu pai apareceu detrás de uma nuvem de fumaça. As mãos de Kitra abraçavam seu pescoço enquanto ela andava nas costas dele e a pequena mão de Rebeca estava embrulhada na sua mão enorme.

— Abba! — Ashira correu para seu enorme abraço. Ela notou o cheiro familiar de água doce e peixe nas suas roupas úmidas e no seu cabelo embaraçado. Ela olhou para sua face rústica e sorriu — Eu trouxe algo gostoso para você comer! — Simão aceitou a comida ansiosamente e mordeu um pequeno pão com um som de satisfação.

— Jerede! — ele gritou, olhando por cima de seu ombro. — Põe mais lenha nessa fogueira! — Ashira tirou a vasilha de couro com vinho de seus ombros e o ofereceu a ele, junto com o queijo e um punhado de amêndoas. Ele jogou suas mãos pro alto como se estivesse surpreso — Seu nome significa "próspera" e isso você é, Shira! Olhe! Você me trouxe um banquete! — Os dois deram gargalhadas e enquanto ele se agachava as duas meninas menores saíram correndo dando risadinhas. Ashira sentou ao seu lado, colocando seu queixo nos joelhos. Ele comeu várias bocadas e limpou a boca com a parte de trás de sua mão.

— Aperte aquela corda na pedra de ancoragem, Jerede! Seu nó está escorregando. — Em voz baixa, Simão murmurou exasperado — O que vou fazer com esse menino?!

Ashira abaixou sua cabeça. Por que sempre era dessa maneira? Ela amava seu irmão. Ele era tudo que ela não era: quieto, prático, sensato e estável. E seu pai, ela parara havia muito tempo de tentar colocar em palavras sua adoração por ele. Ela gostaria de poder explicar para alguém como seu abba era — a vida da família, uma desajeitada chama de paixão ardente, ele raramente pensava sobre algo por muito tempo antes de entrar de cabeça naquilo. De uma maneira muito alegre, ele era quase louco. A proximidade que Ashira tinha com esses dois tornava a constante tensão entre seu pai e Jerede muito mais dolorosa para ela. Mas o que ela podia fazer?

— Ei, Simão!

Ashira levantou os olhos quando Tiago chamou de um barco perto. — Onde tá aquela pesca de trezentos que prometeu pra gente? — ele disse dando um sorrisinho e apontando para os cestos de peixes que Jerede tinha cuidadosamente colocado na margem.

Simão abanou seu dedo a Tiago brincando — Só espere, meu amigo. Se André e seu irmão, João, chegarem aqui antes das chuvas, nós vamos pescar de monte. Espere, e você vai ver!

Ashira riu. Era exatamente como seu pai tentar fazer o impossível. — Quantos foram dessa vez, abba?

— Apesar de Tiago estar desapontado, *foi* uma boa pesca. Eu contei oitenta e sete.

Ashira fincou seus dedos do pé no solo pedregulhento — Você viu tio André e João quando foi para o Jordão?

Simão deu um pequeno sorriso — Sim eu vi eles... estão ainda pensando e ponderando e fazendo perguntas para o Profeta.

Ashira abriu sua boca, mas Simão a interrompeu — E você quer saber mais do Batizador?

Ela acenou com a cabeça.

Ele inclinou-se para frente ansiosamente — As multidões são grandes... mais e mais estão sendo batizados.

— Como você, André e os outros foram.

Simão concordou pensativo — Mas o profeta João fica dizendo de novo e de novo que está vindo outro depois dele. Ele disse que está vindo alguém que não vai batizar com água, mas com o Espírito Santo e *fogo* — Simão colocou ênfase na última palavra. — Do que você acha que ele está falando, Ashira? Não consigo entender tudo isso. Quando eu estava em Betânia, ele disse que alguém que não conhecemos está entre nós. João disse: "Não sou digno nem de desamarrar suas sandálias".

— Abba, você acha que Ele realmente está aqui em Israel?

— Eu nunca encontrei um Homem assim, Shira, mas deve ser verdade, todos esses sinais e a profecia de João. O Messias está aqui. Ele está vivo. Nós só não sabemos onde ou quando vamos achar Ele.

— Você pode me falar de novo o que aconteceu, foi trinta anos atrás?

— Sim. Foi no ano do censo e vários acontecimentos estranhos mexeram com os corações ou pelo menos com as conversas das pessoas. Tinha uma grande estrela, nunca vista antes ou desde então, que brilhava no céu. Alguns dizem que foi só um boato, mas alguns pastores perto de Belém espalharam o conto de uma criança que nasceu naquele tempo. Um anjo, eles disseram, tinha prometido que esse era o Salvador. E aí tem as velhas profecias. A música que sua avó canta, das palavras de Isaías, é uma.

Ashira a conhecia bem e repetiu as palavras.

*Um menino nasceu,*

*Um filho foi dado a você*

*E o mundo inteiro está debaixo do Seu reino.*

*Escutem! Quando Ele vir, você O chamará de:*

*Maravilhoso Conselheiro, Deus Forte,*

*Pai Eterno, Príncipe da Paz.*

*A extensão de Seu reino*

*E o aumento de Sua paz*

*Não terão fim.*

*Ele sentará no trono de Davi*

*e reinará sobre Seu reino,*

*O construindo sob um alicerce firme*

*E o sustentando*

*Com sabedoria, justiça e retidão.*

*Além do tempo, ao passar reis e nações,*

*Mesmo que ascendam e caiam*

*Sua Casa vai ser para sempre.*

*O zelo do Senhor Poderoso*

*Vai fazer com que isso aconteça.*

Tudo ficou quieto por alguns momentos. Tiago gritou alguma coisa sobre salgar os peixes e Simão ficou em pé — Shira, você pode dizer à sua mãe que eu vou terminar antes do meio-dia. Daqui a pouco posso voltar para casa.

Ashira sorriu enquanto acenava. Ela bem sabia que depois de uma pesca bem sucedida "antes do meio-dia" queria dizer perto do por do sol.

Indo em direção a Tiago, Simão secamente deu mais instruções para Jerede — Tire os peixes do barco e depois remende a rede que você rasgou.

Um movimento rápido no canto dos olhos de Ashira chamou sua atenção. Um homem corria pela margem na direção deles. Ela rapidamente ficou em pé e fixou seus olhos na figura que se aproximava.

— Tio André! — ela gritou surpresa.

Simão virou rapidamente — Pequeno irmão! O que está fazendo aqui?

André parou repentinamente, ofegando — Simão! Nós O achamos!

— Quem? Do que está falando?

— O Messias, Simão! O nome dele é Jesus. Esse homem deve ser o Messias!

Simão respirou fortemente e piscou seus olhos várias vezes, como se estivesse sem ar — O quê?

André se esforçou para puxar o ar — Simão, quando João O batizou, ele disse que viu o Espírito, como uma pomba, descer e ficar nEle. Depois, quando viu o homem de novo, João chamou Ele de Cordeiro de Deus. Aí ele virou para nós e disse: "Esse é o homem de quem eu tenho falado para vocês por tanto tempo. Eu tenho batizado para que *Ele* seja revelado." Você vai vir comigo? — André suplicou.

— André, já fiquei fora de casa por muito tempo!

Ashira olhou para seu pai. Sua voz estava cheia de responsabilidade e com uma medida de hesitação, mas ela percebeu nos seus olhos uma faísca de fervor.

— Você precisa conhecer ele, Simão. Eu gastei um tempo com Ele e eu... vem...! Você precisa conhecer ele pessoalmente!

Simão virou-se e gritou — Jerede, cuide dos peixes. Asse os grandes e separe alguns dos menores para o mercado.

Com isso, ele correu pela margem atrás de André na direção de Betsaida.

Ashira os observava, sem fôlego — Mas, abba...

Simão parou e virou para encará-la — Não se preocupe, Shira — ele gritou. — Fale para sua mãe que vou voltar logo, talvez em poucos dias. — O sorriso que apareceu no seu rosto derreteu a incerteza dela em um instante. Depois ele se foi.

A voz confusa de Jerede ressoou do barco na margem atrás dela — Ashira, o que aconteceu? Para onde o pai está indo?

Ashira tentou achar palavras, gritando de volta para seu irmão — Ele... ele foi... para o, é, Jordão! Ele foi para ver... *será que é Ele?!!*

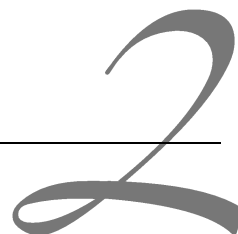
— O que você quer dizer?! Quem? — ele disse.

Ashira podia ver seu rosto confuso, mas ela ainda estava pasmada com o que ouvira.

— Ah, Jerede! — ela riu, sem poder respondê-lo. — Eu preciso ir falar para a mãe o que aconteceu! Levantando suas vestes, ela foi salteando até o topo do morro. Seus pensamentos giravam com excitação. *"O Messias, possivelmente aqui? Agora? Depois de tantos anos... pode ser? Na minha vida?!"*

Ela praticamente voou pelas ruas, virando esquinas correndo o mais rápido que suas pernas podiam levá-la. Ela pediu desculpas apressadamente quando colidiu com um vendedor indo ao mercado. Finalmente, a casa estava perto. Ela entrou pelo portão da frente — Mãe! Abba se foi de novo!



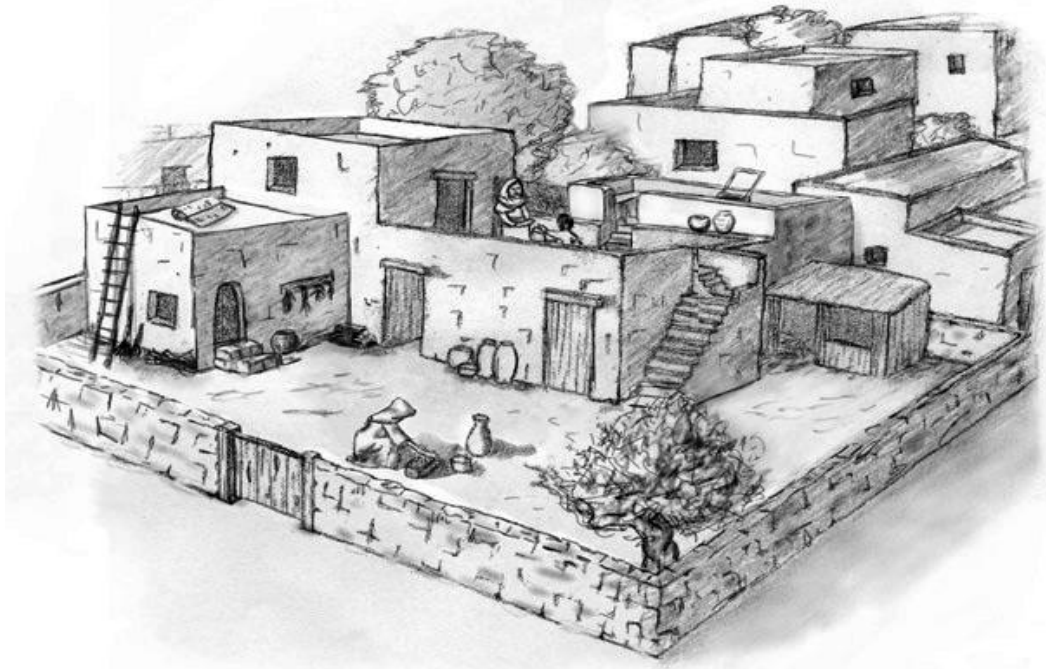


*Você que traz boas novas...  
erga a sua voz com fortes gritos, erga-a!  
Isaías 40:9*

O corpo esbelto e delicado de Jedida era bem diferente do de seu marido, Simão. Ajoelhando graciosamente, ela se inclinou por cima de sua gamela, trabalhando silenciosamente no pátio grande e bem sombreado. O silêncio ao seu redor somente era interrompido pelo sussurro do ventinho fresco do mar e pelo grito ocasional de um pescador distante. Ela suspirou com satisfação. Ezequiel trouxera a notícia que seu abba tinha retornado para as margens bem cedinho naquela manhã, e ela ficaria contente de vê-lo novamente. Ela certamente sentira falta de Simão enquanto ele estava fora e esperava o brilho que ele sempre trazia. Mas a calma era agradável para o momento em contraste com a normal agitação da casa. Ela estava grata que a vida era boa para eles, mesmo nesses dias difíceis, mesmo que a pescaria nem sempre era próspera, mesmo que Roma parecia estar apertando sua garra e espalhando sua influência por toda Israel. Ainda havia esperança. Esperança nesse profeta do deserto, João. Talvez alguns com algo para esconder ou proteger chamariam isto de "escravidão". Mas havia grande esperança na sua mensagem de arrependimento, do reino e sobre Aquele que há de vir. — Logo, Adonai — ela sussurrou em voz alta com o pensamento do Messias. Ela esperava ansiosamente pela notícia que Simão traria do Jordão.

Esticar, dobrar, esticar, dobrar, esticar. O pão cedia às suas mãos lisas e fortes. Ela levantou sua mão e colocou uma mecha de cabelo preto e liso atrás de sua orelha. No alto do terraço ela ouviu a gargalhada doce de seu bebê chamando — Nana! — Jedida sorriu de novo com o pensamento de sua própria mãe cuidando do bebê. As crianças amavam a Nana delas e sua risada viva e terna era ouvida pela casa muitas vezes. Jedida sorriu para si mesma. *"Mãe é uma ajuda tão grande. Como poderia manter tudo em ordem sem ela?"*

Sim, tinha muitas coisas a fazer. Sete crianças para cuidar era o suficiente, sem mencionar as inúmeras tarefas na casa que parecia com um labirinto de muitos quartos que tinha crescido em cada geração. Os vários trabalhos que tinham que ser terminados antes da refeição da tarde sistematicamente passavam pela sua mente. *"Precisamos assar o pão e terminar a sopa de lentilhas. Esse pátio deve ser varrido. E será que vai ter tempo para fazer alguns bolos de figo para Simão e Jerede?"*



— Mãe! — um estrondo seguiu o grito intenso. Surpresa, Jedida levantou a cabeça de sua massa. Mesmo que Ashira irrompendo pelo portão não fosse totalmente fora do comum, algo na voz de sua filha deixou Jedida tensa, incerta de que isto era somente um anúncio de que abba estava em casa.

— Ashira! O que foi?! — Jedida passou suas mãos na sua roupa atipicamente ao levantar-se de uma vez. — Todo mundo está bem?

— Ah! Mãe! — Ashira riu — Abba acabou de partir! *De novo!*

— O que? Como assim? Simplesmente *foi*? — Jedida perguntou, confusa com a excitação de sua filha. — Mas ele acabou de chegar! — enquanto perguntava, pensamentos voavam pela cabeça de Jedida. *"Toda vez que Simão e Tiago voltam à pescaria depois daquelas viagens para ver o Batizador, suas paixões e suas energias para o Reino ardem ainda mais intensamente. E eu gosto disso! Mas o que aconteceu agora?"* Jedida controlou seus pensamentos e calmamente perguntou — O que aconteceu, Ashira?

Ashira respirou fundo para se preparar para as palavras que ela quase não conseguia segurar — Tio André retornou e veio para buscar o pai! Ele disse que encontraram um homem. O Batizador diz que Ele é o Messias! *O Messias, Mãe!*

Jedida ofegou admirada com a imensidão do que sua filha tinha falado. A dúvida sobre a partida de Simão foi rapidamente colocada de lado com essa notícia que todos eles ansiavam ouvir. Essa *maravilhosa* notícia. *"O Prometido de Israel!"* Lágrimas começaram a aparecer nos seus olhos. — Agora? — ela cochichou — Ele finalmente se revelou? De todas as gerações em Israel, será que *nós* veremos o *Messias*, Ashira?

Ashira continuou em uma nova onda de entusiasmo — Abba e eu estávamos conversando perto do barco, Jerede estava pondo as redes em ordem, e de repente tio André vinha correndo em nossa direção pela margem.

O profeta João, o batizador, apresentou tio André ao Messias! Seu nome é *Yesu*. Oh, Mãe! Se o Profeta diz que esse homem é o Messias, então ele *deve ser*, não acha?? Pense! Milhares de pessoas estão sendo batizados por João e confiam nele para mostrar Aquele que há de vir. Ele não estaria errado, estaria?? — Ashira sentou num banco bambo perto da parede do pátio, respirando fortemente e maravilhando-se com a notícia.

Jedida continuou a ponderar incredulamente — Ashira, todos nós *sabíamos* que o Messias deveria estar vivo porque ouvimos falar de tantos sinais! — ela pausou. E depois, cuidadosa e intencionalmente, Jedida disse o nome que seu coração tinha esperado tanto tempo para conhecer. — *Jesus*. — Ela olhou para Ashira, sua face radiante. Mesmo agora sem saber o que dizer, pensamentos e conclusões ainda transbordavam sua mente. "*André, Tiago, João, e Simão, meu Simão, conhecendo o futuro Rei de Israel, o Restaurador do Reino de Davi!*"

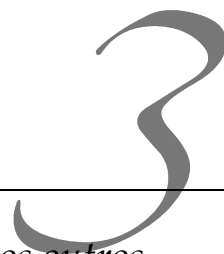
Mas, de alguma maneira, em meio a esta maravilha, Jedida de repente se sentiu apreensiva. "*Se Ele realmente é o Messias, nossas vidas e as vidas de todos ao nosso redor estão para mudar PARA SEMPRE! Será que realmente estou pronta para isto?*" E então ela silenciosamente se repreendeu por ficar presa nas suas próprias preocupações tão rapidamente. Mas ainda, pensamentos contrários continuavam a clamar na sua mente.

Respirando fundo, Jedida falou com estabilidade intencional — Ashira, me conte mais! Seu abba deu alguma idéia de quando ele voltaria?

— Ele disse algo para Jerede sobre alguns dias. Oh, *Mãe*. Eu nem sei o que pensar! Minha mente parece estar correndo a mil. — Os olhos de Ashira passaram por cima da parede do pátio onde à distancia ela conseguia ver o Mar da Galiléia que tanto amavam. — Mãe, dá para acreditar o que está acontecendo? Meu abba está indo para encontrar Aquele quem João diz ser o futuro Rei! Mas ao mesmo tempo é assustador! — Ashira rapidamente ficou de pé e virou para encarar sua mãe, angústia tomando conta de seu rosto ao considerar o que estava por vir. — Você acha que abba realmente nos deixaria por muito tempo, como tio André? Ele vai ficar? Ele poderia nunca voltar?! — seus olhos enchendo de lágrimas.

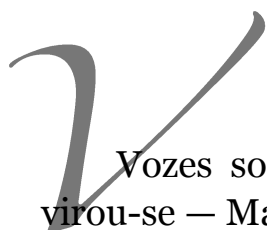
Jedida olhou para Ashira perplexa. Ela podia ver, refletidos, visíveis, e ampliados em sua filha, seus próprios sentimentos ofegantes. — Minha filha! — ela gargalhou, encontrando alívio na sua própria risada. — Em um momento de algum modo você expõe as tolas dúvidas de sua mãe com mudanças de emoção que competiria até mesmo com as de seu pai. O que vou fazer com você! — Jedida riu de novo, trazendo sua filha para perto com os braços. — Não vamos deixar nosso amor por seu abba abater os olhos dos nossos corações. — Com novo entusiasmo, ela expressou o que sabia ser certo e verdadeiro. — Ashira, Israel tem orado por centenas de anos pelo Messias que há de vir. Se esse homem é o Prometido, nós não temos nada a temer, nem mesmo por seu abba!

# Honravam o Seu Nome



*Depois, aqueles que temiam o Senhor conversaram uns com os outros, e o Senhor os ouviu com atenção. Foi escrito um livro como memorial na sua presença acerca dos que temiam o Senhor e honravam o seu nome.*

*Malaquias 3:16*



Vozes soaram atrás delas enquanto o portão do pátio abriu e Jedida virou-se — Mas, Esdras! O que trás você aqui?!

Passeando pelo portão estava o jovem e alto vizinho, escurecido pelo sol de dezenove verões e molhado por causa do trabalho duro daquela manhã. Seus olhos escuros brilhavam alegremente enquanto um lado de sua boca se levantava esboçando um sorriso com a diversão. Ele curvou sua cabeça respeitosamente para Jedida — Bom dia! — A pequena Kitra estava montada nos seus ombros fortes, e suas tranças balançavam sobre suas bochechas rosadas. Suas mãos agarravam punhados do cabelo escuro dele enquanto oscilava bem acima do mundo arredor. Rebeca, com um cesto em seus braços, estava radiante do lado deles. Esdras riu com entusiasmo enquanto colocou Kitra no chão. — Bem, parece que Ashira deixou um cesto de comida nas margens junto com algumas outras coisas valiosas.

Os olhos marrom-escuros de Ashira arregalaram-se — Ai! Ai! Mãe — ela exclamou. — E... Eu fiquei empolgada, saí correndo sem pensar... desculpe!

— Ashira, você dexô a gente! — Kitra repreendeu brincando, colocando suas mãos na sua cintura em um gesto expressivo e exagerado.

— Me desculpe por você ter que interromper seu trabalho. Obrigada por trazer as meninas para casa.

Esdras acenou para Jedida que estava tudo bem. — Mesmo assim, eu teria que vir para ajudar meu pai — ele piscou para Rebeca.

A voz alegre da avó Ana veio do terraço — Jedida! Porque tanta falação? — Logo ela estava cuidadosamente descendo os degraus com o bebê na sua anca. Ariel, que tinha treze anos, a seguia com flores murchas na sua trança. A história da descoberta de Esdras foi compartilhada e todo mundo caiu na gargalhada, incluindo Ashira que estava vermelha de vergonha.

Esdras virou para sair mas parou e olhou para Jedida — Se for uma ajuda, eu disse para Jerede que posso ajudar ele com a pescaria enquanto Simão estiver fora de novo para ver o Batizador. Ele tem trabalho suficiente para três homens.

Jedida riu suavemente quando a maravilha momentaneamente esquecida da notícia da manhã irrompeu de novo em seus pensamentos. "O Messias." O nome de esperança reacendeu expectativa no seu coração que batia fortemente. — Ah, Jerede não ficou sabendo? Simão saiu de novo, mas dessa vez não para ver o Batizador.

Ana aproximou-se e colocou sua mão no braço de Jedida — O que aconteceu, filha? Aonde ele foi agora?

Jedida sentou-se no pequeno banco, trazendo Kitra para seu colo. — Mãe! André veio para achar Simão. Ele tinha notícias do Jordão. Ele encontrou um homem... chamado *Jesus* — ela continuou, a força da sua ansiedade levando-a a continuar. — O Profeta disse que esse homem era aquele por quem temos esperado. O Batizador chamou ele o Messias de Israel! André levou Simão para ver Ele. — Jedida riu. No canto de seus olhos, Jedida viu Ashira repleta de entusiasmo. — Fale para eles, Ashira. Fale para eles o que seu tio disse!

Ashira repetiu as frases que ouviu durante aqueles momentos passageiros enquanto sua avó, Esdras, irmãos e irmãs ouviam com muita atenção. — João chamou Ele de Cordeiro de Deus. Ele disse algo sobre Jesus batizando com fogo e que Ele iria "tirar o pecado do mundo"! E aí André disse que ele seguiu Jesus para a casa onde Ele estava... — como ela desejava saber mais detalhes! Ela parou, olhando para aqueles ao seu redor, todos cativados com as palavras que eles ansiavam ouvir por tanto tempo mas, como ela, quase não conseguiam compreender. — Também ouvi tio André dizendo que o profeta João disse, "Esse Homem que vem depois de mim é maior que eu porque Ele era antes de mim".

— O que ele quer dizer com isso? — Ana perguntou completamente encantada.

Ashira jogou suas mãos para o ar. Ela estava pensando a mesma coisa. — Tio André não explicou... é só isso que ouvi.

Esdras levantou seu olhar, seus olhos suplicando por mais. — Como Ele é? Alguém mais sabe sobre essas coisas? O que Jesus vai fazer agora? — indagou com entusiasmo, mas nem Ashira nem Jedida tinha algo mais a dizer.

Ana sentou e colocou uma mão trêmula nos seus lábios. Ela disse, metade para si mesma — Nunca pensei que viveria para ver o dia, Jedida. Depois de tantas gerações que intencionalmente esqueceram a bondade de



Jeová e se rebelaram contra Suas maneiras, Yahweh escolhe agora para revelar Seu Salvador, o Messias?

Kitra de repente endireitou-se e olhou curiosamente para o rosto de sua avó — Nana, que é um Messsi-a?

A voz de Ana estava trêmula e seus olhos brilhavam — Ah, minha filha... o Messias é o Verdadeiro Rei.

Ariel animou — Ele vai ser como o Rei Davi?

Ana chacoalhou sua cabeça — Se Ele é o Messias, Ele será maior que qualquer rei, maior até que o Rei Davi.

O vento soprou pelo pátio, farfalhando as folhas da árvore de acácia no canto.

— Não devo deixar meu pai esperando — Esdras disse. — E eu disse a Jerede que estaria de volta em pouco tempo. Jedida, posso dizer para ele o que aconteceu?

— Ah sim, por favor, e obrigada de novo, Esdras.

Kitra desceu do colo de sua mãe e seguiu o jovem homem até o portão, dando tchau até ele virar a esquina e estar fora de vista.

Ashira estalou os dedos quando lembrou algo — Ah! Mãe, Elizabete e eu estávamos pensando em trabalhar no tear juntas essa manhã.

— Que bom! Que tal você ir lá agora. Enquanto ela e Esdras cuidam do pai deles, você pode começar.

Ashira começou a ir para o portão mas recuou e virou-se — Mãe, Ziva ia vir para nos ajudar. Nós vimos ela no poço hoje de manhã e...

Jedida olhou para ela entendendo o problema — Eu irei em alguns minutos. Você vai na frente.

Ana mandou Ariel e Rebeca buscarem no terraço as roupas que ela estava remendando naquela manhã, e Kitra as seguiu, correndo atrás de Rebeca como sempre. A mulher idosa inclinou-se e colocou o bebê no chão. Ele andou com passos incertos para o canto e se esticou nas pontas dos pés, tentando alcançar uma folha, bamboleando acima de seus dedos gordinhos.

— Jedida — Ana disse ternamente, alisando o cabelo de sua filha — Parece que tem algo incomodando você.

Jedida sorriu — Não é nada. Só sinto... sinto como aquele dia quando André foi embora. Cada pequena notícia do Messias que há de vir é tão maravilhosa, *mas tão difícil de compreender!* E agora, se este de quem João fala é o Messias, eu não quero Simão em nenhum outro lugar a não ser do Seu lado. Mas vai ser tão diferente com Simão fora. Por quanto tempo isso vai demorar? Tem tantas bocas para alimentar e Jerede ainda é tão jovem... — sua voz foi ficando mais baixa.

Ana pensou por um momento — Bem, vamos confiar que as coisas ficarão mais claras logo. Tenho certeza que Simão nos trará notícias em pouco tempo.

## ***Seu Nome é Yesu***

Salmo de Jedida

*Oh, a surpresa,  
Oh, a alegria,  
Oh, a maravilha de tudo isso!  
Poderia ser que a Esperança de Israel veio?*

*Seu nome é Yesu.  
Como Ele é?  
Será que Ele ri ou chora às vezes?  
Esse homem, Jesus, poderia ser? É Ele o Escolhido?*

*Jesus! Que nome!  
Não mais só uma esperança que abraçamos.  
Jesus! Aquele Que Salva.  
Ele realmente veio, realizando todos nossos sonhos?*

*Raiou uma luz  
Em forma de homem!  
Mas bem no nosso meio? Aqui e agora?  
Andando, falando debaixo desse mesmo céu?*

*Nós O veremos?  
Nós O ouviremos?  
Podemos olhar nos Seus olhos?  
Podemos tocar Aquele sobre quem homens profetizaram?*

*Yesu! Que nome!  
Não mais só uma esperança que abraçamos.  
Jesus! Aquele Que Salva.  
Você realmente veio, realizando todos nossos sonhos?*

# Embora Eu Tenha Caído



*Não se alegre a minha inimiga com a minha desgraça.  
Embora eu tenha caído, eu me levantarei. Embora eu esteja  
morando nas trevas, o Senhor será a minha luz.*

*Miquéias 7:8*



Assobiando suavemente uma melodia antiga de celebração, Ashira aproximou-se da casa de Jessé. A alegria que a notícia daquela manhã trouxera ainda corria pela sua mente e não podia ser contida. Com um pequeno pulo, ela alcançou a entrada lateral da casa deles e... ficou paralisada, sua mão se estendendo para a porta entreaberta.

— Elizabete! Quando que você vai aprender?! — a voz aguda soava de dentro da casa mal iluminada, alarmante e dolorosa aos ouvidos de Ashira. — Olhe só para esses pães! Você deixou eles por muito tempo de novo, e agora estão queimados!

Ziva já tinha chegado! Ashira arrepiou-se. Em um instante, seu júbilo se foi. "Ui!" ela suspirou. "Outra tempestade da Ziva!" No auge do verão um dos mais temidos fenômenos galileus era a *sharkia*; pois vinha furiosamente e sem aviso. O dia mais tranquilo podia em alguns minutos se transformar em torrentes geladas de chuva e num vento feroz que arrasava plantações e afundava barcos de pescar pegos de surpresa na devastação. Ashira sempre sentia um impacto semelhante com a presença da Ziva.

Todos os pensamentos do Messias e de seu pai se foram. A única coisa a fazer era aguentar as pontas e encarar o que viria.

Elizabete e Ziva, que estavam em pé perto do fogo, levantaram seus olhares. As duas faces estavam avermelhadas, uma de calor e vergonha e a outra de irritação. O cheiro de pão bem queimado enchia o ar enfumaçado. Ashira as cumprimentou e depois ficou em um silêncio desajeitado. Ziva não parou um momento a sua reclamação.

— Sabe quanto trabalho foi jogado fora por causa da sua falta de atenção? O trabalho da manhã inteira resultou *nisto*! — ela apontou para os pães achatados, torrados e escuros que estavam nas pedras que cercavam o fogo, onde brasas que estavam extinguindo-se brilhavam fracamente. — Vai e fala para seu pai que ele vai ter que esperar um pouco mais para sua refeição. Eu vou buscar mais madeira.

Ziva girou e foi batendo pé em direção à porta pela qual Ashira entrara. Olhando para o rosto atormentado de Ashira, encarou-a com as mãos na cintura. — Bem?! Você não veio aqui só para ficar olhando, né? Não veio na

cabeça que você poderia ajudar? — sem esperar uma resposta, ela saiu batendo a porta.

A face de Ashira avermelhou-se e as ondas familiares de raiva irromperam-se sobre seus pensamentos. Ela jogou sua cabeça para trás. — Elizabete, faz quanto tempo que ela chegou?!

Elizabete, um pouco desajeitada, remexia com a própria túnica. — Hmm... chegou um pouco antes de você.

Ashira bateu sua mão na perna, enfurecida — Aquela mulher é uma especialista em causar encrencas! Será que ela não tem como ficar na dela?!

— Ashira, não fique amargurada. O mundo já está cheio disso. Devemos ter compaixão, não amargura. Não deixe seu coração se destruir.

Ashira calou a boca com força e os punhos dela ficaram brancos enquanto os cerrava. No fundo ela sabia que Elizabete estava certa mas ela não conseguia achar em si mesma nenhum outro sentimento para com a Ziva a não ser uma irritação furiosa. Ela de repente pensou em seu pai e sabia que ele estaria estourando com a mesma raiva se ele estivesse nessa situação. Todo mundo dizia que ela tinha o mesmo gênio de seu pai e ela estava começando a acreditar nisso. Ela sabia que isso precisava mudar.

Ela deu um relance para o pátio além da porta aberta. Esdras apareceu, carregando um homem pequeno e cansado em seus braços. Ela olhou nos olhos de Elizabete e deu um sorriso forçado. — Eu posso colocar as coisas em ordem aqui, Elizabete. Parece que Esdras poderia usar um pouco de ajuda com seu pai.

Elizabete passou sua mão sobre sua bochecha e acenou. Ashira se ajoelhou e começou a jogar os pães queimados dentro de um cesto e empilhar as cinzas velhas num pote. Pegando a vassoura de um canto, ela varreu o chão com movimentos rápidos mas aos trancos. Ela parou por um momento sua atividade agitada para dar uma olhada pela porta.

Juntos, Elizabete e Esdras abaixaram seu pai numa esteira na sombra de uma tamargueira que projetava sobre a parede do pátio. Eles apoiaram seu corpo fraco entre alguns colchões, cada movimento feito com o maior cuidado e bondade. Elizabete estendeu uma coberta que tecera sobre as pernas doentes e torcidas de seu pai, enquanto Esdras o trouxe água. Jessé disse algo que Ashira não conseguiu ouvir bem e os três riram juntos.

Ashira chacoalhou sua cabeça admirada. Desde a morte da mãe deles há anos atrás, os dois filhos de Jessé tinham cuidado do seu pai inválido, suprindo cada necessidade. O peso da responsabilidade que Esdras e Elizabete carregavam, mesmo que tinha ocupado muito de suas infâncias, foi consumido pelo amor completo que tinham pelo pai. Tinha causado uma maturidade além das suas idades.



*"Não consigo imaginar," Ashira pensou. "Perseverando por tudo que eles enfrentam, incluindo as constantes críticas de Ziva, com tanta paciência."*

— Ah, Ashira, obrigada! Agora toda aquela bagunça que fiz hoje de manhã sumiu! — Elizabete despertou Ashira de sua reflexão quando entrou no quarto.

— Alguns pães queimados não é uma grande tragédia — comentou Ashira ainda com um rancor que não queria ir embora. — Ziva nunca veria desse jeito, mas a maioria dos problemas são provocados por ela mesma. Ela faz parecer que a culpa está em todo mundo menos nela mesma. Eu, particularmente, tenho dificuldade em fazer qualquer coisa quando ela está por perto.

Elizabete trouxe a gamela e juntas as meninas começaram a trabalhar a água na farinha para uma nova massa de pão. — Não, foi descuido da minha parte. Estava tão atenta em preparar o tear corretamente que simplesmente esqueci do meu pão.

— Tá vendo? — Ashira cochichou quase triunfantemente. — Até a possibilidade de ela está aqui causa confusão!

Elizabete ficou em silêncio.

Naquele silêncio, Ashira começou a sentir-se impura por suas críticas pungentes. Ela rapidamente aplicou sua energia em preparar o pão com sua amiga, encobrendo o incômodo de sua consciência.

— Meninas, porque não estão no tear? — Ziva entrou com toda sua pose. Seu pano de cobrir a cabeça estava em volta de alguns galhos cortados e gravetos de baixo de seu braço. Ela chutou a porta para fechá-la. — Vocês duas já deveriam estar trabalhando duro naquele tecido. Vão! Eu cuidarei das

coisas aqui. Esperem, porque tanta massa? — Ziva se livrou de seu fardo de madeira e inclinou-se por cima da gamela, examinando a massa. — Ashira, você está fazendo pão suficiente para alimentar sua família inteira. Nós só precisamos da metade disso!

A pulsação de Ashira acelerava e batia fortemente em suas têmporas. Ela tentou protestar — A gente só estava tentando ajudar...

— E o que você sabe sobre ajudar? Ai ai, vai achar outra coisa para fazer antes que cause mais problemas. Eu cuido do pão. — Ziva sentou-se e trabalhou a massa.

Ashira ficou em pé. Sua respiração veio pesadamente e por dentro ela estava agoniada. Elizabete apontou com o queixo para o quarto de trás, sabendo que insistir com sua tia só iria intensificar a situação. — O tear está pronto, Ashira, aqui atrás. — Ashira foi em direção ao quarto.

— Ah... e Ashira, — disse Ziva — Ouvei umas notícias enquanto estava fora. Seu pai saiu de novo, dessa vez para ver algum "*messias*"!

Os ombros de Ashira caíram e ela parou, petrificada. "*Ah não! Essa também não!*"

Ziva continuou — Não foi o que eu disse hoje de manhã? Uma vez que seu pai põe uma coisa na cabeça, você não vai ter ele de volta! Quem sabe o que ele vai fazer agora? Ninguém nem ouviu nada sobre esse novo *messias* ainda. Nenhum dos líderes nem mesmo tem mencionado ele uma única vez, mas seu pai precisava ser o primeiro a investigar! É tolice. Quer saber, tudo isso vai dar em nada e será um desperdício de tempo. E sem falar que ele está deixando sua família. Como é que vocês vão conseguir alimentar tantas bocas? Jerede não sabe trabalhar com pescaria...

Ashira bateu o pé e girou para encarar Ziva. Ela não conseguia conter a torrente de palavras. — Ziva! — ela disse quase gritando — Você não conhece meu pai! Você não entende ele! Você acha que sabe do que está falando? Meu pai não é assim! Ele é bom e ama agente. Você está interpretando sua paixão por Deus como irresponsabilidade, e você está *errada*! Abba ama Deus, e ele *nos* ama também. Você, por outro lado, você... — ela se calou, sem saber mais o que dizer.

Ashira levantou seu olhar, ofegando. Ela conseguia sentir quão vermelho seu rosto estava. Sua mãe estava na porta. Jedida tinha ouvido tudo, e seus olhos estavam arregalados com preocupação e espanto.

— Bem! — Ziva disse com um exagerado tom de ofensa, — Jedida, é essa a educação que você dá a sua filha? Ora, se fosse nos tempos de Moisés, esta criança seria levada para fora e apedrejada por ser tão desrespeitosa!

As mãos de Ashira caíram para o seu lado e ela ficou parada, desviando seus olhos do olhar de sua mãe. Jedida colocou seu cesto no chão e se aproximou de sua filha. Puxando-a pelo cotovelo e trazendo-a para um canto,

elas cochicharam rapidamente. Partes da conversa chegaram até a Ziva enquanto ela cantarolava e trabalhava com a massa diante dela.

— Ashira você nunca deve falar assim! Por isso deve mudar sua atitude e tomar responsabilidade pelos seus próprios erros.

— Mãe, você ouviu. Eu *não podia* deixar ela continuar falando daquele jeito. Eu não quis...

— ...Ashira... Agora!

Ashira arrastou os pés até chegar à Ziva. Ela não olhou para ela. — Desculpe — sua voz sombria e face tensa mostravam tudo menos arrependimento.

— Hummm... — Ziva chacoalhou sua cabeça. Com alguns movimentos rápidos ela arrumou os pães recém modelados ao redor do fogo para assar. Ela se endireitou completamente. — Bem, Jedida, já que você está aqui, eu suponho que é possível que a casa seja adequadamente manejada. Eu preciso ir agora. Tchau.

A mulher alta passou pela porta em um repentino ruge-ruge de mantos bordados. Ashira fez um pequeno som de lamento.

— Vem, Ashira — Elizabete disse, seu coração doendo e sua testa enrugada com preocupação. — Vamos voltar para o tear?

# Quem Creu?

---

Quem creu em nossa mensagem?  
E a quem foi revelado o braço do Senhor?

Isaías 53:1

Jedida e Ashira saíram da casa de Elizabete e se aproximaram do pátio da casa deles em silêncio. Jedida avistou seu irmão mais velho, Lemuel, sentado em um banco com as crianças ao redor dos seus pés. O coração dela começou a se aliviar. O seu irmão sempre tinha uma maneira de fazer com que os seus problemas parecessem menores e ela gostava de vê-lo. Ele sempre fora o impetuoso. Ao se aproximar, ela conseguia vê-lo gesticulando intensamente enquanto descrevia a última aventura que tivera com os Árabes. Ashira, seguindo perto de Jedida, também viu o tio Lem e respirou fundo como que para se livrar das reminiscências da dor e frustração associadas ao encontro com Ziva. Ela também se animou ao ver seu tio favorito.

Jedida abriu o portão para Ashira e ela entrarem. Lemuel viu Jedida e ficou em pé com um grande sorriso, estendendo suas mãos para ela. Jedida examinou seu alto irmão mais velho. Com seus cerca de quarenta anos, o cabelo preto-azeviche estava bem cortado, alcançando sua barba. Sua face elegante estava áspera e bronzeada com os anos que viajara através dos desertos arenosos. Linhas de sorriso rodeavam seus olhos pretos e perspicazes de comerciante. Esse seu irmão sempre fora alguém em quem podia confiar. Quando jovem, Lemuel tornara-se um aprendiz de Nadab, um comerciante rico. Sua mente esperta aprendeu rapidamente o ramo e logo ele ficou conhecido como um excelente comerciante também. E agora, mesmo sendo um dos mais ricos e ocupados de toda a Galiléia, ele nunca deixava de visitar sua mãe, Ana, e sua irmã, Jedida, frequentemente. Ele as amava muito, e elas sabiam disso.

A voz profunda de Lemuel ressoou enquanto ele achava um caminho pelo meio das crianças — Jedida! É tão bom ver você, irmazinha! E Ashira! Puxa, ela vai estar do meu tamanho na próxima vez que eu visitar! — Ashira, um dos membros mais baixos da família, levantou a cabeça sorrindo divertidamente para ele. Jedida deu uma gargalhada e abraçou seu irmão.

— Sim, ela está crescendo em *muitos* aspectos — ela adicionou com um olhar sério para Ashira. — Ashira, que tal você entrar e a gente conversa depois.

Ashira obedeceu em silêncio. Olhando acanhadamente para seu tio, ela entrou de fininho em casa.

Lemuel, um especialista em tranquilizar um momento embaraçoso, virou e anunciou para as outras crianças com um dramático movimento da mão — E então eu miraculosamente escapei com todos os meus bens daqueles bandidos e agora estou aqui para contar isso a vocês! Fim.

As crianças suplicaram por mais. Rindo, Lemuel acenou que bastava, e as pequenas crianças, vendo que não iriam ouvir mais histórias naquele momento, espalharam-se pela casa e pelos pátios.



Lemuel pegou Jedida pelo braço e eles se dirigiram para a sombra da árvore de acácia — Então, irmãzinha, como vão as coisas por aqui? Tudo correndo bem durante as semanas que estive fora?

Jedida pensou por um momento — Depende do quê você chama de 'correndo bem'. Ashira acabou de ficar irritada com a tia da Elizabete, a Ziva...

— Uma característica que ela pegou diretamente de Simão, sem dúvida — Lemuel respondeu brincando.

Escolhendo ignorar esse comentário, Jedida continuou — E Ariel parece ficar mais quieta todo dia. Ela gasta mais e mais tempo no terraço, como se achasse mais prazer em ficar sozinha do que com outros.

— Ah, mas pelo menos ela tem a disposição quieta e doce de sua mãe, mesmo ainda não tendo sua paixão por cuidar de outros — Lemuel disse com um piscar de olhos e um sorriso. — Vamos, vamos. Conte-me sobre os outros!

Jedida continuou — Ezequiel está sempre cheio de energia. E as crianças menores, bem, eu suponho que todo mundo está bem. *Eu* não estaria bem sem a Mãe. Ela é uma ajuda tão grande e eu acho que ela tem mais energia que todos nós juntos! — Lemuel e Jedida riram ternamente juntos.

— E o Simão? Certamente ele já deveria estar em casa? — Lemuel perguntou.

Jedida deu um sorriso distante. Ela virou para seu irmão mais velho. — Não — ela parou por um momento, de repente incerta de como Lemuel

reagiria à notícia. — Eu estava chegando nessa parte — Jedida de alguma maneira não teve a impressão de que Lemuel consideraria isso como sendo as Boas Novas como eles sentiam que era. — Ele partiu hoje. André retornou essa manhã para falar com ele sobre um homem que eles acreditam ser o Messias! — Jedida olhou esperançosamente para seu irmão — Lemuel, o *Messias*!! Eles dizem que seu nome é *Yesu*! — de novo, ela olhou nos olhos de Lemuel, esperando ver um sinal positivo na reação dele. — Assim que Simão ouviu, ele foi com André. Eu não sei por quanto tempo ele vai estar fora, mas, Lem, ele pode realmente ser Aquele por quem esperamos!

Lemuel ficou pensativo por um momento — Então Simão foi para tentar descobrir mais sobre esse homem. Bem, Simão e eu temos nossas diferenças, mas se ele acredita tão fortemente que ele foi chamado para achar um Messias... bem, eu posso pelo menos dizer que admiro isso num homem.

Jedida balançou a cabeça ao sentar num banco ali perto, duvidando das suas palavras. Lemuel e Simão eram tão diferentes quanto dois homens podiam ser. Lemuel era educado, culto e tinha paixão em ser "responsável". Aos olhos do seu irmão, Simão era a pessoa mais inculta e desinteressante que já houve. Lemuel era rico e bem sucedido e Simão, bem, Jedida sempre achava que o seu coração compensava por quaisquer riquezas que talvez faltasse. A sua paixão era certamente mais pelas coisas de Deus, pois pensava que se isso estivesse em ordem, a casa também estaria. Sim, os dois homens eram bem diferentes. Quando ela ia começar a dizer algo, Ana chamou da cozinha — Lemuel? Venha para dentro e coma alguma coisa. Você deve estar faminto!

Lemuel piscou para sua irmã e, colocando uma mão no ombro dela gentilmente, beijou o topo de sua cabeça. Então, aceitando o chamado da mãe, atravessou rapidamente o pátio e entrou na cozinha enquanto Jedida virou sua atenção para as crianças.

Uma vez dentro da casa, Lemuel encheu uma mão com as tâmaras que Ana ofereceu e começou imediatamente a reclamar sobre Simão. Ele claramente não estava apoiando Simão o tanto quanto havia sugerido antes. Na realidade, ele estava irado.

— Mas, Mãe — ele disse tentando conter a voz — ele deixou sua família inteira, sete crianças e duas mulheres para seguir um homem que ninguém nunca ouviu falar, que ele nunca viu e quem seu *irmão* diz ser o Messias? É o cúmulo do absurdo! Jedida está começando a cansar. É evidente que ela não está somente cuidando dessa casa mas colocando sobre si a responsabilidade de ter certeza de que a casa de Jessé é suprida também. E na verdade, você não parece estar muito bem também! Nove bocas mais vizinhos para alimentar é muito. Quem vai cuidar da pescaria? Jerede?! Ele não foi feito para pescar!

Ana, que estava indo de um lado para o outro da cozinha trabalhando, neste momento olhou para ele — Pera aí, filho. Dá para se viver de pescaria. E Jerede irá se adaptar. Jedida é muito econômica! — ela esvaziou um cesto de tâmaras em um saco de ráfia. — Nós ficaremos bem — ela fechou o saco com um puxão no cordão. — E por que você está chamando a procura de Simão pelo Messias de "o cúmulo do absurdo?" Não é que nosso Povo sempre tem ansiado por um Messias? Nossa nação inteira gira em torno de tal momento, de tal era. Porque você está zombando? Porque *não* seria agora? Porque *não* seria nós? Todos que tem ouvido sobre Ele têm se admirado e se entusiasmado. Até Ezra, Lem, e você sabe que *ele* conhece as Escrituras. — Ela suspirou exasperada e continuou — O profeta João apontou para esse homem Jesus. Você nem consegue considerar a *possibilidade* de que Ele seja o Messias?

Lemuel encheu a mão de tâmaras outra vez. Os olhos dele se arregalaram ao verem uma minhoquinha se espremendo na sua mão. Ele jogou tudo que estava na mão no monte de lixo e continuou a dar passos largos de um lado do quarto para o outro.

— Mãe, têm alguns fatos da vida que você não parece entender. Primeiro, sonhos sobre um Messias não alimentam uma família. E, é claro que eu anseio por um Messias do mesmo tanto que você anseia. É claro que, como você disse, todo Israel está ansiando por um Libertador. Mas nós dois sabemos que muitos falsos libertadores têm surgido e CAÍDO, e quantas pessoas foram machucadas. Eles têm se provado falsos ao decorrer do tempo. É perigoso e desnecessário para Simão arriscar sua família dessa maneira. Muitos Galileus correm atrás de todo homem que declara ser o Messias, só...

Ana levantou sua mão com autoridade — Lemuel, você é meu filho. Por essa razão você deve pelo menos me ouvir. Você certamente se lembra do que o profeta Isaías declarou:

*No passado Ele humilhou a terra de Zebulom e  
de Naphtali, mas no futuro honrará a  
Galiléia dos Gentios, o caminho do mar...*

Lemuel estava andando de um lado para o outro, ainda escutando, mas muito agitado para ficar de pé parado. Vendo que ainda tinha a atenção dele, Ana continuou — O profeta estava se referindo a nós, Lemuel! Aqui, esta terra, Galiléia, a terra de Zebulom! Você conhece as outras promessas tão bem quanto eu... poderíamos continuar por horas. E ainda mais, Jesus já foi declarado pelo batizador João ser o Cordeiro de Deus e Salvador do mundo. Eu creio que isso faz este homem *bem* diferente. Dez mil impostores nunca poderão roubar a Verdade, se formos corajosos.

— Talvez... — Lemuel murmurou hesitante.

Ana continuou — Eu aprecio que Simão estava disposto para pelo menos ir e descobrir, apesar de que poderia haver um custo para sua família. E, meu filho, você sabe que Jedida e eu somos muito capazes de criar uma família mesmo quando as coisas estão um pouco difíceis. Mas, — ela disse, quando Lemuel tentou interromper — eu sei que precisaremos de ajuda. Como Adonai tem provido todos esses anos, talvez seja por isso que você está aqui.

Jedida, trabalhando no pátio, ouviu partes da conversa entre o irmão e a sua mãe. De um lado, parte do que Lemuel dissera estava correto. Simão *tinha* deixado tudo e ele deixando de pescar até mesmo por alguns dias seria um desafio a mais para a habilidade dela de poder alimentar e cuidar da família. Por outro lado, se o próprio Adonai Elohim ordenara a esse Jesus para ser Seu rei, então não deveria Simão segui-lo? Depois desses tempos difíceis poderiam vir os tempos de grande prosperidade pelos quais todo Israel ansiava. E além do mais, sua mãe era uma das pessoas mais sábias que ela conhecia. Se Ana acreditava que tudo terminaria bem, então seria assim... Não seria?

Os pensamentos de Ashira disparavam enquanto ela se preparava para dormir. "É difícil acreditar que foi há pouco, nessa manhã, que abba e eu falamos sobre a profecia de Isaías. Parece que já passou dias desde quando estávamos conversando nas margens do lago. Aquela frase, aquele nome maravilhoso: Príncipe da Paz... Isso é certamente o que eu preciso, um Príncipe de Paz. O Prometido será chamado Maravilhoso Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade...e Príncipe da Paz. Será que Yesu é isso? Tudo dentro de mim anseia por isso!



Mas tudo está numa bagunça tão grande. Eu sou uma bagunça. Não sei o que odeio mais: Ziva ou minhas reações para com ela. Eu certamente preciso de paz quando chego perto dela. Mas até agora Jesus tem levantado tudo menos paz. Meu abba está fora de novo. Tudo parece instável e agitado por causa disso. Até tio Lem, que consegue sorrir nas horas mais difíceis, está claramente perturbado com o simples mencionar do homem, Yesu. Nem um dia inteiro se passou desde a "vinda" desse Messias e tudo em meu mundo ficou de ponta cabeça. O que tudo isso significa?

Eu não sei... Talvez a paz que foi profetizada tem mais a ver com política nacional de como acabar com o domínio Romano e restaurar a nação de Israel? Eu sei que é certamente isso que algumas pessoas pensam.

# Estenderá o Seu Domínio

*Ele estenderá o seu domínio, e haverá paz sem fim sobre o trono de Davi e sobre o seu reino, estabelecido e mantido com justiça e retidão, desde agora e para sempre.*

*O zelo do Senhor dos Exércitos fará isso.*

*Isaías 9:7*

A porta abriu com um alto e triste rinchar e fechou com um estrondo violento — Cheguei! — Ezequiel gritou.

Jedida entrou no quarto com passos leves — Oi Ezequiel! — ela disse com um sorriso radiante. — Que tal você descer para o lago para ajudar Jerede um pouco? E aí você pode ir brincar com seus amigos se você quiser. Eu vou dar um pulinho no vizinho para ajudar Elizabete.

— Sim, mãe, mas depois que eu ajudar Jerede limpar as coisas da pescaria, posso ficar em casa? Eu vou fazer uma coisa! — ele disse, seus olhos marrom-escuros brilhando. Jedida deu um pequeno aceno e ele se foi. Ele começou a se apressar para fora do portão em direção ao lago, mas Ashira, que estava chegando da horta, o parou.

— Oi, Ezequiel. Onde você está indo com tanta pressa? Será que tem sangue de pescador nas veias e nem dá para esperar para sentir o vento em seu cabelo e o ar do mar em seus pulmões... Ou, será que essa pressa toda é para voltar para a sinagoga?! — Ashira sorriu, sabendo que seu pequeno irmão sempre estava muito mais animado fora da sinagoga do que dentro dela. Ezequiel deu um sorrisinho de volta. Ashira continuou, em um tom de voz bem mais sério — Como foram as aulas na sinagoga hoje? O rabino teve algo para dizer sobre o Messias... Eu sei que toda Cafarnaum só fala disso.

— Sim, ele fala muito, mas nada sobre o homem Jesus. Ele fala mais sobre coisas em geral tipo: "Essas são as perguntas que todos nós devemos nos perguntar sobre este Messias." Ele diz que Israel precisa de um libertador agora mais do que nunca. O rabino diz que se este é o verdadeiro Messias, Deus provavelmente... quero dizer *talvez*... vai dar para Ele um grande exército como aqueles do passado para Ele derrotar os romanos.

— E o que é que você diz? — Ashira perguntou.

— Eu digo que quero estar com o pai e ver o Messias quando ele passar. Eu quero ver seu exercito poderoso!

Ashira sorriu e balançou sua cabeça dizendo — E suponho que você vai querer fazer parte também!

— Eu acho que Ele não ia aceitar um menino de onze anos em seu exército — Ezequiel disse em tom meio sério.

— Provavelmente não — Ashira disse, ficando séria igual a ele. Ela virou, sorrindo secretamente para si e entrou dentro de casa.

Ezequiel desceu o morro em disparada para ajudar seu irmão nas margens do lago.



Mais tarde, quando o trabalho do dia nas margens acabara, Ezequiel subiu correndo de novo para casa e chamou cantarolando — Ariel! Onde você está? Quero falar com você!

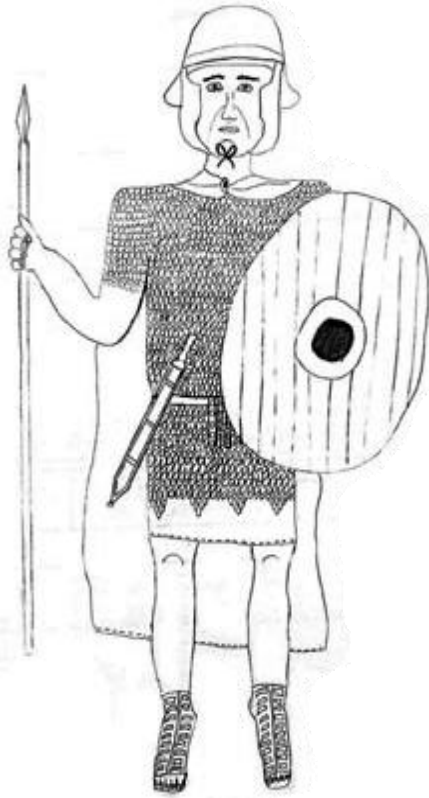
— Aqui! — Ariel respondeu do estábulo, onde ela estava tirando leite das cabras.

Ezequiel entrou correndo — Ah! — ele disse em uma voz muito satisfeita. — Você está no lugar perfeito para ouvir meu espetáculo! Eu inventei uma música para você quando estava limpando as redes perto do lago. Lá vai! — Ariel observou com surpresa Ezequiel começar a cantar.

*Cabra engraçada, bem atrapalhada,  
tão burrinha, peludinha.  
Quando come a barriga fica inchada  
E que fedor na chavinha!  
Mas seu leite é bem gostoso  
Sempre bebo esse leite tão vistoso.*

Quando ele terminou, Ariel bateu palmas cortesmente e Ezequiel se curvou como se estivesse num palco — Agora posso fazer aquela espada — ele disse saindo do estábulo. — Vamos ver, onde coloquei aquela faca? — ele olhou arredor do pátio por alguns minutos. — Ahhh, aqui está! — achando a faca na prateleira perto da porta, ele sacou uma tabuinha do seu cinto de cordão, sentou em um banco de pés bambos no pátio e começou a esculpir uma "espada". Ao esculpir a madeira, sua mente vagou para o que acontecera alguns dias antes ao correr na rua que dava na sinagoga.

*"Estava querendo sair um pouco daqueles peixes salgados, fedorentos! Lá vamos nós," ele disse em voz alta para si. "Passando a casa de Shemuel, passando a casa de Daniel, passando o curtidor... puxa, isso fede! Quase lá, quase lá, a casa do rabino, tá bom... ei!" ele parou tão repentinamente que quase caiu. "Uma centúria está marchando! Cem soldados! E um homem, o centurião, comanda todos eles! Hmmm, o centurião é aquele feio com grandes sobrancelhas? Não, não! Aquele que nunca sorri? Não, eu acho que este é um centurião novo, recém-chegado de Roma!"*



*Ezequiel soltou um assobio longo e continuou cochichando para si: "Olhe só para aquele cavalo! Preto escuro com uma única estrela. Uma sela com as marcas de César. E os legionários!" Ezequiel lembrou-se que o brilho que refletira da couraça do legionário era tanto que teve de piscar. "Todos têm armaduras novinhas e suas adagas nos cintos parecem tão perfeitas e brilhantes. Todos estão marchando perfeitamente, nem um fora do passo." ele endireitou seu cinto de cordão. "Ummf, um dia nós teremos um exército como esse." Ezequiel colocara seus ombros para trás e começou a marchar em tempo com os soldados. Cuidadoso para não trair em seus olhos a hostilidade que seu jovem coração fora treinado para sentir contra esses invasores pagãos, colocou sua boca*

*em uma linha reta e suas sobrancelhas inclinadas para seu nariz. Sua face estava tão séria e estava completamente desprevenido quando deu uma nova olhada para o centurião no cavalo preto e pensou que o oficial havia piscado para ele.*

Ezequiel suspirou e disse em voz alta — Isso foi o máximo, mas me deixou atrasado na sinagoga.... de novo.

Ezequiel foi de repente despertado de seus pensamentos quando Rebeca chegou saltitando no pátio e parou para observá-lo. — Que cê tá fazendo, Zequi? — ela perguntou.

— Eu estou fazendo — ele disse orgulhoso levantando a tabuinha — uma espada! — Um sorriso veio no seu rosto.

Rebeca deu gargalhadas — Pra que cê precisa de uma espada?

Mantendo seus olhos no que estava fazendo, Ezequiel disse acanhadamente — Bem, eu quero fazer de conta que sou parte do exército poderoso do Messias e quero ajudar livrar Israel! O Messias vai levantar um exército e eu quero fazer parte dele. Eu sei que os soldados romanos são gloriosos, mas será mais glorioso derrotar eles para sempre!

Rebeca olhou para ele com cara de quem não entendeu muito bem. — Ahh, tá — ela disse sem mais interesse, e continuou saltitando e cantarolando para si.

Ana, que estava escutando a conversa da casa, saiu para o pátio e sentou do lado de Ezequiel. Ele estava contente por ela ter vindo. Vovó Nana sempre ansiava por um Messias. Ele sabia que ela certamente gostaria da sua criatividade. Ana disse — Então, você está fazendo uma espada para derrotar os inimigos de Israel?

— Tô — Ezequiel acenou com a cabeça entusiasticamente, sem levantar o olhar.

— Bem, como foi que Davi conquistou Golias? Ele usou a armadura de Saul e saiu com uma espada afiada e um escudo? Certamente, não! Ele saiu para o campo, equipado só com uma simples funda e...



— Boa idéia! — Ezequiel interrompeu — Vou fazer uma funda nova, melhor que a minha velha!

Anna riu baixinho para si — Ah, mas me deixe terminar, Ezequiel. Davi saiu para lutar com o gigante somente com uma funda, suas pedras, e sua fé em Deus. Ele tinha paixão pelo Deus de Israel. Deus honrou isso e ajudou Davi a vencer Golias. Será que Deus não pode fazer o mesmo hoje?

— Sim, Nana — Ezequiel disse, pensativo por suas palavras, e tomou coragem para perguntar — Mas parece que todo mundo fala sobre O Ungido restaurando Israel. Como Ele vai fazer isso sem um exército?

Anna respondeu pensativa — Ah, é possível que Ele prepare um exército, Ezequiel. O profeta Isaías fala sobre o Rei vindouro *destruindo o jugo que oprime Israel, a canga sobre nossos ombros, a vara de nossos opressores*. Mas sempre foi verdade que Adonai olha para o coração do homem, NÃO para suas armas. Talvez seja por isso que o Batizador fala tanto sobre arrependimento. Filho, prepare seu *coração* para o Rei.

Ezequiel sobriamente considerou as palavras de sua avó. — É, eu quero preparar meu coração. — Pensou mais um pouco, seus olhos brilharam, e disse — E minha espada!

### ***A oração de Ana***

*Ó, Redentor, nós ansiamos por Você!!*

*É verdade AGORA?*

*Que nosso Redentor vive, e  
AGORA levante sobre a terra? (Jó 19:25)*

*Ó Senhor, Nossa Rocha, Nosso Redentor,  
O Poderoso de Jacó,*

*Você traçou um caminho pelo mar,  
Um caminho pelas águas poderosas,  
Você expulsou aquele exército*

*E os derrubou lá*

*Para nunca mais se levantar. (Is. 43:14)  
Você nos resgatará novamente?*

*Ó Senhor, Nossa Rocha, Nosso Redentor,  
Contenda com aqueles que contendem com Seu escolhido,  
Salve-nos, salve nossos filhos, (Is. 49:24)*

*Desça para fazer Seu Nome*

*Conhecido pelos Seus inimigos,*

*Não lembre os nossos pecados para sempre,  
Olhe para nós, pedimos. (Is. 64:2-9).*

*Ó Senhor, Nosso Criador, Nosso Redentor,  
Nos traga de volta com grande compaixão, (Is. 54:6)*

*Venha para nós, Ó Redentor,*

*Para aqueles que se arrependem de seus pecados, (Is. 59:20)*

*Permita que Sua glória raia em nós (Is. 60:2)*

*Permita que todos que nos desprezam se curvem*

*E nos chamem de a Cidade do SENHOR.*

*É agora a hora*

*Para a coisa nova que prometeu?*

*Ó Senhor, Nossa Rocha, Nosso Redentor,*

*Faça um novo caminho no deserto,*

*Dê o que beber para Seu povo, Seus escolhidos. (Is. 44:24)*

*Restaure as ruínas,*

*Reconstrua-nos novamente,*

*Ensine-nos o que é melhor*

*Nos dirija no caminho que devemos ir. (Is. 48:17)*

*Então todos saberão*

*O SENHOR é Nosso Salvador,*

*O SENHOR é Nosso Redentor,*

*O Poderoso de Jacó. (Is. 60:13)*

# Convidados!

*No terceiro dia houve um casamento em Caná da Galiléia.  
A mãe de Jesus estava ali; Jesus e seus discípulos também  
havia sido convidados para o casamento.*

*João 2:1-2*

**A**riel desceu correndo os degraus que vinham do teto — Zequi, Shira, Mãe... é abba! Abba tá vindo das margens!

Ezequiel rapidamente colocou a faca de esculpir de lado — Abba chegou? Legal! Você viu se o homem Jesus estava com ele?

— Eu não sei — Ariel respondeu ao alcançar o portão do pátio.

Rebecca e Kitra já estavam na sua sombra, tentando pegar um relance de seu papai — Parecia ser só o pai vindo.

Simão chegou ao topo da última elevação no caminho que seguia para a casa deles e foi recebido com uma multidão de abraços e apertos de suas três filhas mais novas.

— Abba! — Rebecca exclamou — Nós sentimos tanto sua falta!

Ezequiel estava logo atrás das meninas. — Oi, pai! — ele nem pausou antes de mergulhar naquilo que realmente lhe interessava. — O Messias está com você? Ele está aqui em Cafarnaum? Ele vai juntar Seu exército poderoso para conquistar os romanos? Queria tanto ver Ele! — Ezequiel dançava ao redor de seu pai animadamente.

Simão deu uma gargalhada confusa — Bem, Zequi. Até agora não ouvi nada sobre um exército. Nós vamos para um casamento em Caná. — Simão forçou seu caminho ansiosamente para a casa com as crianças menores ainda agarrando-se nele. Mas não Ezequiel. Ezequiel tinha parado de vez, abismado. *"Nem um exército? Nem uma guerra? Ele não vai derrotar os romanos? E agora vai para um casamento?"*

— Ashira, minha filha! — Simão berrou alegremente. — Tenho tanto para contar! Mas tenho pouco tempo. Vem cá! — Ele deu um abraço nela.

— Ó, abba, senti tanto a sua falta! Eu estava começando a pensar que... — Ashira interrompeu-se.

Simão momentaneamente ponderou a hesitação dela, mas virou-se rapidamente quando ouviu outras vozes familiares. Ele calorosamente trouxe sua sogra e sua esposa para dentro de seus braços poderosos. — Ana! E minha querida Jedida. Se fosse possível, contaria tudo que tem acontecido nesses últimos dias. Eu...



Simão foi interrompido por crianças alegres agarrando suas pernas outra vez. Dando cócegas na agitada Kitra enquanto ela descia, ele levantou o nenê. E deu a ele mais um rústico beijo antes de dá-lo à sua mãe.

— Abba, — Rebecca disse ansiosamente — Quando é que você vai voltar com o Messias?

— E-eu não sei. Eu...

— Mas... — Ezequiel começou ainda um pouco abalado com seu sonho de um exército sendo substituído por uma festa de casamento — Mas eu pensei... Ele não vai derrotar os...

— Zequi, eu simplesmente não sei. Não tenho ouvido nada sobre um exército e nem sobre romanos.

Ashira nunca tinha ouvido seu abba dizer as palavras "Eu não sei" tantas vezes. *"Ele não está tão confiante quanto antes. Por que será?"*

— Simão, — Ana disse — Certamente você está com fome depois dessa viagem toda. Vou preparar algo para você comer. — Ela foi em direção à cozinha.

— Muito obrigado, Ana. Estou faminto!

— Shira! — ele gritou interrompendo as inúmeras perguntas. — Onde está sua mãe? JEDIDA! — ele berrou, para então descobrir que ela estava bem atrás dele, inteiramente apreciando a aventura. — Ah! Você tá aí! Ei, você pode me dizer onde estão minhas melhores roupas, e as de André, também?

— Elas devem estar naquele velho baú — ela respondeu. — Simão, como Ele é, esse Jesus?

Simão parou contemplando Jedida. Os olhos dela procuravam por uma resposta. — Eu não sei como descrever Ele. Ele é, bem... eu... você simplesmente vai ter que ver por você mesma!

— Ele é o Prometido por Deus para redimir Israel? — ela perguntou. — Ele é o Messias?

— Bem, eu acho que sim... e eu imagino que sim... Ele não é exatamente o que estávamos esperando todo esse tempo. — Olhando para Ezequiel ele adicionou — Ele não tem falado sobre derrotar os romanos ou algo assim. Mas todos nós sentimos atraídos a Ele... Ele é tão incrível e maravilhoso... e nos desafia... Ele é tão difícil de *decifrar* e de alguma maneira, eu acho, nEle estão todas as minhas respostas. Eu realmente me vejo muitas vezes confuso.

Simão desistiu de sua tentativa de explicar. Ele entrou com estrondos na sala, as crianças correndo atrás dele. Ele resmungou ao puxar um baú empoeirado com as dobradiças meio soltas da tampa, e por isso teve que ajeitar uma posição para que ficasse aberta. — Ah! Aqui estão. Exatamente que eu precisava para o casamento!

— Abba, abba! — Kitra disse ao pular para cima e para baixo. — O Messsi-a vai casar?

Simão rompeu em gargalhadas — Bem, eu sei a resposta disso! Não, não querida. A *mãe* de Jesus foi convidada para um casamento em Caná, e ela pediu que Jesus viesse com todos Seus discípulos. André, João, Tiago e eu vamos com Jesus. Até Felipe e Natanael vão.

— Cê é um disciplo? — Kitra perguntou inocentemente.

— Eu... é... bem, eu suponho... eu nunca pensei... eu, isso, eu acho que sim... — Simão disse, perplexo com a pergunta simples de sua filha.

O bebê agarrou a perna de Simão e puxou-o — Ah, meu pequeno, abba sentiu sua falta! — Simão outra vez levantou seu filho mais novo. — Você está sendo um bom menininho? — Simão disse ternamente, dando cócegas no bebê.

Ele finalmente tirou as roupas do baú.

Jerede entrou na casa, suas redes jogadas por cima de seu ombro. Ele logo parou. — Pai, você voltou!

A face de Simão iluminou-se ao ver seu filho mais velho. Andando até Jerede em grandes passos, Simão o abraçou. Jerede ficou chocado com o raro afeto de seu pai.

— Como vai a pescaria, filho? — Simão perguntou.

— É... desculpe pai — Jerede admitiu com um pouco de temor — não tão bem.

— Ah, tudo bem. Você vai pegar o jeito. — Simão lutou por dentro um pouco. — Eu vou voltar assim que puder, mas você acha que pode trabalhar por mais algumas noites?

— Sim, Esdras tá me ajudando. — Jerede estava atônito. *"Desde quando pouca pescaria tem sido tudo bem para o pai?"*

Completamente admirada, Ashira observou seu pai e Jerede. *"Abba realmente parece estar diferente."* Em voz alta, Ashira persistiu com as perguntas que queimavam dentro de todos eles — Abba, como é esse Jesus? O que Ele tem falado. O que Ele vai fazer?

— Quando eu voltar do casamento, eu vou tentar responder todas as perguntas que puder. Mas, vocês devem entender que eu também tenho muitas perguntas. Vocês vão ver. Espero que vocês conheçam Ele logo.

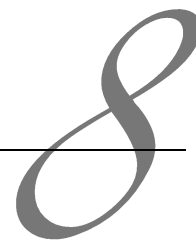
Ezequiel disse esperançosamente — Pai, quando você ir para o casamento, posso ir com você? Vou ser um bom menino e não vou ficar para trás!

Simão sorriu e olhou para Ezequiel — É, você provavelmente não ficaria para trás. Aliás, é mais provável você ficar na frente! Mas, não, filho, você precisa ficar aqui e ajudar Jerede pescar e cuidar de sua mãe e suas irmãs. Não se preocupe, Jesus e todos nós voltaremos para Cafarnaum logo.

*"O que será", Jedida pensou, "O que será que esse Jesus faz e diz? Em tão pouco tempo, eu posso ver que Simão está mudando. Ele é tão barulhento e brusco quanto antes, mas... não tão... auto-confiante! Ele certamente está mais amável para com Jerede, e depois de apenas alguns dias com esse homem que ele está seguindo! Isso não é só um acidente ou uma coincidência. Tem uma razão para isso. Deve ter alguma coisa especial sobre esse homem Jesus".*

Simão olhou para sua esposa *"Ela sabe exatamente o que estou pensando... como sempre. Dessa vez ela sabe que eu sei... nada"* ele encontrou o olhar dela sem jeito. E então, sem saber o que fazer, ele encolheu os ombros e mais uma vez voltou a brincar com as crianças.

# Parece Tão Certo!



*Há caminho que parece reto ao homem...  
Provérbios 16:25*

**P**—Puxa! Deve tá cheio! — Jerede disse ao puxar a rede de pesca. Ele livrou seus olhos do cabelo preto e molhado. Esdras se esforçava com outra rede ao lado dele. Novas gotas de suor se formavam em suas testas mesmo com o ar frio daquela manhã cedo.

— Acha que devemos lançar as redes mais uma vez antes de voltar? — Esdras perguntou, esperando sua rede emergir da superfície da água.

— Ah não, trabalhamos a noite inteira... — Naquele momento a rede de Jerede saiu da água tão repentinamente que ele caiu para trás no barco. A embarcação balançou de um lado para o outro.

— Opa! — Esdras gritou. A tocha de resina, montada em um dos lados do barco, colocada tanto para atrair os peixes quanto para servir de luz para trabalhar à noite, soltou-se. Ela caiu na água e chiou ao se apagar. Jerede resmungou e levantou a mão para estabilizar Esdras. Ao Esdras tentar recuperar seu equilíbrio, as cordas da rede escaparam de suas mãos. Ele deu um salto para pegar de volta agarrando-a bem antes de ela desaparecer no outro lado do barco, mas os peixes já estavam rapidamente escapando da rede solta. Tombou e caiu deitado em cima de uma das pernas de Jerede com sua cara bem perto de uma pilha de peixes. Os dois ficaram imóveis. Esdras quebrou o silêncio caindo na gargalhada. Os ombros de Jerede caíram mostrando seu desânimo, mas, ele não resistiu e abriu um sorrisinho.

— Bem, não vai demorar muito para escolher os peixes essa manhã — ele disse olhando sua rede com somente a metade cheia, e a rede vazia de Esdras. — Desculpe.

Esdras, ainda rindo, levantou-se, agarrou a pesca escassa e sentou no lado oposto de Jerede. — Eu vou separando os peixes e você rema — ele disse com um tom de brincadeira.

Jerede sorriu e pegou os remos. Ele observava Esdras começar a puxar peixes da rede. Era uma rede de mão, pequena e circular, com o diâmetro mais ou menos do tamanho do braço de um homem. Pesos no perímetro puxavam-na para baixo quando jogada na água. Quando uma corda, presa no centro, era puxada, a rede se fechava ao redor dos peixes.

Os peixes mexiam-se entre os dedos de Esdras ao jogá-los no chão do pequeno barco de madeira. Jerede não se sentiu mal em deixar Esdras separar os peixes. De todas as coisas que ele odiava na pescaria, essa era a

pior. Mesmo assim, precisava ser feito. Tilápia e sardinhas eram separadas, algumas para guardar, e outras para clientes judeus. Bagres e lampréias seriam vendidos para gentios.

Enquanto Jared remava, sua mente começou a vagar longe de seu pequeno barco de pescaria no Mar da Galiléia. Seu Tio Lemuel falara para ele sobre os enormes navios de comércio com centenas de remos no Mar Grande. Ele nunca vira o Mar Grande, que se esticava das margens de Israel para Grécia, Roma, e além. Mas, quando era ainda menino, ele prometera a si que um dia ele o veria. Lemuel também fora a leste em perigosas caravanas de camelos. As aventuras de Lemuel o pagaram bem e ele era o homem mais rico que Jared conhecia.

— Se eu... — Jared suspirou.

— Que? — Esdras levantou seus olhos.

— Ah, eu só estava pensando em meu tio.

— Você realmente quer ser um comerciante, não é? — Esdras perguntou.

Jared fixou seus olhos com as sobrancelhas enrugadas nos poucos peixes no fundo do barco ao puxar os remos para perto de seu peito.

— Eu não consigo pescar, Esdras. Sou terrível nisso! Isso sempre foi óbvio. Por que não posso usar minha mente, e não meus músculos?

Ele olhou para seus braços e eles riram. Jared obviamente herdara o corpo delgado de sua mãe, e ele há tempo desistira de desafiar Esdras para uma competição de braço de ferro. Depois, em tom sério, Jared continuou — Tio Lem disse para meu pai que tenho habilidade com números. Ele quer me levar como seu contador. Ele diz que vou ganhar o dobro comerciando que em pescaria. O dobro, Esdras!

— Seu pai não vai deixar você ir, né? — Esdras perguntou baixinho.

Jared suspirou — Não. Pelo menos, ainda não. — Depois ele se animou — Mas eu ainda não desisti. Parece tão certo. E por que não? — suas mãos se firmaram nos remos ao remar. — Semana passada, meu tio me convidou para sua próxima viagem para a Grécia. Eu vou perguntar meu pai sobre isso quando ele voltar... Sei lá quando isso vai ser!

— Ele está num casamento em Caná, não é? — Esdras disse curiosamente.

Jared retornou um olhar desamparado — Ele voltou para casa alguns dias atrás, afirmando que estava com tanta fome que poderia comer metade dos peixes no mar. Eu pensei que ele ia ficar um pouco bravo comigo por deixar os peixes seguramente no mar. Mas dessa vez, meu pai estava... eu não sei... diferente. Eu acho que mais sensível. Aí, ao invés de voltar para pescar, ele anunciou que iria para um casamento! — Jared pausou, olhando para Esdras. — Sabia de uma coisa? Meu pai disse que Jesus deu um novo nome para ele!

Esdras interrompeu — Um novo nome?

— É, — Jared disse, chacoalhando a cabeça. — Pedro, quer dizer pedra.

— Pedra, é? — Esdras sorriu, abismado. O Simão que ele conhecia era impulsivo, imprevisível, explosivo, com uma fascinação por pescar que Jerede nunca entenderia. "Pedra?"

— É, e agora não consigo entender ele — Jerede disse quase para si. — Desde que meu pai ouviu sobre Jesus, ele quase nunca fica em casa. E agora ele foi para um casamento. Por que estariam indo para um casamento, a final de contas? Em Caná? Nós nem conhecemos ninguém em Caná!

Depois de um silêncio Esdras disse — Para falar a verdade, eu teria ido com eles. Eu gostaria de ver Jesus pessoalmente!

— E onde eu estaria se você tivesse me deixado, também? — Jerede exigiu, atirando um peixe em Esdras, brincando.

Esdras abaixou-se rapidamente — Mas se Ele for O Prometido, Jerede?

Jerede não tinha uma resposta para isso. Por algum tempo o único som era o rítmico tibungo dos remos.



— Consigo ver as margens daqui — Esdras finalmente disse. — Que tal ser a minha vez de remar um pouco.

— Sim, acho bom descansar um pouco! Eles trocaram de lugares e Jerede encostou-se na popa do barco. Ele cruzou seus braços atrás de sua cabeça e olhou para o céu que clareava. — Então, o que é que os rabis e fariseus pensam sobre Jesus? — Jerede perguntou.

— Eu não sei — Esdras disse. — Eles não estavam impressionados com João, mesmo que meu coração queimasse quando ouvia suas palavras. Mas, também tinha o Jairo, um líder na sinagoga aqui na Galiléia. Ele certamente foi impactado com que João disse.

Jerede concordou. Ele também fora movido pelas palavras do Profeta. Ele e Esdras falavam sobre elas muitas vezes, e Esdras repetidamente o lembrava do que tinham ouvido. Ao falarem sobre o Messias, o entusiasmo de Esdras só se intensificava.

Jerede sempre desejara ser tão zeloso quanto seu amigo. Ele admirava a paixão que Esdras tinha para com a lei e para com o povo de Deus. Jerede sempre tentara se importar e prestar atenção na sinagoga e em casa quando as leis de Moisés ou a vinda do Messias eram discutidas. Porém, ele não podia negar sua falta de fervor quando comparado com seu amigo. *"Talvez não sou esse tipo"*, ele pensou. *"Eu quero servir a Deus. Quero que minha vida e minha profissão honrem Ele. Aliás, meu Tio Lemuel é um excelente exemplo disso. Ele é fiel a sua profissão e ao mesmo tempo generosamente contribui e regularmente frequenta a sinagoga"*.

Jerede de repente levantou o olhar — Opa! Estamos mais perto das margens do que pensei!

Esdras remava cuidadosamente agora. Eles estavam indo na direção de um monte de barcos que também traziam sua pesca. Vários pequenos fogos brilhavam em vários lugares na margem pedregosa onde mulheres ajudavam espalhar peixes em grelhas. O cheiro forte de peixe assando já enchia o ar.

Os dois jovens pularam do barco na água fresca e puxaram-no para margem. De algum lugar atrás dele, Jerede ouviu seu nome. Ele virou e viu Ezequiel saltando velozmente para baixo do monte em direção ao lago. Jerede sorriu ao observar Ashira correndo logo atrás dele.

— Jerede! Jerede! — Ezequiel gritou enquanto ele e Ashira se aproximavam. — Você ouviu? Jesus transformou água em vinho! Você ouviu?

— Como assim, Ashira? — Jerede perguntou. Ele reparou Esdras atrás de seu ombro direito ouvindo ansiosamente.

— É verdade! Foi um milagre! — ela disse quase sem fôlego. — O vinho acabou no casamento em Caná e Jesus disse para os servos encherem alguns jarros com água e, então Ele transformou a água em vinho! — ela pausou, ofegando. — E eles estão voltando para Cafarnaum. Todos eles!

— Você ouviu isso? — Esdras disse, agarrando o braço de Jerede. — Nós vamos ver Ele! Nós vamos ver Jesus! — A face de Esdras estava radiante.

Jerede sentiu seu próprio coração bater com entusiasmo. *"Água em vinho! Incrível!"* — Eles estarão aqui logo?

— Eu não sei — Ashira disse. — Alguns mercadores ambulantes trouxeram a notícia na frente de Jesus e de abba. Eles estão a caminho!

— Vamos lá, Esdras! Vamos cuidar desses peixes! — Jerede olhou no fundo do barco. — Humm, isso não deve demorar muito.

Enquanto ele e Esdras jogavam os poucos peixes em um cesto, Jerede pensou sobre os mercadores que Ashira disse que trouxeram as notícias. Um forte sentimento de urgência brilhou nele. *"Talvez eu possa perguntar pro pai de novo sobre ir com Tio Lemuel. Pode ser que ele esteja disposto a escutar desta vez. E finalmente vou poder ver o homem que cativou meu pai"*.

# Um Fogo Aceso!

# 9

*Vim trazer fogo à terra, e como gostaria que já estivesse aceso! Vocês pensam que vim trazer paz à terra? Não, eu lhes digo.*

*Ao contrário, vim trazer divisão!*

*Lucas 12:49, 51*

**A**na varria a área de cozinhar, cantarolando uma antiga cantiga judaica. Ela juntou as pilhas de pó deixadas por Rebeca e Kitra ao "varrerem" anteriormente naquele dia. Ela sorriu, lembrando da correria em que tinham apressadamente feito suas tarefas, ansiosas para saírem de casa e brincar. Seu estômago de repente começou a dar voltas com uma dor leve, mas que se intensificava. Ela a deixou de lado, pensando, *"Certamente vai passar como antes"*. Indo para o canto do quarto, ela pegou sua capa e colocou-a em volta de seus ombros, mais para o conforto do que para esquentar-se.

Enquanto varria, Ana pensava sobre o homem chamado Jesus e sorriu mesmo em sua dor. *"Ele está causando um alvoroço por aqui até mesmo sem botar um pé em Carfarnaum. O que Ele vai fazer quando chegar aqui?"* Conversas se espalhavam sobre o novo governador romano, Pôncio Pilatos, que tinha recentemente assumido este posto. Falavam que era um homem frio e cruel. *"Jesus vai suplantar esse líder romano? Se Ele realmente é o Rei vindouro, Jesus vai colocar Simão em uma alta posição de poder uma vez que Seu reino seja estabelecido?"* Ela sorriu, tentando imaginar o enorme e forte pescador em um lugar de poder na Judéia, depois arrepiou-se. *"Não... Talvez uma província menor?"* Ela chacoalhou sua cabeça, ainda estremecendo com o pensamento. *"Eu acho que não!"*

Simão! Que figura! Apesar de suas palavras confiantes para Lemuel alguns dias antes, ela ainda às vezes lutava com o pensamento de Simão estar fora por muito tempo. E Jerede... ela sentia por ele – se esforçando tanto para prover para eles. Ela ponderou a possibilidade de Jerede trabalhar com Lemuel. *"Bem, vamos ter que pensar mais sobre isso"*. Mesmo não entendendo muito bem seu desconforto sobre isso, ela não conseguia achar que era realmente uma boa idéia.

Ainda refletindo as dúvidas que ecoavam em sua mente, Ana chegou à fogueira no centro do quarto pequeno, onde um caldeirão de sopa estava fervendo. De repente, uma dor intensa atingiu seu abdômen. Ela ofegou, caindo no chão. A vassoura caiu no fogo enquanto ela se curvava toda encolhida no chão. Ela se sentia paralisada e impotente enquanto ondas



de dor continuaram a se apoderar dela. E mesmo assim ela estava consciente o suficiente para perceber que as cerdas da vassoura pegaram fogo e sua capa estava esticada por cima da vassoura. Ela se esticou trêmula para tentar apagar as chamas, mas seu movimento só fez a dor intensificar-se. Ela se contorceu ao chamar por Jedida, mas sua voz saiu fraca demais. Um pânico subiu dentro dela ao ver as chamas vindo mais e mais perto.

De repente, a porta abriu-se. Era Lemuel — Mãe! O que está acontecendo? Você me cham... — Lemuel engoliu seco ao ver sua mãe encolhida no chão, as chamas ficando fora de controle e perigosamente perto. Com três passos rápidos, ele correu até ela, rasgou a capa que estava em chamas, levantou-a em seus braços fortes e levou-a para segurança no outro lado do quarto pequeno. Ao se apressar de volta, rasgou seu próprio manto roxo brilhante. Alcançando o fogo, bateu-o severamente até que a última chama se extinguiu.

A sopa estava cheia de cinzas, completamente estragada. Lemuel, seu rosto malhado com suor e fuligem, girou rapidamente para retornar a Ana. O cabelo prateado dela caía sobre sua face, cobrindo-a quase completamente. Lemuel carinhosamente colocou-o de lado, revelando olhos fechados e lábios cerrados.

— Mãe? Mãe, você está bem? Mãe!

Ana abriu seus olhos. — S-sim. Estou bem. Só deixei a vassoura cair, mas estou bem.

— Mãe, o que aconteceu? Eu vim e você estava no chão. O que aconteceu? — sua voz aumentou em tom e intensidade e seu rosto, normalmente controlado, estava claramente ansioso ao falar.

Ana pressionou sua mão na testa — Eu vou ficar bem. Só preciso de um pouco de tempo. Às vezes eu tenho dores como essas. Essa me surpreendeu! — Ana respirou fundo. — Não é nada na verdade.

— Nada! Mãe, como assim? Nunca vi você com tanta dor. Você precisa descansar! Vou achar o melhor médico da Galiléia para você!

— Ó Lem... — Ana tentou falar com uma força que ela ainda não sentia. — Eu entendo sua preocupação, mas esse tipo de coisa passa muito rápido. Eu não preciso de um médico. Simplesmente tem muito para ser feito. Eu não posso...

— Não. Descanse! Não importa o que você pensa que precisa ser feito. Vou pedir para a Jedida ou Ashira fazerem para você. Aqui — Lemuel desenrolou um colchonete para ela e a ajudou a deitar-se nele.

Ana tentou protestar outra vez — Lemuel, já aconteceu muitas vezes antes... — ela parou, mas já era tarde demais. Lemuel tinha entendido.

— Aconteceu muitas vezes antes?! Mãe, por que você não me disse? Por que ninguém aqui me disse? Eu não acredito!

Ana respirou fundo e, com determinação, tentou mudar de assunto — Filho, você não me disse por que veio. Nós não estávamos esperando você hoje!

Lemuel suspirou e passou a mão no cabelo — Bem, eu não estava planejando parar, mas ainda bem que parei.

Ele levantou o olhar quando Jedida entrou.

Surpresa de ver sua mãe deitada no colchonete, Jedida exclamou — Mãe? Tá tudo bem?

Lemuel não conseguiu se conter — Jedida, onde  *você*  estava?! — ele disse frustrado. — Ela estava caída no chão chamando por ajuda! A vassoura e até seu manto estavam queimando. Ela poderia ter se machucado seriamente. Primeiro ela não conseguiu aguentar a dor e pior ainda ela diz que essas dores já vieram  *muitas vezes* ! Por que  *você*  não me disse nada?

Os olhos de Jedida arregalaram-se. Ela não vira seu irmão assim por muito tempo. Ela tentou achar algo para dizer, mas não conseguia pensar em nada que soasse razoável. — Eu... eu...

Lemuel bufou em aversão.

Jedida e Ana sentiram uma crise total surgindo e estavam perplexos sobre sua disposição. " *Ele está frustrado sobre bem mais do que só minha dor* ", Anna pensou.

Com um cinismo abnormal Lemuel adicionou — Ah, e só para  *você*  saber, Jedida, a pessoa que deve estar cuidando de tudo aqui está quase de volta do seu passeio pela Galiléia toda. É isso que vim falar para  *vocês* . Disseram que Simão, André, e aquele homem Jesus, e vários outros viajando com eles estão indo para a sinagoga. — Suas palavras indicavam desgosto.

Um silêncio desajeitado seguiu.

Jedida tomou coragem e perguntou — Lem, o que  *é*  que  *você*  pensa de Jesus?

Lemuel endureceu-se todo. E então disse, suas palavras cheias de amargura — Eu não sei nada dele exceto que ele tem levado o cabeça irresponsável dessa casa para sei lá onde, até sei lá quando e por sei lá que razão. Ele tem encorajado irresponsabilidade e incivilidade, tem se proclamado o Messias e tem dado a Simão, André, Tiago, João e outros, tenho certeza, uma desculpa para ir perambulando pelos campos com abandono completo e sem serem responsáveis por aquilo que deixaram para trás. E  *é ele*  que chamam de Messias! — ele disse impetuosamente.

— Mas e se Ele  *é* ? — Jedida perguntou. —  *Você*  não estaria contente de Simão e André seguirem Ele?

— Mas e se Ele não  *é* ? — Lemuel contrariou. — E  *aí*   *você*  não estaria frustrada de Simão e André gastarem todo esse tempo atrás de um falso Messias?

De seu colchonete, Ana finalmente disse — Seja quem for esse Jesus. Nós  *sabemos*  que Simão e André estão seguindo seus corações ao seguirem Ele. E por isso estou contente.

Lemuel não disse nada, mas sua carranca disse o suficiente.

Jedida e Ana olharam uma para a outra sem saber o que fazer.

Ana quebrou o silêncio — Tenho certeza que todos vão estar com muita fome depois de viajar por tanto tempo. Se eles vão estar na nossa sinagoga essa tarde, eu não estaria surpresa se Simão trouxesse todos aqui à noitinha. Ela se animou

com o pensamento, mas logo entristeceu-se quando viu a cara de Lemuel. Ela disse em tom prático — Mãos à obra. Vamos começar a preparar a comida.

— Mãos à obra!! — Lemuel estava abismado. Sua irritação e frustração outra vez aumentaram com seus temores por sua mãe. — O que deu na sua cabeça? Mãe, não esqueça que achei você no chão alguns minutos atrás.

— Lem está certo, mãe. — Jedida concordou. Ela olhou ao redor de si e viu as cinzas, o manto e a vassoura queimados. — Você deve descansar. As meninas e eu vamos fazer a limpeza e preparar a comida.

Ana perguntou — Você pode mandar Ariel pegar água fresca do poço?

— Sim! E talvez podemos pegar carne do açougueiro, e fazer uma sopa fresquinha e talvez assar um pouco de ovelha e fazer alguns pães frescos de cevada.

— Bastantes pães frescos de cevada! — Ana disse, sorrindo. Ela chacoalhou sua cabeça em completa admiração com o pensamento de como a tarde seria.

Notando que ele agora estava sendo ignorado e vendo que ninguém tinha as mesmas opiniões sobre esse tal de Messias, Lemuel saiu bruscamente.

O som firme da porta batendo desanimou os espíritos de Jedida e Ana por um momento. Elas olharam uma para a outra, não sabendo o que dizer.

— Posso pegar algo para você? — Jedida perguntou gentilmente.

— Não, obrigada. Eu vou ficar bem. Ana olhou sua filha ir para começar as preparações e então deitou-se em seu colchonete e respirou fundo outra vez. Ela nunca se sentira tão dividida entre alegria e tristeza. "*O Messias está vindo!*" Mas ela estava muito perturbada sobre Lemuel. Ele tinha saído tão resolutamente. Será que ele tinha fechado a porta do seu coração também? Ela temia que se fechara permanentemente. Lágrimas brotaram em seus olhos enquanto ela olhava para as cinzas quase se extinguindo. Ela recordou as palavras do Rei Davi nos Salmos:

*"Nosso Deus vem! Certamente não ficará calado!  
À sua frente vai um fogo devorador,  
e, ao seu redor, uma violenta tempestade.  
Ele convoca os altos céus e a terra,  
para o julgamento do seu povo."*

— Ó, Senhor — ela cochichou baixinho. — Eu posso aguentar essa dor em meu corpo. E se um fogo qualquer destrói nossa casa, não importa. Só torna maleável o coração do meu filho. Não deixe o fogo de Sua ira devorar ele em sua teimosia. Ajude ele a ver sua própria fraqueza. — Lágrimas brotaram em seus olhos ao perceber o quanto ela amava Lemuel e quão doloroso seria se ele estivesse distante.

# *Das meus Temores me Livrou*

# 10

*Busquei o Senhor, e ele me respondeu; livrou-me de todos os meus temores. Os que olham para ele estão radiantes de alegria; seus rostos jamais mostrarão decepção.*

*Salmo 34:4-5*

**A** jovem Ariel de treze anos estava contente por ter uma chance de tomar ar fresco e estar longe da agitação e do alvoroço de dentro da sua casa. Ela sentia-se tão diferente do resto da família. A maioria deles parecia prosperar no barulho e atividade, mas ela não gostava nem um pouco. Ela tentava fazer uma boa parte de suas tarefas no terraço, onde era quieto e ela não precisava decidir o que falar para todo mundo. Ariel saiu em disparada. Bem, *seria* em disparada se não fosse o grande jarro de água que estava balançando desajeitadamente em sua anca. Ela ainda não estava livre de suas tarefas normais, mas com a possível chegada de abba e muitos outros, sua mãe a tinha mandado para o poço. Geralmente quando Ariel ia para o poço, ela andava devagarzinho pelo caminho, absorvendo cada detalhe, som e cheiro. Ela gostava de parar e sentir o vento em seu rosto e cheirar os peixes perto do lago. Mas hoje, hoje era diferente. Sua mãe a advertira para não parar em lugar nenhum. Ela recordou as palavras de sua mãe. *"Hoje tem uma multidão grande se reunindo na sinagoga e, onde tem uma multidão, sempre terá soldados romanos. Não quero que um pare você. Então, pegue água e volte logo."*

Quando ela chegou à praça do poço, parou e cuidadosamente olhou para todos os lados. Tinha algumas mulheres pegando água e um vendedor na beirada da praça. Dois soldados esperavam perto de seus cavalos e conversavam um com o outro em um canto afastado. Decidindo que era seguro, Ariel chegou ao poço assim que as outras mulheres terminaram de pegar água e deixar a praça. Ela abaixou o balde de couro no buraco escuro e fundo.

De repente ela ouviu o barulho de um cavalo aproximando-se de trás — Ei, você aí no poço! Pega água para esse cavalo... agora!

Ariel congelou, suas mãos agarrando a corda fortemente. *"É agora"* ela pensou. *"O momento que temi minha vida inteira."* Ela nunca tinha encontrada com um soldado romano antes e agora ela teria que encarar um sozinha. Ela congelou. Sabia que precisava obedecê-lo, mas em seu medo ela nem conseguia se mexer.

De repente um homem que ela não conhecia aproximou-se do poço. Ele não era um soldado. Embora se vestisse como qualquer outro homem galileu, as suas roupas demonstravam que era um homem viajado.

— Filha de Israel, posso ajudar? — ele perguntou e Ariel percebeu que ele estava perguntando a *ela*. Ainda morrendo de medo, ela virou sua cabeça para olhar para ele. Os braços dele estavam esticados, e ela entendeu que ele estava oferecendo de pegar a água para o animal do soldado. Enquanto ele pegava o balde de couro, ela viu que suas mãos estavam calejadas de tanto trabalhar. Tremendo, Ariel saiu de seu lugar no poço e o gentil desconhecido propositalmente se colocou entre ela e o soldado.

A admiração de Ariel crescia ao observá-lo encher o balde vez após vez rapidamente e confiante, sem nenhum sinal de desprezo, até a gamela estar cheia. Ao fazer isso, ele dava carinho ao animal cansado. — Esse cavalo está muito quente — ele comentou sem medo para o soldado. — Ele não deve beber muito rápido.

— O que você está tentando fazer? Me ensinar sobre meu próprio cavalo? — o soldado explodiu. — Eu sou um romano. Você só é um simples galileu — rebateu com desgosto. O soldado levantou sua mão e estava prestes a bater no viajante quando o comandante chegou guiando um cavalo preto com uma estrela branca na testa.

*"Ele deve ser o centurião novo que Ezequiel me contou."* Ariel observou atentamente. O legionário abaixou sua mão.

O centurião cumprimentou o viajante — Parece que você entende bem de cavalos.

O homem deu um pequeno e sábio sorriso. — Aprendi um pouco sobre eles — foi sua resposta.

— E você, — o centurião olhou para seu soldado — você não deveria ter deixado seu cavalo chegar nesse estado. O homem está certo. Seu cavalo está muito exausto e quente. O centurião montou em seu próprio bem cuidado corcel. Ele acenou para o viajante, virou e troteou para fora da praça. O soldado, envergonhado e irritado, montou ofendido em seu próprio cavalo e seguiu o centurião.

Sem perceber, Ariel suspirou aliviada. Ela assistira o acontecimento inteiro admirada com a tranquilidade desse homem desconhecido... o tempo todo e ela se sentia segura na sua presença. *"Ele nem recuou quando o soldado quase bateu nele."* pensou.

— Agora posso ajudar você com sua jarra? — ele perguntou.

Ariel simplesmente olhou para ele, como se ela não o entendesse. Era estranho para um homem, e um que ela não conhecia, oferecer-se para pegar água, uma tarefa de mulher. Ela buscou em sua memória para ver se ela já o vira antes, mas não. Ela teria ficado desconfiada, esse sendo um estranho total, mas algo em seu olhar fito a consolou. Ela notou outra vez suas roupas empoeiradas e seu cansaço. *"Ele é um viajante e provavelmente tem muita sede."*



— É... bem, sim... quero dizer, obrigada. — ela gaguejou, achando sua voz. — Quero dizer, posso pegar água para  *você*.

Um sorriso iluminou o seu rosto. — Obrigado — ele disse grato. Ele sentou-se no muro baixo do poço e esticou seus pés cansados por um pouco. Ariel deu a água para ele de seu jarro parcialmente cheio.

Mesmo que muitos pensamentos e perguntas enchessem sua mente sobre esse homem fascinante, Ariel disse as únicas palavras que ela conseguia achar para expressar sua gratidão — Você deve vir para casa comigo. Eu sei que minha mãe vai querer agradecer pelo que você fez para mim. Estamos esperando meu abba e alguns convidados hoje à noite. Tenho certeza que você vai ser bem-vindo também. — Ariel suplicou.

— Obrigado pelo convite — ele disse. — Mas tenho outro lugar que preciso ir. Ele terminou de beber, sorriu para Ariel e se foi.

Ariel saiu da praça, sua mente transbordando com centenas de pensamentos. *"É assim que quero ser. Confiante, segura e sem medo. Ele sabia exatamente o que dizer. Eu nem tenho essa paz perto da minha própria família! Mas talvez possa mudar. Talvez um dia eu também possa estar cheia dessa mesma paz."*

# Ele Alegria os Corações



É o Senhor que faz...  
o vinho, que alegra o coração do homem;  
o azeite, que lhe faz brilhar o rosto,  
e o pão que sustenta o seu vigor.  
Salmo 104:15

**R**ebeca e Kitra seguravam as mãos do bebê irmão ao caminharem para uma parte mais rasa das margens. A mãe pedira a Rebeca para achar um lugar seguro e quieto para brincar com os pequenos enquanto os outros diligentemente preparavam a refeição para aqueles que sem dúvida viriam para jantar.

Se acomodando com seus irmãos debaixo da sombra de uma das poucas árvores espalhadas pela margem pedregosa, ela sentou seu irmão e as crianças começaram a brincar. Rebeca começou a vasculhar pelo seu cesto onde colecionava coisas bonitas demais para serem jogadas fora. — Vamos ver... onde está aquele copo que eu trouxe? — ela tirou uma tira longa de pano, uma velha cinta de sua mãe. Depois veio um velho pedaço de rede de pescaria, uma pena azul cinzenta e uma pedra brilhante — Ah! Aqui está! — ela triunfalmente tirou uma concha de marisco cinza e branco listrado.

— Isso é um *copo*? — Kitra perguntou.

— Ah, só tamos brincando que é um copo. Vamos encher ela com água para transformar a água em vinho?! Ela ficou de pé, sacudiu seu manto para tirar a areia e foi para a beirada da água seguida de perto por Kitra, que segurava a mão do bebê.

— Transformá água em quê? — Kitra perguntou.

— Em vinho! Você sabe, em Caná alguns dias atrás...

— Onde é Caná? — Kitra interrompeu docemente.

Rebeca chacoalhou sua cabeça, sorrindo para sua irmã — É onde abba está. Ela colocou um cacho esvoaçado atrás de sua orelha — Pois é, no casamento, Jesus...

— Quem é ele? — Kitra perguntou. Agora entretida na história, ela soltou a mão do bebê.

— Bem, não tenho certeza, mas abba está com ele. Nesse casamento, o vinho acabou e eles pediram para Jesus ajudar. Jesus falou para os servos encherem algumas graaaandes jarras com água.

Kitra caiu nas gargalhadas — Com *água*?!

— Isso mesmo. Aí ele falou para o servo para levar um pouco para o noivo.

— Que é... noi-vo? — Kitra olhou curiosamente para Rebeca, enfatizando pausadamente a palavra.

Rebeca riu — A pessoa que está casando com a noiva. Bem, quando eles tiraram um pouco de água da jarra... Óh...! — Rebeca suspirou, deixando a concha cair ao ver o bebê indo em direção à água. Ela correu até ele, levantou-o para sua anca e, andando de modo desajeitado, retornou para a árvore.



— Aqui, você deixô o copo cair — Kitra disse, dando a concha para Rebeca. — ...A água vilou vinho?

— Sim.

— Como Jesus fez isso?

— Não tenho a *mínima* idéia, mas você podia perguntar pra ele se ele vem com abba — Rebeca disse, colocando o bebê no chão.

— Você já viu Jesus?

— Eu não, mas quero ver ele.

— Também não vi, mas você falô que abba está com ele, então a gente vai ver ele com abba.

— Sim, talvez até hoje! — Rebeca disse alegremente. — Então, agora você senta e faz de conta que é a noiva, Kitra. E você — ela disse, levantando o bebê e o colocando ao lado de Kitra — pode ser o noivo. Mas você precisa sentar bem quietinho. — Rebeca olhou para ele com pouca esperança.

As meninas ouviram uma risada, levantaram o olhar, e viram Ariel aparecer descendo o morro. — O nenê é o noivo? — ela perguntou, ajoelhando perto das crianças menores.

— Sim — Kitra disse e então fez um gesto para Rebeca. — Mais vinho, por favor!

Agora era a vez de Rebeca dar gargalhadas. Ela correu levemente para a água rasa e pegou um pouco de água límpida do lago na concha.

— Aqui, isso é a água. Hummm. Como podemos fazer virar vinho?

— Eu sei! — Kitra disse, levantando. Ela pegou uma mão cheia de areia e terra e cuidadosamente a derramou para dentro da concha. — Plonto! — Kitra sorriu esperançosamente para Rebeca, que deu um olhar cético para a lama.

— Bem, acho que isso dá por enquanto — ela fez uma reverência e deu a concha para Kitra, que levantou-a para os lábios.

— Não bebe de verdade! — Rebeca exclamou.

Kitra começou a rir — Sabia que você ia falá isso! Só tava fazendo de conta de beber!

— Oba! De quê estão brincando?! — uma voz de homem assustou as meninas. Elas se calaram e olharam para cima.

Ariel arregalou os olhos — Aaaah! Você é o estranho que me ajudou no poço!

— Se já me conheceu no poço, então não sou mais um estranho, não é? — um sorriso carinhoso veio no seu rosto. — Interrompi sua festa? — ele perguntou, olhando para as crianças e as conchas cheias de água lamacenta.

— Aaaah... — Rebeca começou incerta — só estamos...

— Tamos blincando da vez quando Jesus transformou água em vinho em Canaã! — Kitra entrou na conversa. Vendo o olhar no rosto de Rebeca, ela se corrigiu — Quello dizê Caná! — Então levantando o copo de água lamacenta ela ofereceu a ele — Qué um pouco?

— Claro — ele riu, pegando a concha cuidadosamente. — E eu acho que estou começando a descobrir quem vocês são — o homem virou para Ariel. — Você, querida jovem do poço, deve ser *Ariel*?

Ariel riu. — Como você sabe?

O homem sorriu e virou para Kitra. — *Você* deve ser Kitra! Seu pai sempre fala sobre você.

— Você conhece meu abba?

— E *você* deve ser a quietinha, Rebeca?

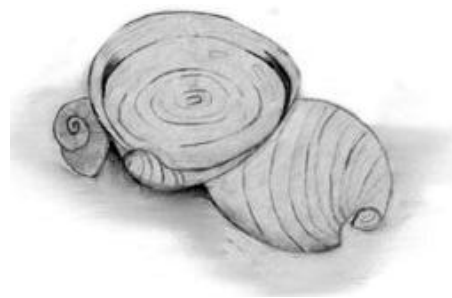
Ela acenou, perguntando timidamente — Quem é você?

— Sou Jesus.

— Seu nome é Jesus?! — Ariel sentiu como se seu coração fosse se romper. — Você não é um estranho! E nunca foi! Você é Jesus!

Kitra soltou um grito de alegria — *Você* transformou a água em vinho — ela tagarelava, dançando ao redor dele. Ela de repente parou e olhou para ele. — Como *cê* fez isso?!

Jesus riu, piscando para Ariel e Rebeca.



Os olhos de Rebeca se arregalaram com um pensamento — Abba está com você?

— Sim! Tá vendo, ele está vindo na praia agora.

Rebeca gritou — Ó, Kitra, Ariel! Olha! É abba!

Kitra não ouviu. Ela tinha agarrado o tornozelo de Jesus e estava abraçada custasse o que custasse enquanto ele a girava em voltas. Jesus se arrastava em direção a André, Pedro e vários outros homens que estavam se apressando até eles. Rebeca e Ariel correram nos braços do pai.

— Abba! — Kitra gritou das pernas de Jesus.

— Vou socorrer você! — Pedro disse ao rir e levantar ela em seus braços.

Ela enterrou seu rosto no cabelo espesso dele, e então olhou nos seus olhos, confusa.

— Abba, po-que cê não tem chelo de peixe mais?

# A Escolha é Sua

# 12

*Se, porém, não lhes agrada servir ao Senhor,  
escolham hoje a quem irão servir...*

*Josué 24:15*

**A**o passar a tarde, Ana começou a se sentir um pouco melhor e levantou-se para ajudar nas preparações pela casa. Ela pensou sobre como Jesus pareceria, como Ele agiria e, acima de tudo, o que Ele diria. Ela sabia de alguma maneira que reconhecer Ele como o Messias não se basearia nada em Sua aparência. Seria pelas Suas palavras. Ela tentou imaginar como outras pessoas reagiram diante dEle. Ao remover várias perguntas, ela ouviu Ashira exclamar do outro lado do pátio — Abba! — *"Deve ser eles."* Ana pensou em sua ansiosa antecipação. Ela sorriu quando viu que suas mãos estavam trêmulas e enxugou-as numa toalha ao entrar no pátio com Ashira e Jedida. Rebeca e Kitra passaram pelo portão aberto correndo em sua direção.

— Nana! Mãe! Vem vê! Abba chegou! Ele *voltou!* E *Jesus* tá com ele!

Rebeca entrou na conversa alegremente — *Jesus!* Lembra?! O homem que transformou a água em vinho! Vem ver!

As meninas agarraram a mão da vovó e a puxaram em direção ao grupo. Ela viu Simão e André, cada um de um lado de um homem que ela não conhecia, mas rapidamente o reconheceu como Jesus.

Ariel apareceu de trás deles — Nana! *ESSE* é o viajante que me ajudou no poço! Era Jesus, só que eu não sabia. — Ana nunca vira Ariel tão entusiasmada.

Kitra correu de volta para Jesus e Ele levantou-a em seus braços. Simão olhou ao seu redor e foi diretamente para Jedida. Jesus sorriu afetuosamente para Jedida, graciosamente se apresentou para a ruborizada Ashira e então foi para Ana.

— Você deve ser a mãe de Jedida! Meu nome é Jesus.

Ana ficou um pouco vermelha de vergonha e sorriu. *"É exatamente como pensei." Ele realmente não parece ser um Messias!"* Mas sua alegria não tinha limites. *"Jesus está aqui!"* — Jesus, — ela disse em voz alta — estou tão feliz de ver você.

Simão deixou Jedida por um pouco enquanto André a cumprimentava. Ele se dirigiu para o lado e embrulhou Ana em um enorme abraço. — Eu senti a sua falta também! — e com um sorriso para o lado ele adicionou — E de *sua comida!*

Ana, esquecendo de sua vergonha, riu dele. — Sim, querido. Tem um caldeirão enorme de sopa esperando para ser comido. Já, já vai tá pronto!

Simão deu um sorriso bem grande — Estava querendo ouvir isso.

Os cumprimentos por toda parte entre seus velhos amigos, Tiago e João, como também os outros seguidores de Jesus, atrasaram a janta ainda mais. Todos tinham muito a dizer antes da fome ultrapassar a ansiedade de conversar. Jedida partiu depressa, ansiosa por falar para Elizabete e sua família que Jesus, Simão, André e os outros tinham chegado.

Finalmente, cansados e famintos, sentaram-se à mesa baixa de jantar. Tiago, João, André e Simão estavam naturalmente bem familiarizados com o quarto e então tiveram o cuidado de não realmente se encostarem na mesa. Jesus, que aparentemente não entendera a dica, colocou o cotovelo na mesa, e quando ela se sacudiu violentamente ele deu um pulo. Seus discípulos riram.

— Ah, Mestre! Simão não avisou você sobre a mesa! — Tiago disse ainda rindo. — A mesa não pode ser tocada. É só para comida estrategicamente colocada. — Simão fez de conta que não notou, mas com os outros incomodando, ele finalmente teve que entrar na conversa.

— Sim, Mestre, é verdade. Penso que é uma boa coisa os peixes estarem mortos quando colocados na mesa, se não, até eles ficariam enjoados de tanto balançar. — Todos os discípulos caíram em gargalhadas.

Depois que se acalmaram as risadas, Jesus, não conseguindo se conter, chamou Ana — Tudo bem se eu consertar sua mesa?

Ana virou, surpresa — Claro, seria muito gentil. Essa mesa sempre foi bamba, desde que eu me lembro! — Ela quase não conseguia segurar uma risada. "*O Messias vai consertar minha mesa?!*"

Jesus começou a retirar cuidadosamente todos os potes que ela colocara. Enquanto homens se afastavam da mesa, Jesus a virou de ponta cabeça com uma facilidade de profissional e examinou a perna defeituosa. Ele a empurrou mais para um lado e examinou a junta onde estava solta, como se Ele conseguisse ver algo lá. Simão, um pouco acanhado, observou de perto porque sabia o que logo viria. Os outros discípulos riam e brincavam com Simão por sua falta de habilidade em carpintaria. Finalmente, Jesus retirou uma pequena bola do que se parecia com linha. O desenrolou para revelar um pedaço de rede desfiada. Ele olhou para Simão.

Simão tentou explicar — Bem, entende, Mestre, pensei que precisava de um calço, aí vi essa rede rasgada perto das margens, então...

Jesus o interrompeu, rindo — Simão, tem *muuuuinta* coisa que você precisa aprender. Uma delas é que uma rede não resolve todos os problemas. Para pescar, você usa uma rede. Para consertar uma perna de madeira solta de uma mesa de madeira suportada em outras três pernas de madeira, você usa um calço de *madeira!* — Simão riu.

— Sim, Mestre. Mas é obvio que a pescaria tem resolvido muitos dos meus problemas. Então eu pensei...

Jesus o interrompeu outra vez, claramente se divertindo — Sim, Simão, é obvio que às vezes você pensa *demais* e outras vezes *não pensa o suficiente!* Você precisa aprender a hora certa para cada um — ele piscou para os outros, e continuou — então, tem algum lugar nessa casa do pescador que posso achar um pedaço de *madeira* e uma faca?

— Zequi! — Simão berrou. — Onde está sua faca de esculpir?

Ezequiel tinha alegremente ficado ao lado do seu tio André desde que chegara, mas nunca tinha deixado seus olhos fugir de Jesus. Entusiasmado para poder contribuir com o trabalho de perto, ele deu um salto e pegou sua faca na beirada da janela.

— Obrigado, filho — Simão disse, recebendo a faca. — Agora vá achar madeira para Jesus.

Levou pouco tempo para Ezequiel achar uma madeira que ele tinha guardado para seus projetos de carpintaria. Ele orgulhosamente deu um pedaço para Jesus. Jesus cuidadosamente o talhou, ocasionalmente o segurando em frente do espaço vazio perto da perna para checar o tamanho. Finalmente, quando Ele tinha certeza que estava certo, empurrou o calço dentro da junta e usou o cabo da faca para martelar, fixando-o no lugar. Depois que tudo estava certo, Ele tentou mexer a perna da mesa, mas estava firme. Satisfeito, Ele virou a mesa e tentou balançá-la, mas outra vez, estava firme. Jesus sorriu e olhou para Simão. — É *assim* que consertamos a perna de uma mesa, meu amigo.

Simão fez uma reverência com uma gratidão exagerada — Obrigado, Senhor.

Jesus começou a recolocar a mesa da maneira que Ana a colocara.

João começou — Mestre! Espere, não guarde a faca! Não notou o portão de Simão quando entrou? Herodes Antipas deve ter ouvido aquele rangido lá em Séforis! — Os homens riram.



Tiago adicionou — E aquele banquinho bambo? E a escada frouxa? Sim, Mestre, que bom que você veio! A casa de Simão esta caindo aos pedaços!

Ana colocou algumas tâmaras e nozes na mesa enquanto Jesus, Simão e os outros se sentavam ao redor da mesa outra vez.

De repente o quarto caiu em um silêncio desajeitado ao aparecer na entrada uma figura familiar a vários deles.

— Eu ouvi alguém dizer que a casa de Simão esta caindo aos pedaços? — era Lemuel. — Estou surpreso que não foi só eu que notei isso.

Ele começou a falar algo diretamente para Simão, mas parou ao ver o rosto de alguém que não conhecia: Jesus. Mas escolheu continuar como se fosse normal ver esse tanto de gente em volta da mesa. Em voz alta ele disse — Mãe, trouxe uma vassoura nova para repor a outra que foi... queimada. Falando nisso, por que você está de pé?! Deveria estar na cama!

A alegria da Ana não podia ser entristecida por ninguém. — Eu descansei, Lemuel. Me sinto bem agora. Obrigada, pela vassoura. Você realmente não precisava me trazer mais lenha, filho! — ela riu. — Posso achar lenha sem sua ajuda, mas prometo não usar minha vassoura nova! Ela não queria que a amargura de Lemuel estragasse esse momento de alegria.

Lemuel não riu. Ele virou-se e cumprimentou Jesus cordialmente, sentando-se à mesa. Ana suspirou. Ela podia perceber que ele preferia estar em algum canto remoto no Extremo Oriente agora. Mas formalidades ditaram contrariamente. Lemuel jogou uma noz em sua boca, tentando parecer relaxado.

Jesus acenou um cumprimento a Lemuel. Ele estava prestes a dizer algo quando Jedida entrou rapidamente, tentando discretamente pegar a atenção de Ezequiel — A cabra fugiu de novo! — Ezequiel saiu para perseguir o animal rebelde.

Lemuel olhou por cima do seu ombro para ver Simão correr para fora para ajudar também. Percebendo uma oportunidade com Simão fora do quarto, Lemuel virou de volta para Jesus.

— Você já conheceu Jerede? Ele é o filho mais velho de Simão. Não, você não teria encontrado Jerede ainda. Ele ainda está *trabalhando*. Ele tem tomado a responsabilidade do negócio de pescaria agora que seu pai... o abandonou.

Os discípulos na mesa endureceram.

Lemuel estava claramente desafiando Jesus. Ana percebeu e sentiu seus joelhos desmoronarem com a rudez, bem como a audácia. Jesus reconheceu o desafio também. Mas Ele fez algo estranho. Ao invés de responder a Lemuel diretamente Ele olhou bem nos olhos de Ana. Seu olhar intenso a segurou fascinada.

— Pedro tem escolhido o caminho certo.

# Brilhe em Nossos Corações



*Pois Deus, que disse: "Das trevas resplandeça a luz" ele mesmo brilhou em nossos corações, para iluminação do conhecimento da glória de Deus na face de Cristo.*

*2 Coríntios 4:6*

**A**na espreitou da pequena janela no lado da casa. O raiar do sol era úmido e cinzento. O céu parecia estar estranhamente perto e neblina obscurecia as casas distantes. Tudo parecia estar excepcionalmente quieto e sob controle, mas em contraste com isso o batimento de seu coração estava a mil com o pensamento de que o Messias tinha dormido em sua casa! Um baixo murmúrio de vozes chamou sua atenção. Ela virou-se e saiu da porta. Sua casa estava rodeada por pessoas!

Não era um grupo grande, mas certamente era grande suficiente para ser fora do comum. Pessoas não se juntavam ao redor da casa de Simão, o pescador, por razão nenhuma. Alguns vagavam ao redor das paredes do pátio, olhando curiosamente para a porta aberta atrás dela, andando por todos os lados e conversando um com outro em vozes baixas e ansiosas. Ela viu um grupo de homens sérios de mantos longos num canto. Ela notou que Ziva estava lá também. A maioria era formada por simples fazendeiros, pescadores, carpinteiros, oleiros e outras pessoas do bairro, mas todos estavam cheios de expectativa e entusiasmo. Ana sorriu e maravilhou-se com o que via. Ela sabia por que vieram. Estavam procurando Jesus.

Ele não estava lá. Algo a acordara cedo de manhã e ela vira Ele sair do pátio, tomando o caminho que seguia para o lago. As poucas horas que Jesus havia ficado com eles, Ana estava constantemente observando esse homem. Ela se tornara inconscientemente sensível a cada movimento dEle. Quando Ele se levantava ou se deitava, vinha ou ia, comia, falava, ou ria, ela notava. Ana riu consigo mesma.

Até agora, ela não conseguia parar de pensar sobre a tarde anterior. Uma coisa sempre voltava para seu coração e mente. Jesus partira o pão como eles faziam toda tarde e agradecera Deus pela comida, mas a *maneira* que Ele fizera, tirara seu fôlego. Jesus chamou o Todo Poderoso de "*Abba*", a maneira carinhosa de uma criança chamar seu pai! E Ele conversou normalmente, não de maneira monótona e cantada como os anciões, mas como se Ele estivesse falando com outra pessoa no mesmo quarto. O rosto dEle estava cheio de alegria, completamente confortável e em casa. A cena vinha em sua mente vez após vez.

Ela se forçou a voltar ao presente, ao momento estranho diante dela agora. Mais pessoas estavam chegando. Muitos eram desconhecidos para ela. Ela tremeu e agachou-se para acender o fogo. Os homens cansados da viagem, que agora dormiam, logo iriam gostar de tomar café da manhã reforçado. Havia uma pilha de madeira feita cuidadosamente perto da porta onde ontem à noite não havia nada. *"Hummm," Ana pensou. "Será que Jesus fez isso antes de sair tão cedo?"*

Jedida e as meninas mais novas começaram a se levantar, abismadas por ver tantas pessoas. Kitra puxou o manto de sua avó — Por que tem tantas pessoas aqui, Nana?

Ana sorriu e acarinhou a mão da menininha — Eles estão aqui para ver Jesus. Mas por enquanto vamos concentrar em nosso trabalho. Precisamos começar! Tem mingau para fazer. — Ela olhou para Ariel — Querida, corra para o terraço e pegue três medidas de cevada.

De olhos arregalados para a multidão, Ariel estava aliviada de ser mandada para o terraço. Ashira deu uma saidinha rápida, seu rosto radiante, e trouxe um jarro de água para adicionar no caldeirão sobre o fogo. Ela abraçou sua mãe em sua alegre antecipação do que viria quando Jesus retornasse. Jedida rapidamente fez uma massa e começou a fritar alguns pães chatos sobre a pedra. Ela fazia bastantes pães chatos hoje.

Os números no lado de fora do pátio cresciam. Ana e Jedida trabalhavam diante dos olhos curiosos de quase cem pessoas. Ana tentou focar sua atenção no fogo, encorajando as chamas a fazerem a água ferver, mas observar a multidão era divertido. Cada minuto que passava chegavam mais pessoas esperando, falando, rindo e observando enquanto algumas mulheres preparavam comida. Ela se questionava se Lemuel apareceria, entretanto, ontem, ele não conseguira sair rápido o suficiente.

E Esdras... ela sabia que ele estaria intensamente interessado e que ele chegaria logo, logo. *"Ah!"* Ariel chegara com o centeio. Ana cuidadosamente o adicionou no caldeirão de água fervendo e começou a ajudar Jedida com o pão.

Um pouco depois, Jesus subiu o caminho, assobiando. Despreocupado, ele atravessou a multidão, bem à vontade. Cochichos passavam como ondas pelas pessoas.

— É Jesus!

— Certamente não.

— Aquele homem?!

— Sim, é ele mesmo!

Olhares céticos e esperançosos para Jesus e uns para os outros diziam seus pensamentos. *"Esse homem? O Messias?"*

Jesus empurrou o portão para abrir. Ela rangeu ao fechar e a multidão de pessoas se apertava mais perto no lado de fora. — Bom dia, Ana. Bom dia, Jedida! — o Mestre disse afetuosamente.

Ana olhou nos seus olhos e derreteu com o sorriso dEle. Ela o cumprimentou e o ofereceu uma tigela de mingau. Jedida tirou um pão chato da pedra no fogo, partiu e deu um pedaço grande para ele. Ele o aceitou, obviamente com muita fome. Muitos dos discípulos já estavam sentados no chão, suas costas contra a parede da casa ou do pátio, comendo entusiasticamente e conversando juntos. Aqueles que ainda não tinham acordado apareceram quando ouviram a voz de Jesus. Jesus sentou contra a parede entre deles e esticou suas pernas empoeiradas. Muitos espectadores amontoaram-se no lugar, inclinando por cima da parede, conversando e observando. Jesus mergulhou a colher dentro do mingau.

Os homens no pátio se calaram, observando a cena com interesse, esperando e na expectativa de saber se Jesus iria fazer alguma coisa, falar alguma coisa. A multidão certamente esperava que sim.

Simão saiu da casa estrondosamente, bocejou alto e se esticou — Ah! — ele olhou para Jesus e depois para as pessoas. — Bom dia, todo mundo! — ele berrou com um grande sorriso.

Jesus e os outros riram, brincando com o dorminhoco. Simão sentou-se perto de Jesus e Kitra se espremeu no pequeno espaço entre eles.

O Mestre continuou a comer, parando para limpar uma gota de mingau quente que pingara da sua tigela para seu manto. Tiago recomeçou sua história de um recente desastre em sua pescaria e os outros ouviam e caíam nas risadas. Ana observava de perto da porta, admirando outra vez.

Jesus disse, olhando para Ezequiel, que estava fixo ali pertinho, talhando intensamente em seu pedaço longo de cipreste — Ei, Zequi. O que você está esculpindo?

Ezequiel levantou seu olhar, um sorriso enorme se espalhando no seu rosto. Ana viu que ele estava fascinado por Jesus estar interessado em seu trabalho.

— Eu estou fazendo uma espada! Ela vai ajudar Israel conquistar os romanos! Mas realmente *seria* impressionante tirar eles de Israel, não seria?

Ezequiel de repente recordou que Jesus não tinha aparentemente dito ou feito nada sobre os romanos. Ele olhou para Jesus, sua sobrancelha enrugada com preocupação. — Jesus? O que é que você *realmente* pensa dos romanos?

Ana escutou cuidadosamente, curiosa para saber o que ele iria responder. A multidão rapidamente se aquietou também.

Jesus lambeu seus lábios e colocou sua tigela no chão. — O que você pensa dos romanos, Zequi?

— Bem, eles são nossos inimigos, não são? Pai diz que eles controlam nossa nação como se fossem os donos. Eles acham que somos nada e eles dão

consequências quando não obedecemos às suas leis pagãs. E o rabi na sinagoga diz que os romanos até controlam o templo, incluindo o Sumo Sacerdote. Então nós precisamos nos livrar deles. Certo? Devemos ter um Rei como o Rei Davi, que era um Israelita verdadeiro e voltar a ter nossa própria nação de novo!

Ana podia ver que Ezequiel estava animado. "*Como Jesus vai responder essa?!*" ela pensou, fascinada.

Ana virou-se ao ranger o portão. Era Esdras entrando no pátio, carregando seu pai. Elizabete estava atrás por perto. Ana correu para ajudá-los a entrar e achar um lugar para colocar Jessé. Simão olhou ao redor e acenou para os outros que esperavam esperançosamente no portão que entrassem no pátio. Parte da multidão entrou, achando lugares no chão, nas escadas e na parede.

Jesus ficou quieto por um pouco, e depois perguntou para que todos ouvissem — O que a lei de Moisés diz?

— Ame seus vizinhos e odeie seus inimigos! — alguém respondeu resolutamente.

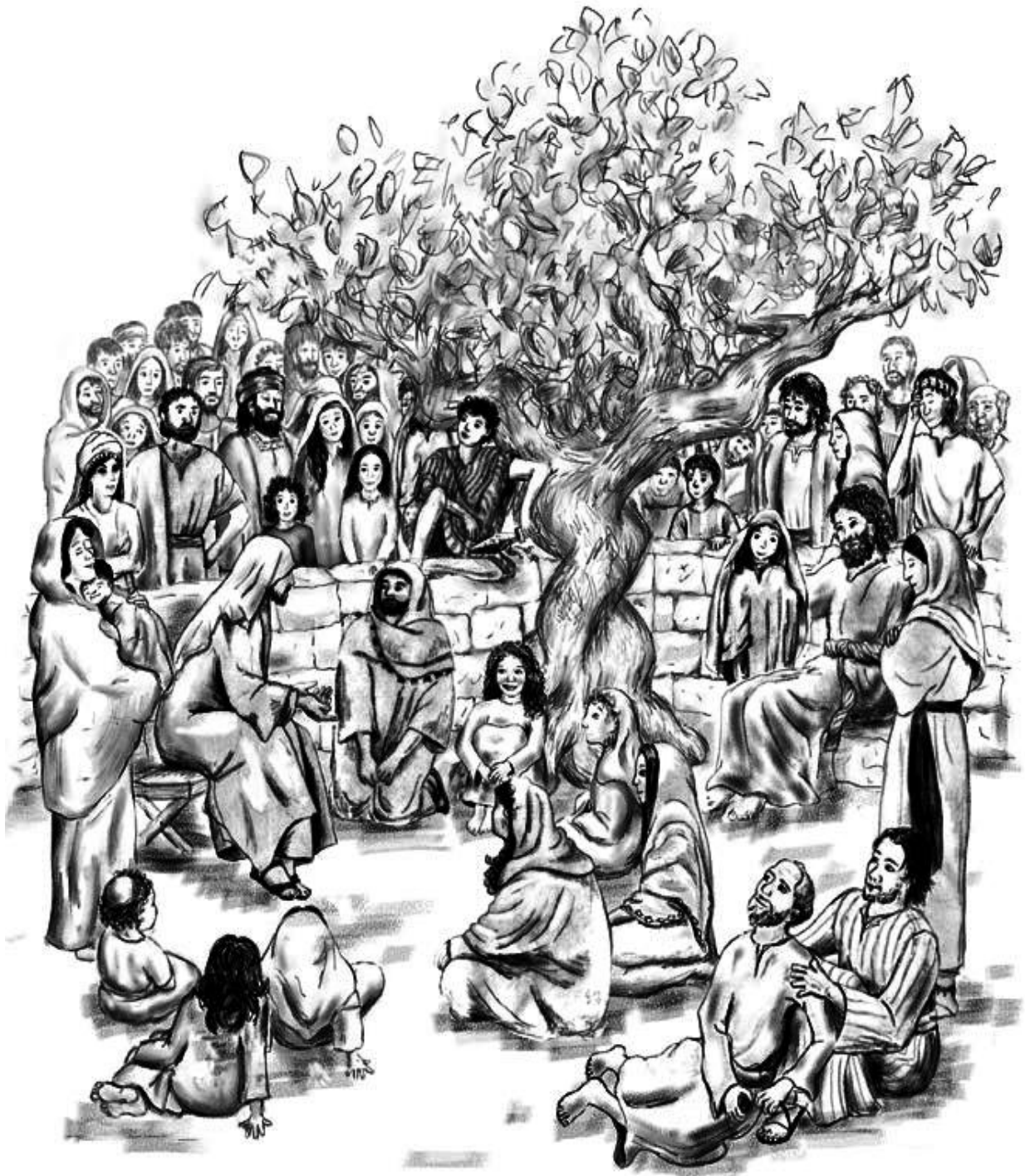
— Mas ouça a verdade. Eu digo ame seus inimigos. Amar alguém somente para ser amado em troca é a maneira que todos os homens vivem, e não como seu Pai que está no Céu vive. Pense sobre a maneira que Ele faz as coisas... — Jesus continuou, inclinando-se para frente, sua voz chegando para todos que estavam no terraço e aqueles no lado de fora da parede. Ana viu, enquanto ele falava, como buscava o olhar atentamente nos rostos diante dEle. — Os pensamentos de Deus não são como os seus pensamentos. As maneiras dEle não são como as suas maneiras. O Seu reino está muito próximo, e se você não se arrepender, irá perder o reino.

Ana ficou cativada pelas palavras de Jesus e, ao mesmo tempo, ciente de que houve diversas reações da multidão para com esse homem.

— O reino, — ele continuou — é como uma pequena semente, como uma semente de mostarda. É tão pequena e parece tão insignificante, mas não a despreze. Você já viu o tamanho da árvore que cresce da semente de mostarda.

Ana ficou pensativa com suas palavras.

Enquanto ele continuava, alguns se foram. Outros ficaram porque tinham uma última esperança, alguns por curiosidade e outros só porque não tinham algo melhor para fazer. Ao decorrer do dia, Ana viu algumas pessoas enraivecidas, ofendidas. Ela viu os movimentos desconfortáveis dos anciões fora do portão. E ela viu pequenas crianças inclinando-se para frente, ouvindo, contentes e admiradas. Ana ponderava sobre o que mais se passava atrás desses rostos...



## Ashira...

A alegria de ouvir, ver e estar perto de Jesus essa manhã perde o brilho somente por uma razão: Ziva está aqui. Por que ela precisava aparecer? Só para zombar?

Quase não consigo suportar isso. Me sinto tão distante e é difícil concentrar no que Jesus está falando. Agorinha eu O ouvi dizer:

— Não julgue os outros. Você será julgado da mesma maneira que você julga os outros. Aqueles que se esforçam pela paz serão felizes e serão chamados filhos do meu Pai.

Bem, eu espero que Ziva esteja escutando isso! Será que ela está ouvindo com essa pose tão séria e esses braços cruzados. Será que ela se importa? Vou tentar não olhar para ela. Vou olhar para o céu sombrio, vou me esforçar para tirar meus pensamentos dela e focar no que o Mestre está dizendo. Opa, um raio de luz brilhou no meio do cinza, rompendo por uma abertura nas nuvens. Ai... vou cobrir meus olhos com as mãos. Essas palavras são para MIM. Quem pode curar essa doença?



## Ariel...

Me sinto agitada e inquieta essa manhã. Muitas pessoas estão ao redor da nossa casa, com mais chegando cada minuto. Parece que não consigo achar um lugar no pátio inteiro onde não vou ser vista, onde não vou precisar ver todas essas pessoas. Mas quero tanto estar com Jesus! *"O terraço! Posso ver e ouvir do terraço!"* Subo correndo as escadas no lado de fora da casa e decido olhar para Jesus mais uma vez. Viro e vejo Ele sentado lá, não intimidado pelo povo da mesma maneira que os romanos não intimidaram Ele. *"Ele está tão cheio de paz, dando de si mesmo tão livremente."*



Ao olhar para Ele, ouço Suas palavras. — Os pensamentos de Deus não são como os seus. Ele vê as coisas de maneira completamente diferente de você. Vejo quanto penso em mim mesma e no meu desejo de estar num lugar confortável sozinha. Será que posso me importar com essas pessoas como Jesus se importa? Anseio ser como Ele, tão livre e seguro. Sento bem onde

estou, no meio da escada, perto de uma mulher que nunca vi antes. *"Estou sentada perto de alguém que não conheço. Isso é tão difícil!"* Com esses pensamentos ainda correndo na minha cabeça, eu olho diretamente para Jesus e cochicho — Como você pode estar tão cheio de paz e liberdade e segurança?

De repente a mulher perto de mim encosta para falar comigo! Eu quase caio da escada! — Ouvi sua pergunta — ela diz. — Ele é assim porque Ele está cheio de amor por essas pessoas. Ele não se preocupa sobre o que pensam sobre Ele, Ele sabe que precisam dEle.

Me surpreendo por ela ter escutado E respondido minha pergunta, mas consigo gaguejar — Como... como você sabe? Já conversou com Ele antes?

A mulher ri baixinho — Ah, temos conversado muitas vezes. Ele é meu filho, entende? Nós viemos aqui de Caná com vários de Seus seguidores novos.

Isso não diminui minha admiração. *"Estou tão feliz por escolher não sentar no terraço."* — V... você acha que... eu poderia ser como Jesus?

— A melhor maneira de responder isso, eu acho, é você perguntar a Ele — a mulher gentil diz.

— Eu vou — digo diretamente para a mãe de Jesus ao escolher olhar diretamente em seus olhos. — Vou perguntar a Ele assim que puder.

*Terede...*

Eu subi o morro para nossa casa essa manhã me arrastando, matutando. Estava bravo. Estava tão aliviado quando pai chegou ontem. Acho que supus que ele estava de volta para ficar... pelo menos por um pouco. Mas depois ouvi que eles vão para Jerusalém para a Páscoa amanhã ou depois, e ele precisa que eu fico para cuidar da pescaria. *"Pescaria!"* E Esdras acaba de dizer que ele vai também! Por que eu sou deixado com esse trabalho? Se preciso prover para essa família, eu tenho direito de escolher como.

Fiquei surpreso com a multidão ao me aproximar do portão mas aí as palavras de Jesus pegam minha atenção — Não poderá entrar no Reino se você não se arrepender.

*"Me arrepender?"* O que tenho eu para me arrepender? Sempre vivi para Deus. Ou será que tenho? Na verdade nunca realmente considerei a direção específica que Deus tem para minha vida. Sempre soube o que eu queria na vida e tive todas as respostas. Percebo que essas pessoas ao meu redor não se sentem assim. Olhe para elas! Estão lamentáveis. Elas parecem que quase estão... morrendo de fome. Será que elas pensam que Jesus



pode dar o que precisam?

Vejo Jesus ensinando. Parece estar claro, focado... como se *Ele* soubesse o que é vida. Ele é um homem forte. Seus olhos são perspicazes, procurando. Quando Ele olha na minha direção, acabo olhando para baixo. Não quero que Jesus me veja... quem eu sou, o quanto meus objetivos tem sido pequenos. Eu pensava que amava Deus, mas esse homem realmente O ama e demonstra em tudo que Ele diz, em cada ação.

Essa realidade quase me engasga. Não tenho a mínima idéia do que significa buscar a Deus. Tenho sido um tolo! "*Quero conhecer o Deus dos Céus como Jesus conhece? Quero viver minha vida como Deus vive? Ou quero viver como eu quero? Sucesso é o que quero?*" As palavras de Jesus ecoam. *Não poderá entrar no Reino se você não se arrepender.*

*Ziva...*

Ah! Bobagem! Suas palavras são todas bobagens! Quem pode entender sequer uma palavra que esse homem diz? Todas essas pessoas que entraram no pátio de Simão parecem estar penduras em cada palavra. Que ridículo. Que piada.

Mas, tem algo... algo fascinante, irresistível sobre esse homem. Realmente parece que Ele... *gosta* de todo mundo... até os *ama*! Como ele poderia amar pessoas que nunca viu antes de hoje?

Ah! Talvez seja por isso. Se ele realmente os conhecesse, saberia que são um monte de tolos. Essas pessoas precisam ser endireitadas. E eu não acho que amor vai fazer o truque. Como eles vão mudar se não dissermos claramente o que estão fazendo de errado?



Percebo que Jesus está olhando diretamente prá mim. "*Seus olhos são tão amáveis!*"

— Se arrependa! — ele está dizendo.

Arrependa-se? Agora foi claro. Mas por que ele ainda está me olhando? Seus olhos travam os meus. Ai... não consigo encarar isso. Ah, Jesus, quem é você? Você vê quem eu sou? Minha raiva. Minha amargura. E mesmo assim, por que não me despreza? Não sou como você, Jesus. Não consigo amar... *tolos*. Me arrepio, vejo pela primeira vez quem realmente sou.

## Ezequiel...

Estou confuso. Pensei que Jesus ia responder minha pergunta, mas agora Ele está falando sobre outras coisas. Pego meu pedaço de madeira que é quase uma espada e começo a esculpir para o formato que eu quero. De repente noto movimento na multidão. *"As pessoas estão dando espaço para outros que estão vindo. Opa! Eles são soldados!"* Eu suspirei em voz alta quando reconheci o centurião na frente. Bem do seu lado estava um menino mais ou menos da minha idade. *"Deve ser seu servo. Por que esses soldados vieram? Para prender alguém? Para parar a conversa de Jesus?"* Mas eles estão escutando igual os outros. Estão ouvindo Jesus!



Chacoalho minha cabeça e agacho mais uma vez para trabalhar na minha espada. Mas... percebo algo. *"Espera. Não estou prestando atenção em Yesu! Ele ESTÁ respondendo minha pergunta, e eu não estou escutando bem!"* Muitas vezes recentemente Nana tem falado que preciso prestar atenção em algo. — Está na hora de crescer. — ela me diz. A mãe e a Shira também já disseram isso — A vida não é só brincadeiras, Ezequiel. — Olho para minha espada outra vez. *"Será que isso é mais uma das minhas brincadeiras?"* Queria lutar com uma espada verdadeira em uma batalha verdadeira e destruir os romanos. Mas... eu olho para o centurião. Ele parece estar em paz. Ele até está sorrindo. Se Jesus ama ele e talvez até todos os romanos, então, eu posso também. Olho para minha espada e deixo cair no outro lado do muro. Tum! ela bate no chão, eu me viro para encarar Jesus. *"Agora, eu estou realmente pronto para ouvir!"*

## Esdras...

O que é este reino a que Ele se refere? Quero dizer, eu sei o que eu pensava que o reino era. Quando João, o batizador, disse sobre o Reino de Deus e sobre se arrepender, encaixava de alguma maneira com tudo que pensávamos sobre nós sendo o povo escolhido e todas as promessas que Deus cumpriria entre nós, se mudássemos nossos modos.



A mensagem de Jesus sobre o reino não contradiz a mensagem de João. Mas também parece ser tão diferente. Jesus fala sobre um reino que não é nem um lugar aqui, mas de alguma maneira bem próximo. E não pode ser visto sem arrependimento. Consegue imaginar isso? Um reino em que você não pode participar, ou nem mesmo ver, sem arrependimento. Que tipo de reino é esse? Um reino que ama seus inimigos? Não consigo compreender tudo.

*"Os pensamentos de Deus não são como os meus."* Agora isso é algo que sei que entendo. Yahweh, me ajude ver de maneira maior. As coisas que Você está revelando são tudo que temos esperado para nossa pequena nação e para nós mesmos, mas vai tão além. O que Jesus diz parece incorporar TODOS os corações e todas as nações... o mundo inteiro. E mesmo assim volta diretamente para MIM... para mim pessoalmente e algo que Jeová Deus pretende fazer na MINHA vida também.

# Será uma Pedra de Tropeço

*...mas será uma pedra de tropeço,  
uma rocha que faz cair.*

*Isaías 8:14*

**P**ensamentos giravam dentro de Esdras enquanto ponderava todas as coisas desafiadoras que vira de Jesus nos poucos dias em que Ele estivera em Cafarnaum. "O que Jesus vai fazer agora? Tanta convicção parece soar de cada palavra e ação dEle e ao mesmo tempo Ele não é o que esperávamos." Jesus, Sua mãe, Seus irmãos, Simão e vários outros já tinham partido para a celebração da Páscoa em Jerusalém alguns dias antes. O pai de Esdras, Jessé, insistira que Esdras fosse também esse ano. Esdras decidira ficar por somente mais uma noite para pescar antes de ir. Ele queria ter certeza que seu pai e sua irmã estariam bem supridos durante sua ausência. Finalmente, a insistência do seu pai o empurrou na direção de Jerusalém acompanhado por Jairo, um amigo de confiança e líder na sinagoga. — Você deve ir, filho! — seu pai dissera. — Veja se os líderes da nossa nação afirmam que esse Jesus é o Messias verdadeiro.

De repente, gritos altos vindo de trás interromperam os pensamentos de Esdras.

— Para a esquerda!

— Saia do caminho! — berrou outro.

— Esdras! Rápido! Aqui! — Jairo urgentemente apontou para o lado da rua. Depois correu à frente para ajudar um homem mais idoso sair do caminho de perigo.

Com protesto e irritação, a caravana de pessoas, animais e suprimentos encostou para a esquerda. Esdras olhou para ver o que estava causando a agitação. Era exatamente o que esperava. Legionários romanos passaram cavalgando, levantando nuvens de pó e desaparecendo na distância.

— Quanto tempo, ó Senhor, até você nos libertar desses pagãos arrogantes? — alguém perto de Esdras lamentou.

— Talvez o homem Jesus seja a resposta para nos salvar desses perversos invasores e opressores — adicionou outro.

Uma voz mais para trás da multidão clamou — Do que tenho visto e ouvido, ele é só palavras. Um "milagre" de transformar água em vinho, mas de que ajuda é isso para nós? Parece que ele não vai fazer nenhum esforço para nos resgatar de Roma. Ele diz que devemos tratar aqueles pagãos como amigos!

Algo incendiou em Esdras. Ele queria defender Jesus de alguma maneira, mas segurou sua língua. *"Eu conheço aquela voz."* Ele levantou sua cabeça quando de repente ele viu quem estava falando. *"Ué, ele é nosso rabi da sinagoga em Cafarnaum!"* Tremeu com o pensamento de contrariar um de seus próprios líderes.

Murmúrios continuaram a passar pela multidão e grupos recomeçaram a ir para Jerusalém. Foi aí que Esdras se viu cara a cara com o rabi.

— Esdras, meu menino! Filho de Jessé!

— Oi, senhor! — Esdras respondeu engrossando a voz o mais que podia e engolindo o nó na sua garganta.

— Estou contente de ver você fazendo essa jornada. Com quem está viajando, jovem homem?

— Viajo com Jairo, Rabi. Ele está lá na frente.

O rosto delineado do rabi enrugou-se com preocupação. Puxando Esdras para o lado, ele disse seguramente — Esdras, é minha responsabilidade como seu ancião ter certeza que você fique sabendo de algo. Jairo pode ser um líder na sinagoga, mas cuidado. Ele tem se alheado de muitos outros líderes por seus pensamentos radicais. Muitos o acham extremista e fanático. E muito desfavorável, posso dizer. Seria sábio guardar minhas palavras.

Então, sem uma palavra de despedida, o rabi virou-se e foi na direção de outro jovem. — Miquéias! É bom ver você! — e com isso partiu para sua próxima conversa.

Esdras estava chocado. *"Nunca ouvi palavras contra Jairo. Meu pai disse que ele teme e ama a Deus mais que qualquer outra pessoa que já conheceu."* Sem saber o que pensar, Esdras se apressou para alcançar Jairo. *"Ai, esses são dias confusos."*

Eles viajaram junto com vizinhos e amigos pelos os dias seguintes. A cada dia, a multidão crescia e crescia ao se ajuntarem mais peregrinos à caravana. As palavras do rabi incomodaram Esdras por algum tempo, mas logo elas dissiparam enquanto ele, Jairo e outros tiveram muitas conversas empolgantes sobre as promessas de Deus para Israel.

— Ó, Esdras! — Jairo exclamou depois de uma conversa particularmente estimulante. — Certamente não é popular falar em pecado, em vez de somente discutir idéias. Mas, se nós formos fiéis em fazer o trabalho de Deus da Sua maneira, se nós virmos pecado tão claramente para nos entristecer e declarar como os velhos profetas, se nos devotarmos à oração, nosso Deus vai ser fiel a nós. Ele mostrará o caminho que Ele tem preparado. E levantará o grande exército e a nação poderosa que Ele tem proclamado!

*"Não há nada negativo sobre esse homem,"* Esdras pensou para si. *"Nada a não ser seu ódio por conciliações e complacências. O que eu vejo é fome resoluta de santidade e verdade!"*



A jornada continuou. Eles tinham andado com a longa linha de viajantes, desviando das cidades romanas na costa oeste do Mar da Galiléia. Depois, eles levaram um caminho que mais ou menos seguia o Rio Jordão. Finalmente, tendo desviado para o sul, eles viraram para o oeste, subindo o monte pelo deserto em direção à Cidade de Davi. Lá eles celebrariam a Páscoa. Esdras se deleitava com o pensamento. *"Jerusalém! Uma cidade num monte."* Os profetas passados disseram que um dia um Reino de Deus se estabeleceria e duraria para sempre. *"O Reino de Deus. O que é este Reino?"*

Muitas vezes Esdras procurava mais na frente para ver se achava Jesus, Simão ou André na multidão de peregrinos, mas não podiam ser vistos. O pó marrom e o calor intenso do deserto encobriam a linha de viajantes. A banda cinza de montanhas se esticava no horizonte na frente deles enquanto o sol realçava cores brilhantes de roxo, rosa, laranja e vermelho nos montes distantes e o céu que escurecia.

Ao pôr-do-sol no sexto dia da jornada, os viajantes se acomodaram mais uma vez e acamparam ao lado da rua empoeirada. Esdras se juntou a Jairo perto do fogo para o jantar. Era bom estar com seu amigo.

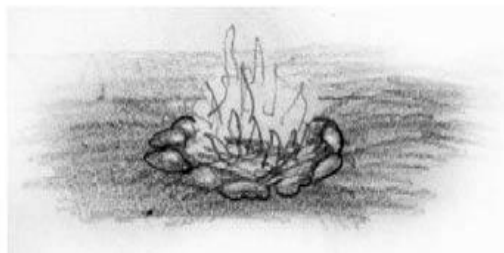
— Você sabia, Jairo, que já se passaram sete anos desde minha primeira jornada à Jerusalém? Eu tinha doze anos. E estava com meu pai. Acabou sendo a última Páscoa que ele conseguiu ir, porque o acidente aconteceu logo depois. Mas nossos dias em Jerusalém são dias que nunca esquecerei.

— Seu pai tem um bom coração, Esdras. Sei quanto tem ansiado para ver você fazer essa jornada outra vez — Jairo respondeu em voz baixa.

Esdras suspirou — Eu gostaria tanto que meu pai viesse também. Nós dois temos ansiado ver e adorar no templo outra vez... — Esdras pausou ao olhar para dentro do fogo. — E sentar para ouvir os ensinamentos e conselhos dos escribas e Fariseus — ele deitou com a cabeça em suas mãos e olhou para as estrelas. — Jairo, meu pai me pediu especificamente para ver o que os líderes em Jerusalém dizem sobre Jesus. Se Ele é o Messias ou não. Os professores

da lei sabem as Escrituras bem. Certamente, quando eles conhecerem e escutarem Jesus, eles ouvirão e reconhecerão as palavras que Ele diz. Você não acha?

Em um tom claro e sério Jairo disse — Ó, Esdras, eu já ouvi nossos líderes ensinarem no templo muitas vezes. Vejo eles adorando e realizando seus rituais. Alguns parecem ter um coração para Deus e sim, talvez alguns ouvirão. Mas muitos só vivem vidas exaltando a imagem exterior, desejando principalmente serem vistos por homens. Alguns se importam com a lei e em fazer tudo certo, mas parece que nunca cedem o controle dos seus corações. Eles acreditam que nossas tradições são tão importantes quanto os mandamentos de Deus. Na verdade, eu acho que alguns já não conseguem ver a diferença! — Jairo chacoalhou sua cabeça e olhou intensamente para as chamas.



Chocado com o que Jairo estava dizendo, Esdras perguntou — Você acha que alguns já não conseguem ver *qual* diferença?

— A diferença entre as tradições estabelecidas pelos nossos pais e os próprios mandamentos de Deus — Jairo repetiu cuidadosamente.

— Me dá um exemplo — Esdras começou a sentir uma leve apreensão surgindo em seu coração.

Jairo esperou um momento antes de responder — Tá bom, Esdras. Poderíamos falar de milhares de interpretações e explicações "extras" de meros homens. Poderíamos discutir sobre o poderoso e grande Sinédrio e como uma invenção do homem se tornou "a Voz de Yahweh", ou os homens quiseram que fosse assim. Poderíamos discutir sobre a posição administrativa de Saul e de outros Reinados versus a liderança de Samuel dada por Deus por unção. O homem quer estatura impressionante e posição enquanto Deus quer coração e espírito. Há centenas de exemplos que poucos hoje questionam. Parece que estamos bêbados em nossas tradições e muito tementes de perguntar, "Por quê?"! Mas agora, vamos considerar as sinagogas?

Apesar do aceno hesitante de Esdras, ele continuou — Já considerou que a sinagoga realmente nunca foi a idéia de Deus? Sempre foi a intenção de Deus que o homem adorasse no *templo* em Jerusalém! Mas, quando Israel pecou e fomos espalhados e não tínhamos um templo, foi a idéia de nossos antepassados construir sinagogas para se reunirem, orar e ler as Escrituras.

— O que tem de tão errado com isso? — Esdras questionou, franzindo suas sobrancelhas.

— Ah, não tem nada errado com a idéia em si. O problema é que, agora, depois de muitas gerações, a adoração na sinagoga é tão estabelecida que muitos líderes a consideram o PLANO DE DEUS ao invés da IDÉIA DO

PRÓPRIO HOMEM. Não lembra, Esdras, dos "lugares alternativos de louvor" chamados Lugares Altos e o que Deus pensava sobre eles? Agora temos justificado e imposto nossas próprias tentativas para fazer Yahweh mais conveniente. ESSE é o PROBLEMA. — Enquanto Jairo falava, novos exemplos inundaram sua mente — Como o carro de bois Filisteu, nós nos justificamos facilitando nossa conveniência e conforto com nossas próprias tradições. Não é que Nadabe e Abiu, Uzá, Janes e Jambres descobriram o que Deus pensa de nossas grandes idéias? — Os olhos de Jairo se estreitaram com uma profunda convicção e sua voz tornou-se mais forte. — Precisamos distinguir entre as tradições do homem e os Pensamentos Santos de Deus. Isso não está acontecendo nessas gerações, Esdras. A sinagoga agora é uma tradição tão aceita que um Judeu é considerado um rebelde e pecaminoso se ele não frequenta da "maneira certa."

Esdras estava atônito. Sentia como se algo muito fundamental para suas crenças judaicas estivesse sendo tirado de debaixo dele. Ele não sabia se devia continuar a dar ouvidos ou se devia se entregar para a ira que sentia subindo dentro dele. *"Jairo está literalmente questionando o valor da sinagoga, a mesma instituição em que é líder? Se o povo de Deus não tivesse um lugar para congregar, onde iríamos ler e ouvir outros lendo as escrituras? O povo de Deus se reuniria onde?"* De repente ele lembrou que alguém o alertara sobre Jairo. *"Ele já não fora chamado de um perturbador?"* Esdras guardou para si seus pensamentos.

— Jairo, — ele disse, abalado — se não podemos confiar em nossos líderes, em quem podemos confiar?

A voz de Jairo ainda era baixa, mas firme — Precisamos confiar em alguém que, como os profetas, não teme o homem. Alguém que não tem medo de buscar, seguir e responder a Deus, custe o que custar. Alguém que não tem nem uma ambição mundana ou motivos pessoais. Confiar nAquele que se importa mais com a verdade, a honra de Deus e o fruto, do que sobre Seu próprio bem estar e reputação. — Jairo suspirou — Por mim, eu estou virando meus olhos em esperança ao homem que o Profeta do deserto chamou de "Cordeiro de Deus". Para aquele que atrai multidões, mas não se atrai a elas. Um que ama o homem, mas que Suas palavras e ações não são afetadas por aqueles que gostam ou não gostam delas. Um homem como esse deve estar em comunhão com Deus. Um homem que pode transformar água em vinho.

— Jesus! — Esdras declarou se acalmando ao lembrar dEle.

Depois de um momento de silêncio, Jairo disse em voz baixa — Sim, Yesu, Jesus!

— E você não acha que nossos lideres não vão afirmar que Jesus é o Messias? — perguntou Esdras.

— Como sou o responsável pelas escrituras na sinagoga, tenho muitas oportunidades de ler e de considerar as palavras de Deus. Você sabe o que Isaías diz sobre a vinda do Messias?

*...mas será uma pedra de tropeço, uma rocha que faz cair;  
E para os habitantes de Jerusalém  
Ele será uma armadilha e um laço.*

Esdras sentiu-se miserável. O fogo já não parecia ser quente ou confortável. As estrelas pareciam ter perdido seu brilho. Ele estava na expectativa de ir para Jerusalém, e agora sentia-se sem rumo. Algo dentro de Esdras dizia que isso era a verdade, mas todo o resto dentro dele não conseguia aceitar.

Sentiu um nó na barriga ao se agachar em seu colchonete. Vozes ao redor deles dissipavam-se na escuridão à medida que mais e mais viajantes se acomodavam para a noite. Ele levantou o olhar para o céu acima.

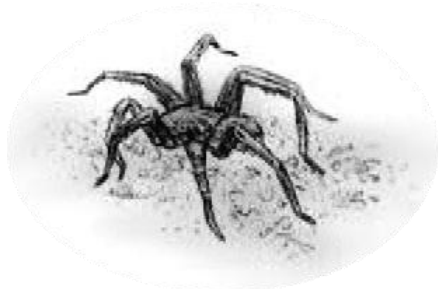
— Adonai, me ajude a ver o sentido de todas essas coisas. Me ajude a reconhecer o que Você diz ser verdade. — Ele ficou acordado a maior parte da noite. Mas depois de várias horas, os pensamentos perturbantes de Esdras foram conquistados pelo sono que encobria todos os viajantes.



Esdras acordou na manhã seguinte ainda ponderando a noite anterior. Mas com a expectativa de ver Jesus em Jerusalém, ele também sentiu esperança. Ele ficou de pé e esticou seus braços nos primeiros raios de sol daquela manhã. *"Como vai ser esse dia? Provavelmente vamos estar em Jerusalém antes de escurecer e talvez vamos poder ouvir Jesus ensinar logo, logo. Eu realmente quero ouvir mais do que Ele tem a dizer. Eu preciso ouvir mais do que Ele tem a dizer!"*

Jairo, que estava deitado ao seu lado, deu um longo e exagerado bocejo e disse — *Tovo safro!* Bom dia, Esdras. — Jairo arrumou seu manto dobrado, que servira de travesseiro provisório e esticou suas pernas longas — Aaaa... essas pernas velhas não são como eram. Espera um pouquinho, rapaz. Já, já levanto.

De repente os olhos de Jairo se arregalaram ao ver algo do tamanho de um figo grande subir lentamente a manga do seu manto. Em um instante ele estava de pé e furiosamente batendo sua manga. — Bem, essas pernas funcionam muito bem quando minha vida está em risco! Ai, Ai! Aranhas! — ele se estremeceu enquanto seu rosto se contorcia, depois continuou a chacoalhar sua manga. — Aranhas do deserto são as piores!



Esdras soltou uma pequena risada.

— Estou bem — Jairo murmurou sem convicção — vamos andando. — Ele virou-se e começou a enrolar seu colchonete, dizendo baixinho ao chacoalhar, bater e alisar todo espaçinho e dobra. — Aquela coisa provavelmente botou cem ovos aqui. Hoje à noite vamos estar *cobertos* de...

Esdras agora dava gargalhadas — Ah, ha! esqueça elas. Você está certo. Vamos ficar bem.

Jairo cedeu um pequeno sorriso e depois voltou a chacoalhar seu manto.

Esdras olhou para o homem mais velho com novo afeto. "*É, nós vamos ficar bem. Não posso culpar Jairo pelo que disse ontem à noite. Ele só é um homem comum que está disposto a questionar tudo que não parece estar de acordo com o coração de Yahweh.*" Esdras recordou como ele tremera com o pensamento de ir contra seu próprio rabino quando ele falara contra Jesus. "*Quem sabe, talvez eu seja a pessoa com problema.*"



Quando o sol raiara completamente, Esdras, Jairo e grupos de viajantes estavam outra vez a caminho para Jerusalém. Eles se viram rodeados por multidões de pessoas quando entraram nos portões da Grande Cidade um pouco antes do sol se pôr. Vozes familiares de repente pegaram a atenção de Esdras enquanto esbarravam pela multidão.

— Ei! Eu reconheceria a voz de Simão, filho de João em qualquer lugar! — Esdras gritou ansiosamente. — Vamos lá, Jairo! — Ele se esticou, tentando ver acima da multidão para achar Simão.

E lá estavam: Simão, André, João, Tiago, Felipe e outros. E, sim... Jesus estava lá também. Fez bem para o coração de Esdras ver os rostos familiares daqueles que amava!

Jairus estava claramente contente também.



— Simão! André! — Esdras gritou acima da barulheira.

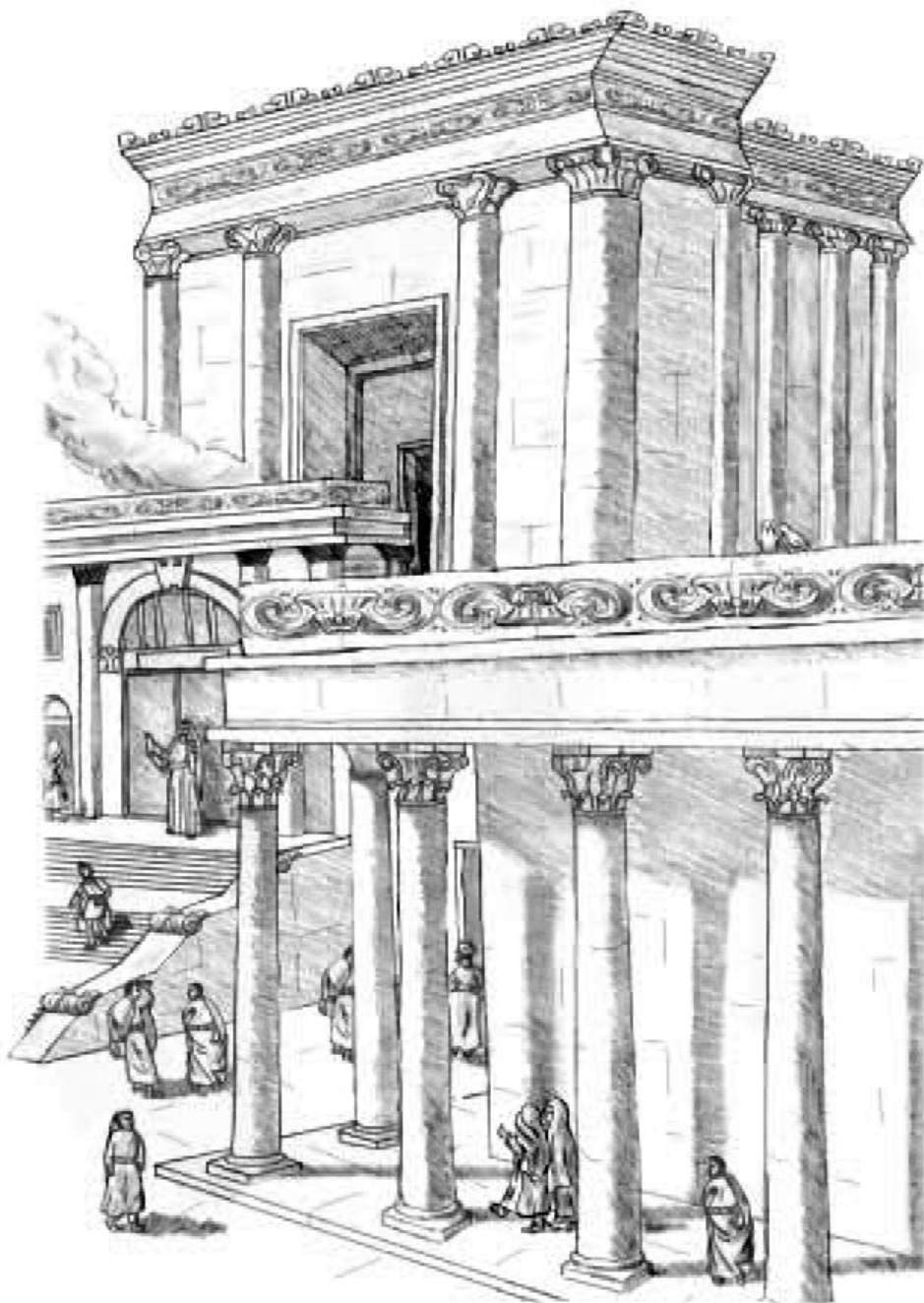
Simão virou-se e seu rosto iluminou-se — André! Tiago! Olha quem achei! — O encontro foi muito alegre, com muitos tapas nas costas, fortes abraços, berros e vibrações.

Jesus riu junto — Esdras, Jairo, estamos indo para o templo. Gostariam de nos acompanhar?

Então Esdras e Jairo acompanharam o grupo esquisito ao seguirem o caminho. Finalmente, ao andar por muitas ruas entrelaçadas e empoeiradas, chegaram ao templo.

O templo! A grandeza e majestade, as enormes paredes e colunas de pedra—tudo isso enchera Esdras com um senso de admiração e reverência.

Os sacerdotes, Fariseus e escribas eram facilmente reconhecidos por suas



vestes finas e tefilins. *"Esses são os homens que têm dado suas vidas inteiras para Deus e para Seus Mandamentos,"* Esdras pensou. Ele ansiava sentar-se aos seus pés mais uma vez, de ter o tempo e a oportunidade para estudar as Palavras de Deus.

Esdras olhou para os guardas pomposos do templo vigiando por cima das enormes paredes do pátio. Finalmente, ele descansou seu olhar no santuário em si. *"E aqui é onde DEUS habita. Tudo foi construído de acordo com as especificações que o Próprio Deus deu para Seu povo através de Moisés! Aqui é onde está Sua grandeza!"*

Os gritos de um mercador interromperam violentamente seus pensamentos.

— Já comprou seu sacrifício? Terá que ter as moedas próprias, jovem! Se precisar trocar seu dinheiro, eu tenho os melhores câmbios no templo! — Esdras chocou-se enquanto um homem atarracado com elegância pretensiosa tentou levá-lo para sua mesa de negócios. Tirando seu braço da mão imunda do homem, Esdras correu um pouco para alcançar Jesus, Jairo, e os outros.

Vendedores chamavam de suas pequenas cabanas localizadas pelo pátio inteiro. Animais em chiqueiros, rolinhas em gaiolas, tudo à venda pela melhor oferta. Moedas de prata cintilavam ao sol do meio dia ao serem contadas de mão em mão.

— Ôôôh! Ai! — Esdras passou sua mão na perna ao se afastar de um chiqueiro em que tinha esbarrado sem querer.

— Caro amigo! — um mercador de ovelhas se apressou na direção de Esdras. — Vai comprar um cordeiro para a Páscoa? Faço um bom preço para você. Não consegue comprar um cordeiro, não é? Então, aqui estão minhas pombas, são excelentes, dê uma olhada!

Esdras se afastou do homem bruscamente, mais determinado ainda a se livrar dos vendedores. Ele tentou focar-se nas coisas que ansiava ver. *"Lá! Lá estão alguns professores da lei!"* Estavam reunidos debaixo de um pátio magnífico, claramente discutindo as Escrituras. *"E lá estão os Levitas, fielmente cumprindo seus cargos."* Esdras estava rodeado de línguas estranhas de Judeus fiéis que viajaram de terras distantes. Ele fechou seus olhos e respirou fundo. *"Sim, a Casa de Deus, cheia com Seu Povo. Isso é o que eu lembro."*

Não demorou muito, entretanto, para que a contemplação serena de Esdras fosse interrompida por um transtorno ao seu redor. Do nada, mesas começaram a voar em toda direção.

Esdras primeiro ficou perplexo. — O... O que está acontecendo!?! — ele olhou para Jairo, mas Jairo estava igualmente confuso.

Caixas de dinheiro estavam sendo lançados no ar, mesas estavam sendo puxadas para o chão, cascos de animais sapateavam e pombas voavam. Pessoas estavam gritando e berrando. Os pátios do templo estavam em caos!

— O que é isso? — Esdras tentou gritar mais alto que o barulho para Jairo. — Um touro solto? Um homem louco? — Ele virou-se rapidamente e pegou um vislumbre de uma figura girando e carregando um chicote.

— Lá, Jairo! Naquela direção!

Jairo virou-se. No mesmo instante eles reconheceram o homem. Eles estavam perplexos.

— É Jesus!



Por um instante, os olhos de Esdras se encontraram com os olhos de Jesus. Eles queimavam com um fogo santo. Jesus girou em fúria justa.

Esdras olhou para Jesus sem poder acreditar. Esse era o mesmo homem que fora tão humilde e gentil no pátio de Simão? Esse era o homem tão cheio de amor, mansidão, sensibilidade? Ele segurara crianças, rira com alegria, falara palavras de verdade que ressoaram na alma de Esdras. Mas agora, Ele estava criando uma catástrofe aqui no lugar mais sagrado e querido para todo Israel.

Esdras deu uma olhada rápida na direção dos líderes religiosos que estavam alinhados na parede de trás. Eles olhavam chocados, ancorados no lugar. No topo das escadas que subiam do pátio, estava o Sumo Sacerdote. Ele também estava tentando entender a situação enquanto os sacerdotes do templo e autoridades rapidamente o procuravam. Uma vez que o Sumo Sacerdote viu de onde vinha o tumulto, seus olhos traíram sua raiva. Seus punhos fecharam-se fortemente, agarrando as beiradas de sua veste.

Perguntas giravam violentamente na mente de Esdras. Ele examinou as faces de cada Fariseu na multidão, um verdadeiro quem-é-quem de líderes e especialistas. Eles também estavam cheios de indignação, raiva, ódio e coisa pior.

Esdras resmungou no fundo de sua alma. Ele sabia o que estava acontecendo. Dessa vez não era Jairo que recusava ignorar coisas erradas. Era



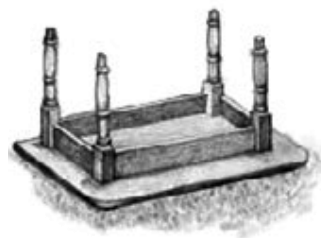
Jesus, e Ele estava determinado a livrar os pátios do templo do que estava claramente ofendendo Deus.

Esdras começou a ficar com dor de barriga. *"Mas não era assim que eu queria que nossos líderes encontrassem Jesus! Agora, com certeza, eles vão entender Ele mal."*

— Tirem estas coisas daqui! Parem de fazer da casa de meu Pai um mercado! — Jesus gritou. Sua voz tinha uma paixão ardente que parecia chacoalhar as fundações do próprio templo.

Então, assim como começara, a explosão acabara. Jesus parou no meio do pátio, ofegando. Seu chicote retumbou para o chão. Um silêncio horrorizado caiu sobre aqueles que permaneceram no templo. Muitos vendedores e cambistas tinham fugido. Moedas, mesas quebradas e gaiolas vazias estavam espalhadas pelo chão. Pessoas comuns de joelhos lutavam por moedas espalhadas.

A mente de Esdras estava guerreando com seu coração. Ele sabia que era certo estar irado. O comércio ganancioso de animais para sacrifício era um insulto para a Santidade de Yahweh. *"Mas não daria para Jesus expressar Seu ponto de vista de maneira diferente? Certamente esses grandes líderes ouviriam a razão!"* Esdras desesperadamente buscou as faces dos Fariseus outra vez, em esperança de achar pelo menos um que parecesse estar sensível. Mas não achou nenhum.



Ao invés disso uma voz áspera e calculada disse — Que sinal miraculoso o senhor pode mostrar-nos como prova da sua autoridade para fazer tudo isso — era o Sumo Sacerdote. Ele olhou friamente para Jesus do topo das escadas. Todos olharam diretamente para Jesus.

— Destruam este templo, e eu o levantarei em três dias — Jesus declarou em resposta.

Outro Fariseu zombou — Este templo levou quarenta e seis anos para ser edificado, e o senhor vai levantá-lo em três dias?

*"Como o templo poderia ser reconstruído em somente três dias?"* Esdras sentiu a ofensa e confusão também. *"Jesus não está fazendo sentido nenhum."* Ele olhou para Jairo, que estava com olhos arregalados de surpresa e admiração. *"Jairo também não entende, mas... parece que ele não se importa por não entender!"*

Esdras olhou para os Fariseus. Eles estavam claramente ofendidos. E bravos. Eles estavam rígidos com orgulho e auto-justiça.

*"Jesus não ficou em Jerusalém nem mesmo por um dia inteiro, e Ele já está em confronto face a face com os corações e mentes de cada líder religioso aqui,"* Esdras pensou agonizado.

Ele chacoalhou sua cabeça em admiração ao recordar as palavras do profeta Isaías. Que ironia Santa, ninguém em qualquer geração ia QUERER que fosse desta maneira:

*...mas será uma pedra de tropeço, uma rocha que faz cair;  
E para os habitantes de Jerusalém  
Ele será uma armadilha e um laço.*

Os líderes estavam incertos de como prosseguir e falavam vigorosamente entre si. A multidão começou a se dispersar. Jesus, Tiago, André e os outros viraram-se e simplesmente andaram para fora dos portões do templo. Sem hesitação, Jairo os seguiu e então gesticulou para Esdras, suplicando a ele para seguir.

Mas Esdras se viu em pânico. O desejo de correr para os sacerdotes e Fariseus surgiu dentro dele. *"Certamente preciso conversar com eles! Deus não iria querer que eu fizesse isso? Talvez eles ouçam! Esses são os líderes de Israel, o povo escolhido de Deus! Eu não posso simplesmente virar as costas..."*

Ele gemeu outra vez, quase sem poder ficar de pé. Em agonia, Esdras observava Jesus e Seus seguidores saírem de vista.

*"Ó, Deus! O que é que Você quer de mim? Quer que eu vá para os escribas e professores? Esses homens deram suas vidas para as Escrituras! Eu tenho reverenciado e honrado eles minha vida inteira como Seus ungidos. Certamente não posso ir contra Seus líderes escolhidos. Esses são os mesmos homens que têm guiado Israel por décadas!"*

Esdras olhou para os líderes ainda conversando furiosamente. *"Mas espera!"* Ele sentiu sua confusão mudar para censura. *"Por que eles estão bravos com Jesus? Por que ELES não estavam irados com o abuso da Casa de Deus? Seu papel em Israel é de defender, de representar a Santidade de Deus pelos pecadores. Será que estão deixando algo nos próprios corações trazer cegueira? Como poderiam permitir tanta profanação na Casa de Deus? Como poderiam fechar os olhos para essa contradição todo dia?"* Esdras estremeceu ao ver que era tão culpado quanto eles. Não tinha ele também sentido aversão aos ambiciosos e auto-suficientes mercadores? E mesmo assim escolhera olhar na outra direção e olhar somente para o que parecia ser bom.

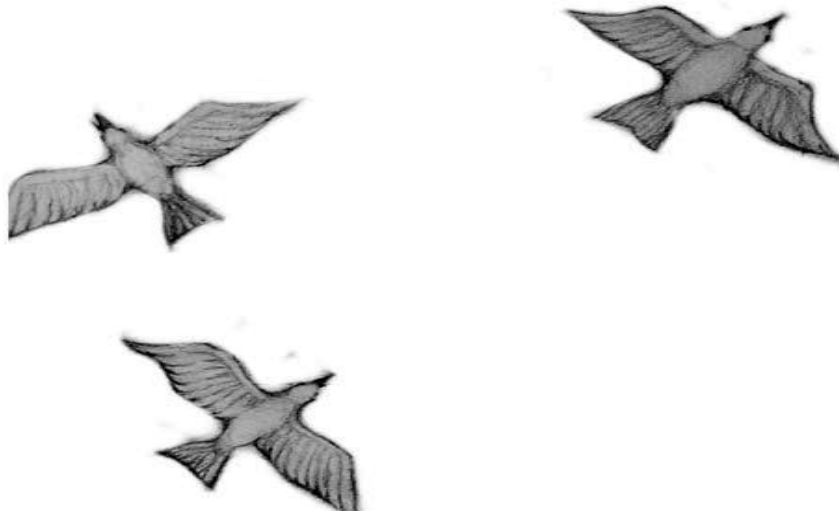
Com os joelhos dobrando, Esdras caiu em um dos degraus que subia para o templo. Pela primeira vez, suas costas estavam viradas para os líderes religiosos. *"Ó Deus, perdoa-me. Me dê olhos para ver e me dê um coração de coragem para obedecer o que Você me mostra. Deus, eu preciso saber o que fazer. Eu não entendo as palavras de Jesus, e certamente não entendo Suas maneiras. Mas, vejo Seu coração Santo e Justo nEle."*

Tudo, de uma só vez, ficou claro e óbvio. Esdras sabia no fundo que ele podia colocar sua confiança em Jesus. Esse homem tinha o coração de Deus e não tinha medo de andar praticando isso. Jesus era imprevisível? Certamente. Ele era difícil de entender às vezes? Sim. Mas, mesmo assim, não é que Sua paixão mostrava Seu amor pela Santidade de Deus e pelo povo de Deus? Mesmo que não conseguisse explicar, Esdras sabia que Verdade e Vida podiam ser achadas nesse homem.

Esdras SABIA o que devia fazer e o que realmente ansiara. Tudo que fora tão nebuloso agora estava completamente claro ao olhar a verdade cara a cara.

Um grande sorriso iluminou o seu rosto. *"Eu vou seguir Yesu."*

Ele ficou firmemente de pé. — Eu vou seguir Jesus! — ele declarou com alegria em sua nova convicção descoberta. E com isso, sem o menor medo ou hesitação, correu na direção que tinha visto seu Mestre ir.



# Se não Renunciar a Tudo

# 15

*Da mesma forma, qualquer de vocês que não renunciar a tudo o que possui não pode ser meu discípulo.*

*Lucas 14:33*

Jerede sentava perto de seu barco, tirando nós da sua rede. O sol da tarde queimava suas costas por entre a malha de sua túnica. A não ser pelas ondas quebrando nas margens, tudo estava quieto. Havia algum tempo que a maioria dos pescadores tinha ido para casa.

Quando sentiu que uma sombra caiu sobre ele, virou o pescoço para olhar por trás de si. Contra o céu brilhante, Jerede conseguia ver o formato escuro de seu tio Lemuel. Ele engoliu seco. Lemuel não estivera por perto desde seu encontro desagradável com Jesus na sua casa quase um mês atrás.

— Oi, Jerede — Lemuel disse em tom baixo. Ele deu a volta pelas redes espalhadas nos pés de seu sobrinho — Ouvi que poderia achar você aqui. — Olhou dentro do barco vazio, tentando criar uma conversa — Os peixes foram poucos hoje?

Jerede acenou com a cabeça. — É, mas isso não é tão fora do comum esses dias. — Pausou, e então levantou o olhar — Então, como você está, Tio Lem? Mãe e Nana têm sentido sua falta bastante. Estão preocupadas com você.

Lemuel tentou disfarçar e com tom de despreocupado disse — Só elas, hein?

— Não. Todos nós sentimos sua falta. — Jerede deu uma risadinha. — Não é o mesmo sem suas histórias de camelos saindo correndo na Síria ou de desabamentos de pedras no Negev.

Lemuel sorriu. Ele sentou-se no lado do barco e encheu seus pulmões com o ar fresco vindo do lago. — É, bem, acho que as coisas recentemente não estão tão interessantes para um bom conto. Tenho estado mais na Galiléia. E você? Como está indo?

Jerede chacoalhou sua cabeça ao rir com o pensamento de suas próprias experiências recentes. — Eu acho que tenho feito um bom trabalho em entreter todos com minhas próprias histórias: como remar até as margens com um só remo, como perder metade de sua pesca ao cair fora do barco, como pescar no escuro quando esqueceu as tochas.

Lemuel também chacoalhou sua cabeça, mas não estava sorrindo. Parecia estar... triste.

— Sim, bem, não é estranho, vendo que está sozinho. Ouvi que Esdras também foi para Jerusalém com seu pai. Você foi deixado para trás com uma tarefa difícil — ele ficou de pé, tentando decidir como continuar; então tirou algo de dentro de seu manto. — Aqui, eu trouxe algo. — Ele agachou em frente de Jerede para cortesmente deixar uma bolsa pesada com o som de muitas moedas.

Jerede estava surpreso.



— Eu sei que seu pai não quer meu dinheiro, mas, Jerede, com certeza não seria fora de questão pelo menos providenciar para minha mãe. Você pode arrumar um bom médico para ela?

O coração de Jerede doía. Ele sempre estimara seu tio. Mas depois que Lemuel rejeitara Jesus as coisas se tornaram dolorosamente complicadas. E mesmo assim doía-lhe vê-lo doendo.

— Use o que precisar para cuidar dela, — Lemuel continuou sinceramente — e o resto para fazer o que você achar melhor.

Jerede trocou o seu peso para a outra perna, desconfortavelmente. Ele baixou o olhar para a bolsa de dinheiro.

— *Toma!* Eu sei que você precisa — seu tio disse seriamente. — Jerede, eu vi Ashira na feira semana passada. Ela parecia uma indigente. Certamente aquele *Jesus* de seu pai não quer que as coisas caiam aos pedaços na sua casa.

Finalmente, Jerede pegou a bolsa de dinheiro. Se colocando de pé, encarou Lemuel. Ele colocou a bolsa de dinheiro nas mãos de seu tio. — Desculpe, tio. Concorro com meu pai. Não acho que devemos aceitar seu dinheiro quando você tem tomado uma posição clara contra Jesus.

Lemuel suspirou fortemente. Relutantemente, ele colocou a bolsa de dinheiro de volta em seu manto. Olhando para Jerede atentamente disse —

Então, qual é o seu plano? Certamente não vai sair por aí seguindo Jesus pela Judéia e Galiléia. Não é hora de começar a achar uma profissão decente?

Jerede levantou o olhar, enrugando as sobrancelhas e tentando prever a direção que a conversa tomaria.

— Você nunca foi um pescador — seu tio disse. — Você tem a mente e talentos de um comerciante. Você pode ser meu aprendiz, Jerede. Para mim, o que você crer sobre Jesus não precisa nos separar. Ainda dá para ser um comerciante. Estou indo para Grécia amanhã. Quer vir comigo?

A mente de Jerede estava a mil. Não fora esse seu sonho desde a infância?! A hora finalmente chegara. *"Eu preciso decidir."* Ele sentou-se devagar outra vez entre as redes entrelaçadas.

Seu tio agachou-se na frente dele, esperando uma resposta. Seus olhos estavam esperançosos.

— Tio, — Jerede começou vagarosamente — minha vida inteira eu teria facilmente seguido você para qualquer lugar, especialmente em uma daquelas aventuras de negócios. Eu sou tão desajeitado com as redes, e gostaria tanto de prover melhor para todos. — Ele pausou tentando achar palavras — Mas desde aquele dia que escutei Jesus no nosso pátio, estou começando a pensar de outra maneira.

Lemuel, ouvindo, esqueceu das suas roupas finas e reclinou-se na areia.

— Estou percebendo que não sou quem pensava ser — Jerede disse, tentando achar palavras. — Pensava que era uma pessoa boa e que me importava com Deus e com as outras pessoas. Mas não era assim. E não sou. O *meu* futuro e os *meus* desejos eram o que mais importava para mim. Mas agora, penso que Jesus está pedindo que eu negue tudo isso.

— Me escute, Jerede, — a voz de Lemuel aumentou com desespero — você *ainda* pode fazer a vontade de Deus ao fazer o que é melhor para você e sua família. Uma viagem de um mês poderia prover para sua casa por um ano inteiro! Um mês e você estará de volta com um pouco de dinheiro para manejar.

Os olhos de Jerede arregalaram-se. *"Será que era isso mesmo?"*

Agarrando o braço de Jerede, Lemuel olhou intensamente nos olhos dele — Com certeza Jesus não quer que escolha entre ele e cuidar de sua família. Um homem pode fazer os dois. Você pode ter um trabalho decente e servir a Deus.

Algo veio sobre Jerede como uma onda. *"Adore o Senhor, o seu Deus, e sirva a Ele somente"* Ele repetiu em voz alta, começando a entender o significado — Adore o Senhor, o seu Deus, e sirva a Ele somente. — Lemuel o olhou confuso.

— Tio, se eu vou servir a Deus, as paixões de meu coração não podem estar divididas. Não posso ser o dono dos meus próprios sonhos! Não é sobre isso, nem sobre o bem estar físico da minha família. Estou começando a ver

que Deus tem um propósito bem maior para cada um de nós. Não entendo muito ainda, mas quero seguir Ele. E não quero que nada me distraia ou me pare. Não me importo se preciso pescar até o dia que morrer. Não que uma outra profissão ou trabalho não seja possível, e ganhar mais dinheiro provavelmente não seja ruim também. Mas, se eu entender Jesus corretamente, é o *porquê* que faço as coisas que importa. E você está me pedindo para tentar conciliar as duas coisas ao invés de buscar somente Ele com todo meu coração. Quem sabe? Talvez seja o plano de Deus para mim um dia me tornar comerciante... Mas por enquanto, vou ficar aqui... até eu ter certeza.

Lemuel ficou mudo. Ele levantou-se, rigidamente, como se estivesse com dor. Jerede também levantou-se do chão. Os dois homens encaravam um ao outro na praia. O rosto de Lemuel vermelho de frustração; o de Jerede resplendente com uma nova convicção.

— Então agora  *você*, Jerede! Jogando sua vida fora tão jovem, tão promissor — ele respirou fundo e soltou um suspiro exasperado. — Eu tinha muita esperança investida em você.

Jerede viu lágrimas cintilando nos olhos de seu tio.

— Ele não é um Messias. — Lemuel cochichou amargamente. — Ele não resgata Israel. Ele a divide, destruindo famílias e vidas de jovens que poderiam ter prosperado. — Ele olhou para Jerede pela última vez. E então, com muita mágoa, vagorosamente saiu andando.

Jerede lembrou partes e pedaços de algo que ouvira Jesus dizer e que o tinha deixado confuso. "Não pensem que vim trazer paz à terra." Jesus dissera. "Mas a espada. Pois eu vim para fazer com que o homem fique contra seu pai, a filha contra sua mãe. Os inimigos do homem serão os da sua própria família. Quem ama seu pai ou sua mãe mais do que a Mim não é digno de Mim. Quem não toma a sua cruz e não Me segue, não é digno de Mim." As palavras de Jesus estavam começando a fazer sentido.

Jerede disse baixo, quase para si — Desculpe por você não conseguir entender, tio. — Com Lemuel se foram todas as esperanças e sonhos da infância de Jerede. Mas a lágrima que agora silenciosamente caía da bochecha de Jerede não era para si próprio. Era para aquele que provavelmente nunca voltaria.

Jerede virou-se e encarou as ondas do mar quebrando. Uma brisa soprava pelo seu cabelo e no seu rosto bronzeado. "*O que será que essa nova vida trará?*" Seu futuro agora estava tão obscuro quanto as margens nebulosas do outro lado do lago. Mas estava tudo bem. Mesmo que estivesse um pouco triste por seu tio, ele sabia que estava fazendo o que era certo, e seu coração estava seguro com uma paz que satisfazia.

De repente, uma voz do outro lado da praia o pegou de surpresa — Ei! Jerede! — Jerede virou para ver Esdras correndo em sua direção.

— Esdras! Você voltou! — Jerede também começou a correr. Eles se encontraram e se abraçaram. — Você está sozinho. Meu pai... e Jesus... eles estão vindo?

Esdras chacoalhou sua cabeça. — Eu voltei mais cedo com alguns outros. Meu pai e Elizabete e todos vocês estavam na minha mente esta semana inteira. Eu precisava voltar e eu queria contar para todos vocês... Ah, Jerede... — ele parou, sem outras palavras.

Os dois riram.

— E eu também tenho algo para dizer — Jerede disse. Ele olhou por cima de seu amigo em tempo para ver seu tio chegar ao topo do morro e desaparecer de vista.

# Ele nos ensinará Seus Caminhos

# 16

Virão muitos povos e dirão:  
"Venham, subamos ao monte do Senhor...  
para que Ele nos ensine os seus caminhos,  
e assim andemos em suas veredas."

Isaías 2:3

Ziva sentou-se pensativa em um banco no seu pátio. Ela estava irritada. Olhava criticamente uma sandália que um sapateiro arrumara para ela.

— Será que aquele homem ridículo não consegue fazer nada certo? — resmungou para si mesma. — Ora, na primeira vez que eu uso a sandália, a sola sai...

A memória de Jesus e seu olhar penetrante rompeu seus pensamentos. Ela chacoalhou sua cabeça, tentando apagar a culpa que sentia pela centésima vez desde aquele dia no pátio de Simão.

"Quem é aquele nazareno, que não consigo esquecer suas palavras ou seu rosto?"

Tentando fugir da tempestade dentro de si, ela apanhou seu jarro de água com pressa, colocou-a na anca e saiu na direção do poço. Mas mesmo no caminho, as palavras de Jesus ecoavam na sua mente.

"Ame seus inimigos... amar alguém somente para ser amado em troca é a maneira que todos os homens vivem... o reino de Deus está muito perto, e se não se arrepender vai perder..."

Ziva suspirou e descansou o jarro no muro quando chegou ao poço. "Amor. O que eu sei de amor?" Na sua vida sozinha como viúva, ela se escondia atrás de amargura, de sua fantasia de perfeccionismo e de severidade. Seu irmão era um aleijado, considerado amaldiçoado por Deus. Jessé e sua família, eles eram tudo que tinha. "Então por que trato eles com desprezo? Por que sinto o impulso de destruir tudo de bom que tenho?" Ziva suspirou outra vez.

Enquanto outras mulheres se juntavam no poço para pegar água, Ziva as cumprimentou e abaixou o balde de couro. Uma jovem menina veio correndo, respirando fortemente.

— Jesus voltou! Ele está ensinando no morro! — ela falou ofegante. — Uma multidão já está se juntando! — Com isso, a menina saiu correndo da quadra rapidamente.



O coração de Ziva deu um pulo. E depois pesou. Ela tinha outra chance de ouvir Jesus falar! Mas será que realmente queria isso? As palavras desse homem eram desafiadoras e até ofensivas às vezes. Talvez ela só quisesse ver seus olhos outra vez, ver a bondade fluir deles. De repente, derramou a água em seu jarro, levantou-o na sua cabeça e saiu para sua casa.

Chegando em casa, Ziva derramou a água do seu jarro na cisterna. Sua pressa era tanta que muita água respingou fora, no chão, antes de terminar. Ignorando a molhadeira no seu chão impecável, Ziva se apressou para fora da porta quase sem olhar para trás.

No morro, Ziva parou, enrolando seus dedos no manto. "*Por que estou aqui?*" Ela reconheceu vários rostos familiares na multidão que se reunia. Se sentiu ficando vermelha ao ser notada por alguns. "*O que devem estar pensando!*" O sapateiro com quem ela ficara tão brava passou. Uma torrente de indignação a encheu. Ela colocou os ombros para trás e se preparou para soltar uma torrente familiar de seus lábios, mas mordeu sua língua.

No mesmo instante ela ouviu Jesus falar com as pessoas um pouco mas acima no monte. Ela se aproximou delas.

— Deus abençoa aqueles que reconhecem que precisam dEle, pois o Reino dos Céus é dado a eles. Deus abençoa aqueles que são mansos e humildes, pois receberão a terra inteira por herança. Deus abençoa aqueles que são misericordiosos, pois obterão misericórdia. Deus abençoa aqueles que têm um coração puro, pois verão a Deus. Deus abençoa aqueles que trabalham para ter paz, pois serão chamados filhos de Deus.

Cada palavra veio como um golpe para Ziva. "*Humildes? Mansos? Com coração puro? Trabalham para ter paz?*" Ela sentiu lágrimas começando a brotarem nos olhos. Ela não era nenhum desses. No fundo do coração, sabia que, se fosse colocada na balança da justiça de Deus, como Belsazar no livro de Daniel, seria achada em falta. Lágrimas começaram a se derramar. Ela impacientemente as limpou.

— Ummf! — resmungos de um espectador pegaram sua atenção. O desgosto claro escrito no rosto do velho homem pesou no seu coração. — Bah, paz?! Humildes... que papo furado! — O espanto de Ziva transformou-se em horror ao perceber que se via nesse homem. Estremecendo, ela tentou focar sua mente no que Jesus estava falando agora.

— Deus abençoa aqueles que são perseguidos por andar com Ele, pois o Reino dos Céus é deles. Deus abençoa você se alguém o persegue ou mente sobre você por estar me seguindo.

"*Será que eu sou uma perseguidora?*" Como uma inundação a lembrança do que dissera a Ashira e a outros sobre André, sobre Simão, sobre Jesus veio; aquelas vezes que tinha zombado em voz alta e dentro de seu coração, aquelas vezes que dissera coisas que sabia não eram verdadeiras. Ah, ela não aguentava ouvir mais! A dor no seu coração era tão forte. Passando

bruscamente por outras pessoas ela se apressou para sair. *"Talvez possa conversar com meu irmão. Ele teme a Deus. Talvez ele consiga me ajudar."*

Ela desceu o morro correndo cegamente pela cidade, induzida por uma urgência desesperadora. Seu caminho para a casa de Jessé a levaria a passar pelo poço central da cidade. Quando ela se aproximou, notou Ashira pegando água. Ziva recuou com desânimo. Não é com ela que quero falar, pelo menos não agora. Mas se determinou a ir em direção ao poço. Seu coração batia fortemente e sua garganta doía.

— Oi, Ashira.

O rosto de Ashira lutava com angústia — Oi, Ziva. — Sem quase outro olhar, Ashira continuou a pegar água com pressa.

— A-Ashira?... — Ziva tomou coragem. — Eu estava no morro agorinha e Jesus está lá. Seu pai também, e... — Ziva pausou.

Ao mencionar Jesus e seu pai, Ashira deu um suspiro áspero. Água derramou do balde de couro enquanto ela engolia o soluço.

— Está tudo bem, Ashira? — Ziva perguntou, perplexa com o comportamento de Ashira.

— Não! — Ashira disse precipitadamente com voz quebrada mas, se contendo, rapidamente adicionou — Não quero ser desrespeitosa, Ziva. — Ela despejou a água sem jeito no seu jarro.

Ziva se sentiu em pedaços. — Não, querida, tenho certeza que não quis. — Em sua própria agonia, não viu as lágrimas correndo na face de Ashira. Ela sentou-se no banco de pedra perto do poço, tentando expressar para Ashira o que ela ouvira no morro. — Jesus disse sobre ser humilde, gentil, manso, misericordioso. Eu só queria que você soubesse que...

Ashira a interrompeu — Ziva, por favor. Eu não posso ouvir agora. Minha vó está muito doente! Eu preciso voltar para casa com essa água e de pressa!

Ao Ashira levantar sua jarra de água, Ziva viu pânico em seus olhos. — Ashira! Eu sabia que Ana estava doente, mas ela piorou?

— Ela está morrendo, Ziva. — a voz de Ashira estava quebrada com emoção. Sem levantar o olhar, ela virou na direção de casa e ergueu o jarro de água em sua cabeça.

— Posso ajudar? — Ziva chamou por trás dela.

— Não! — Ashira retrucou com a aparente coragem de uma aflição ofuscante. Ela mordeu sua língua. Sabia que tinha falado em um tom muito severo. — Me desculpe, Ziva, não tem nada que pode fazer — engolindo outro soluço, ela se apressou no caminho.

Ziva estava atordoada. Com joelhos fracos, ela estendeu a mão para baixo para sentir a solidez do banco de pedra. Ela sentou-se em desespero total. *"O que tenho feito? Será que tenho machucado eles tanto que nem me querem perto na hora de maior necessidade?"* Seu próprio coração se partiu por Ana. *"E quase não tenho dito uma palavra a ela em anos. Ana, Yahweh, me*

*perdoem! Ó Deus, por favor não deixe Ana morrer. Todo mundo morre eventualmente, mas deve ser agora?"*

Ela gemeu enquanto ondas de culpa abalavam seu corpo inteiro. *"Eu queria falar para Ashira o que eu ouvi de Jesus, mas ela pensou que vinha repreensão da minha boca pelo jeito que ela falou."* Ziva se afundou em angústia.

Pensamentos continuavam a atormentá-la. *"Eu preciso falar com Jessé."* Ela levantou-se do banco. Olhando para o céu, cochichou — Eu preciso de Você, Adonai. Preciso muito de Você.

### **O salmo de Ziva**

*Alguém pode medir  
O que Ele tem feito?  
Alguém pode imaginar  
O que Ele tem ganhado?  
Embora fosse cega  
Estou começando a ver  
O quão profundo meu orgulho é  
Quero ser livre!*

*Quero a Luz  
Que vejo nos Teus olhos  
Preciso da Tua verdade  
Para romper as mentiras  
Quero ouvir  
Quero ver  
Será que tudo que fiz  
Pode realmente ser limpo?*

*Vem brilhar Tua Luz,  
Querido Messias!  
Vem soltar minhas correntes,  
Senhor de Amor!  
Escolho ser nada  
Para Ti, para Ti!  
Senhor, se for Tua vontade,  
Podes me fazer nova!*

# Ele Realiza Maravilhas

# 17

*Ele realiza maravilhas insondáveis,  
milagres que não se pode contar.*

Jó 5:9

**A** casa estava escura e quente. Ashira fechou a porta atrás de si e agachou-se para colocar o jarro de água perto da porta. Conseguia ouvir claramente sua própria respiração aflita no silêncio. Ela pausou para deixar seus olhos se ajustarem às sombras do quarto. Seu coração se sentia tão escuro quanto o quarto parecia estar. Ela estava brava com Ziva, brava com ela por aparecer nesse momento de dor, brava com ela só por ser Ziva. "Por quê?" Ela lutou para focar sua mente, sua garganta ainda tensa. "Ah, eu preciso levar essa água para Nana!"

— Ashira? — Ariel estava no corredor que levava para a parte de trás da casa, o nenê na anca. Sua voz ansiosa era um pouco mais que um cochicho — A febre de Nana está muito alta. A mãe precisa de você.

Com as mãos trêmulas, Ashira rapidamente encheu uma tigela com sua água do poço e a levou para o fundo do quarto. Tudo estava tão quieto. Ela estava com medo. Ezequiel, Rebeca e Kitra estavam amontoados na entrada do quarto da avó. Os olhos de Ezequiel, arregalados.

Kitra chegou perto de sua irmã mais velha — Shira, podemos vê Nana?

Ashira acarinhou o cabelo da pequena menina — Shhh... logo, logo.

Ela empurrou o pano grosso que foi pendurado como uma porta temporária e entrou no pequeno quarto.

— Ashira, rápido! — a voz de Jedida estava quase em pânico. — Ela está tão quente. — Ashira caiu de joelhos ao lado da enxerga de sua avó soltando um pequeno choro. A febre tinha claramente tomado conta do corpo. O rosto de Ana estava bem vermelho. Seu cabelo completamente molhado com suor. Jedida molhou um pano na água que Ashira trouxera, e o colocou na testa de Ana.

— Nana? — Ashira disse, baixo de início. Ela pegou a mão da avó, que estava quente ao tato, e a acarinhou. — Nana? — mas não houve nenhuma reação.

A respiração de Ana era quase imperceptível.

— Ó, Nana... — a voz de Ashira foi diminuindo, engasgada com medo. — Mãe, ela não está dizendo nada! — lágrimas corriam no seu rosto.

Jedida estava tremendo ao colocar seu braço em volta de sua filha. Os seus olhos estavam fundos e cansados; pois não descansara em dias. Ashira

lembrou — Ah! Abba e Jesus. Eles estão no morro. Eles voltaram. *Por favor, mãe...*

A expressão de agonia no rosto de Jedida acalmou-se com alívio. Ela beijou a cabeça de Ashira. — Sim! Vá o mais rápido possível! — Ashira ficou de pé tonta e cambaleou até a porta. — E leve Ezequiel com você — Jedida adicionou. — Isso vai ajudar ele.

Ashira e Ezequiel voaram pelas ruas em direção ao lado extremo de Cafarnaum, onde os morros continuavam para o norte. No declive do morro somente restara alguns galileus. Ashira ofegava — Eles não estão aqui!

Três jovens meninos passaram por perto correndo e brincando de pega-pega. — Ei! — Ezequiel gritou, reconhecendo um companheiro de aula. — Onde Jesus está! Prá onde todos foram?

Um dos meninos parou e apontou para Cafarnaum — Jesus e a maioria dos outros desceram para a cidade na direção da sinagoga. Vamos lá. Quer brincar também?

Ezequiel não esperou para responder. Ele se virou e desceu correndo o morro, Ashira logo atrás. Chegando mais perto da sinagoga, as ruas ficaram mais e mais populosas. Quando a estrutura finalmente chegou à vista, a multidão estava tão compacta que quase não deu para penetrar nela. De repente um pequeno tumulto começou na porta da sinagoga. — Ashira, tô vendo eles! — Ezequiel gritou. Jesus e Simão com André e os outros estavam tentando descer as escadas da sinagoga.

Ao vê-los, o desespero de Ashira chegou ao máximo. — Por favor! — ela gritou, se esforçando para penetrar nessa multidão de pessoas. — Me deixe passar! — Ezequiel segurou firmemente na túnica dela, pois a pressão de tantos ameaçava separá-los. O barulho da multidão aumentava. Centenas se pressionavam em direção a Jesus. A voz de Ashira foi abafada, e ela foi imobilizada pelo grande número.

Alguém perto dela tagarelava — Eu vi ele fazer. O homem foi curado!

— Você viu a pele dele? — outra mulher disse. — Não dava para acreditar que antes era um leproso!

A parede de pessoas partiu-se por um segundo atrás de Ashira. Abrindo agora ao lado dela, um romano passou. Esbarrando levemente em Ashira, ela viu seu uniforme desordenado e empoeirado. Ashira sentiu um puxão na sua manga. Os olhos do Ezequiel brilhavam. — É aquele centurião! — ele cochichou roucamente. A multidão silenciou-se. — O que *ele* está fazendo aqui? — uma voz ecoou.

Paralisada em seu lugar, Ashira observava enquanto o homem se aproximava de Jesus. "*Jesus está em perigo? Onde Abba está?*" As pessoas rodearam Jesus outra vez, observando atentamente, e ela perdeu a vista dos dois. Ezequiel caiu de joelhos e saiu engatinhando para a frente da multidão. Ashira ficou nas pontas dos pés, tentando ver.

Jesus e o centurião estavam face a face. O romano removera seu capacete, e Ashira se esforçava para ouvir o que ele estava dizendo para Jesus — Senhor! Não mereço que você passe nem mesmo pela porta da minha casa. Por favor, só fale o comando, e meu servo será curado. Sou um homem de autoridade, e tenho autoridade sobre meus soldados. Quando falo para um ir, ele vai! E quando falo para outro vir, ele vem. Digo para meu servo, "Faça isso," e ele faz com todo coração. — Jesus olhou nos olhos do homem, e Ashira ficou surpresa com a expressão do Mestre. Ele estava admirado. Ele sorriu, como se tivesse acabado de descobrir um tesouro. Jesus virou para a multidão e falou em voz alta e clara — Não achei fé como essa nem mesmo entre os filhos de Israel!

Alguns na multidão falaram entre si outra vez. — Como pode dizer isso! Os romanos são melhores que nós? — alguns começaram a ir.

Jesus colocou sua mão no ombro do homem — Vá. Será exatamente como acreditou que seria.

Ashira se espremia para passar pela multidão para se juntar ao seu irmão. — Shira, — Ezequiel disse. — Jesus curou o servo do centurião. Você ouviu? — ele apontou para o centurião, que se apressava para sua guarnição.

— Ezequiel, onde está Abba? — Ashira perguntou. — Precisamos dele logo!

— Por aqui! — Ezequiel a puxou pela multidão, que estava um pouco menos densa agora. Simão estava ao lado de Jesus, cativado por tudo que estava acontecendo ao redor de seu Mestre.

— Abba! — Ashira gritou, se apressando em direção a seu pai.

O rosto de Simão se abriu em um sorriso radiante que logo desapareceu ao ver as bochechas manchadas de lágrimas na sua filha. Ele a pegou em seus braços. — Ashira? O que está errado?

— É Nana. Ela está na cama por dias. Está com uma febre alta e... — a voz de Ashira falhou com angústia.

Jesus chegou perto — Simão, Ana está doente?

Ashira olhou para Ele, atingida outra vez por Sua bondade. — Sim, ela está *muito* doente — ela disse engasgando.

Jesus gesticulou para os outros discípulos ali perto — Vamos embora, tá na hora.

O caminho não era longo, mas mesmo andando rápido pareceu ser dolorosamente comprido para Ashira. Muitos da multidão seguiram. Assim que a casa estava à vista, Simão começou a correr. Ele abriu a porta e desapareceu para dentro na frente deles.

Ashira apressou-se atrás dele para dentro do quarto principal. Jesus estava logo atrás junto com André, Tiago, João e vários outros seguidores.

— Ashira, — Jesus disse — você pode me levar para onde Ana está?— Ashira O levou pelo pequeno corredor que levava para os pequenos quartos de

trás. Ela afastou o pano que estava em frente à porta e eles entraram no quarto onde sua avó estava.

Ariel estava bem na entrada com o rosto embranquecido. Jesus parou e levantou seu queixo. Ele a chamou pelo nome — Ariel, não tenha medo. — Ela respirou fundo e acenou com a cabeça em acordo.

Ashira olhou para o fundo do quarto onde os outros estavam conversando juntos em vozes baixas. Simão estava com um braço ao redor de Jedida e as crianças menores amontoavam-se por perto, agarrando-se em seu pai. Jerede tinha subido das margens e também estava ao lado de seu pai. Ashira olhou nos olhos de seu irmão e conseguia ver sua angústia.

Perturbado, Simão olhou para Ana e depois para Jesus. Ela estava tão imóvel. Será que ainda estava viva? Ashira sentou de costas para a parede com os ombros caídos. Kitra deixou o lado de Simão e foi para o colo de Ashira.

— Tá tudo bem agora, Shira — Kitra cochichou. — Nana vai tá bem logo. Jesus veio!

Ashira olhou para Jesus. Ele estava se inclinando por cima de Ana. Naquele momento ela achou que Ele era o único nesse quarto sem medo da morte. Ela vira o destemor em Seus olhos quando disse para Ariel "Não tenha medo". Que tipo de homem era tão estável, tão poderoso, tão amoroso diante da morte?

Jesus tocou a mão de Ana. — Saia — Ele disse. A autoridade na Sua voz alcançou cada canto. Ele claramente não estava falando com os presentes no quarto.

*"Ele está mandando a febre sair?"* Ashira segurou sua respiração e inclinou-se para frente.

— Ana — Jesus chamou com uma voz gentil. Ashira pulou de pé e todos no quarto ofegaram e juntaram-se em volta da cama quando Ana abriu seus olhos e sentou-se.



— Ana! — Simão não conseguia se conter. — Ana, como está!? Ah, Mestre! Obrigado!

A mão de Ana ainda estava na de Jesus. Ela não tirara seu olhar dEle. Vagarosamente ela achou sua voz — Que *maravilhoso*, Yesu, acordar com você me olhando! — Jesus sorriu e ajudou-a ficar de pé.

Jedida jogou seus braços em volta de Ana, dando um passinho para trás só para colocar suas mãos no rosto de sua mãe em admiração. — Sua febre foi *embora!*

Kitra deu um grito e pulou nos braços de Jesus, beijando seu rosto barbudo. Ezequiel deu um abraço em sua avó depois deu um berro de alegria ao sair correndo para dar a notícia aos outros. André deu um tapa nas costas de Simão. Eles viram tantos serem curados nas últimas semanas, mas esse era diferente, muito pessoal. Ashira se viu rindo pela primeira vez em muitos dias. Ela abraçou sua avó — Nana, como se sente? Você estava tão *doente*.

Ana, ainda tentando absorver tudo, estava radiante — Eu me sinto muito descansada, sem nenhuma dor! — Ela virou-se para Jesus — *Agradeço Você!*

O pulso de Ashira batia rápido, e seu coração estava radiante. O quarto ficou um pouco silencioso enquanto eles absorviam a maravilha do que tinham visto.

Ana olhou para a janela, seus olhos acessos com um brilho familiar — Jedida, tá tarde? Posso fazer alguma coisa para todos comerem? — E começou a ir para a porta.

— Ana! — Simão repreendeu brincando, — tem certeza que está a fim disso?

Ana caiu em gargalhadas — Bem, Simão, filho de Jonas! Acho que essa é a primeira vez que você fala algo contra ter uma refeição! — ela apertou sua mão. — Realmente, querido, nunca me senti melhor!

Jesus sorriu — Só se, é claro, Pedro, você quer que André cozinhe para todos.

André soltou uma risadinha, e Pedro queixou-se — Ah, não! Tentamos isso na volta de Jerusalém!

No meio de mais risadas, todos passaram para o quarto da frente. Jerede trouxe um pouco de sua pesca. Ashira abriu as janelas que estavam fechadas por muitos dias, e o sol da tarde fluiu para dentro da casa.

Ashira até esse momento tinha completamente se esquecido da multidão. Ela olhou para fora da pequena e alta janela para ver um pouco melhor. O gorjeio de muitas vozes rodeava a casa.

— Ana foi curada! — alguns diziam. — Jesus curou ela!

Ashira observava. A notícia espalhara e depois de pouco tempo a multidão tinha mais que duplicado em número. Pessoas estendiam-se para baixo da rua nas duas direções e mais chegavam.

— São tantos! — Ashira disse.

Jesus veio e olhou para fora também — Tantas ovelhas...

O pensamento foi interrompido por uma batida na porta. Ashira foi e a abriu. Ziva hesitou na entrada, e Ashira deu um passo para trás, endurecendo.

— Eu... — Ziva gaguejou desconfortavelmente, — eu ouvi que Jesus estava aqui.

Ashira deu um aceno relutante e Jesus veio para a porta — Oi, Ziva — Ele disse afetuosamente.

Ela foi na Sua direção, quase tropeçando na soleira da porta. Ashira pegou sua mão para estabilizá-la.

Ziva olhou para Jesus — Ó, Senhor! — ela caiu aos Seus pés, sua face quase tocando o chão.

O coração de Ashira estava a mil. Ela tirou seu olhar de Jesus, relutante em aceitar o que estava acontecendo. Jedida e Ana pararam seu trabalho e estavam observando. O quarto inteiro estava olhando silenciosamente. A Ziva nos pés de Jesus era a mesma Ziva orgulhosa que tinham conhecido por anos?



Jesus abaixou-se e levantou o queixo de Ziva. Ela tentou falar. — Ó, Mestre, me perdoe... — mas ela não conseguia terminar.

Gentilmente, Ele segurou o rosto dela em Suas mãos por um pouco, Seu olhar compassivo. — Ziva, sua fé te curou — Ele a levantou e beijou sua mão. — Esteja em paz.

Ziva sorriu. Ashira nunca tinha visto ela tão grata, submissa ou amorosa antes, mas, sem dúvida alguma, o olhar no seu rosto agora expressava uma combinação dessas mesmas três qualidades bem diferentes.

Ashira se sentia com calor, seus pensamentos confusos. Mais uma vez, Jesus tinha feito a última coisa ela que tinha esperado. *"Não consigo ver dentro dela, mas Ele consegue. Ele vê o coração dela da mesma maneira que viu o coração do centurião. Ele vê algo, uma mudança lá, que O deixou contente. Por que eu não estou contente?"* Ciúmes e raiva dentro dela estavam em conflito com o perdão que ela acabara de testemunhar nesse homem Jesus.

Ziva apontou para fora da porta. — Nós trouxemos Jessé, meu irmão, por favor, você pode ver ele? — Jesus saiu para fora, e Ziva seguiu de perto. Ela parou de repente, porém, ao ver Ana — Ana! Você está bem!

Ana sorriu e veio mais para perto — Ahhh, Yesu me fez bem, do mesmo jeito em que fez você bem. — As duas se abraçaram e Jedida veio também enquanto conversavam juntas.

Ziva encostou perto de Ashira, que não tinha deixado seu lugar perto da porta. As duas olharam nos olhos uma da outra — Ashira, — Ziva disse, se

esforçando para achar as palavras — você pode me perdoar por como tenho tratado você? Eu estava tão, tão errada. — Ashira abriu sua boca e depois fechou-a outra vez. Ziva começou a falar mais, mas Ashira abaixou o olhar.

Houve altos gritos lá fora. Esdras colocou a cabeça para dentro da porta aberta — Jerede! Vem ver! Meu pai está bem! — A casa esvaziou-se. Ana e Jedida deixaram a comida. Ziva deu mais uma olhada para Ashira e correu pela porta.

Elizabeth veio para Ashira, rindo e chorando ao mesmo tempo — Olha! Olha! — Ashira virou-se e viu: Jessé estava de pé! Ele não estava só andando, mas pulando! Seus gritos de glorificação se espalharam pela multidão jubilosa.

Esse era o começo de uma noite longa e cheia. As multidões traziam para Jesus seus queridos, os doentes e coxos e endemoninhados e Ele curou todos eles. A multidão regozijava em voz alta enquanto Ele andava entre o povo, colocando Sua mão em um depois em outro. Muletas e macas foram jogadas para o alto, seus donos curados. Pés que nunca tinham andado agora dançavam e todo tipo de enfermidade foi obrigada a sair. Ana, Jedida e Ziva, juntas, puseram as mãos para trabalhar. Elas trouxeram comida e bebida para aqueles que precisavam. Todos se ocuparam de várias maneiras nessa noite das noites.

As estrelas já estavam brilhando muitas horas antes de as multidões começarem a diminuir. Vários acharam lugares para dormir bem no pátio; outros voltaram para suas casas. Ashira olhou ao seu redor e viu Jesus no lado de fora perto da parede do pátio. Ele ajudou uma criança de seis anos a ficar de pé. A tosse constante do pequeno menino acalmou-se, e sua respiração voltou ao ritmo normal de uma criança. Os braços de Jesus estavam caídos. Mesmo seu trabalho sendo tudo para Ele, Ashira podia ver que Ele estava muito cansado. Ele nem tinha parado para comer. Enquanto os pais do menino levavam seu filho para casa, Jesus entrou no pátio. Ele abaixou-se e gentilmente levantou Kitra, que caíra no sono perto do portão com um sorriso no rosto.

Ashira entrou com Ele dentro de casa. A maior parte de sua mente estava tensa e adormecida, mas, ao fechar a porta atrás deles, seu coração ansiava algo a mais do que os milagres maravilhosos que Ele trouxera ao redor dela naquele dia.

Jesus cuidadosamente deu Kitra para sua mãe e cochichou — Durma bem, anjo. Boa noite, Jedida.

*"Eu quero conhecer Ele."* Ashira pensou, seu coração doendo de ansiedade. *"Com todo o meu coração, eu quero conhecer Ele".*

*O povo que vivia nas trevas  
viu uma grande luz; sobre os que viviam  
na terra da sombra da morte  
raiou uma luz.  
Mateus 4:16*

Ashira estava sentada no canto da parede do pátio, fechando mais seu manto para tentar se esquentar no ar geladinho da manhã. Ela olhou cuidadosamente na direção do lado leste do lago. O céu estava clareando, mas ainda faltava muito para raiar o sol. Ela olhou para dentro do pátio. Pessoas estavam dormindo aqui e acolá e ninguém dentro de casa estava acordado. Mas Ashira estava acordada... e tinha passado a noite quase sem dormir. Tantas cenas da noite anterior continuavam a voltar à sua mente. Tantos milagres! Ontem, tudo estava acontecendo tão rápido que ela não conseguira absorver tudo. Mas depois, quando as coisas finalmente se aquietaram, cada cena girava em seu coração, nos seus pensamentos, como preciosos e incríveis diamantes e em cada ângulo que ela olhava vinha uma nova maravilha. E no centro de tudo estava *Jesus, o Messias!* Ela estava começando a amar lembrar dEle.

Ashira cantou baixo uma melodia para as palavras que estavam se transformando em cântico em sua mente nas últimas horas. Sua voz foi abaixando até ela cair em um silêncio e colocar as mãos no rosto. Ela sabia que havia mistura em seu coração. *"Ziva. Tudo ontem foi tão incrível. Tudo menos o que aconteceu com Ziva. Por que não consigo aceitar que ELA mudou? Certamente não é certo ter uma opinião diferente da que Jesus tem sobre ela."* Ashira respirou fundo e vagarosamente soltou a respiração. *"Adonai, o que tem de errado comigo??"*



Ela levantou sua cabeça e observou o horizonte outra vez, com esperança de ver um pequeno raio do sol. Escutou o barulho de passos no pátio atrás dela. Virando-se ela viu Jesus, com Seu manto e Sua bolsa em um braço.

Ele viu Ashira e veio para perto. — Bom dia — Jesus disse ternamente.

— Você... Você vai embora? — ela esperava que não.

Ele colocou a mão no braço dela carinhosamente — Logo, mas não agora. Muitos outros ainda não ouviram o que você ouviu ou viram o que você viu, Ashira. Há muitos cativos a serem libertos.

Seus pensamentos a mil, Ashira olhou para baixo.

Jesus inclinou-se para frente, encostando-se à parede ao lado dela — O que você está pensando? — Ele colocou Sua cabeça de lado, tentando ver os olhos dela.

Ashira sabia que realmente não conseguiria esconder e nem queria. Ela levantou seu queixo, sorrindo pesarosamente. — Bem, tenho pensado em *muitas* coisas — ela pausou. — Mas talvez Você possa me ajudar entender uma coisa. Ziva... eu, eu estava tentando evitar ela ontem à noite. Ela mudou tão rápido depois de vir para Você, mas parece que eu... — o olhar de Ashira voltou para o chão outra vez. — *Eu* não consigo mudar tão rápido minha opinião sobre ela. Jesus, eu quero amar ela... como Você ama ela.

— Quer mesmo? — A pergunta fora direta, mas os olhos de Jesus estavam ternos com compreensão e compaixão. A verdade de Seu desafio penetrou dentro de Ashira. Ela virou-se para encarar Jesus completamente. — *Parte* de mim quer amar ela — ela começou, — mas a outra parte está resistente. Não sei se realmente *acredito* na mudança em Ziva — seu cochicho ficou mais intenso à medida que suas próprias intenções foram trazidas à luz. — Ou talvez eu não *queira* acreditar! Talvez tenha endurecido meu coração tanto com ela que nem quero mudar se... se isso implicar em realmente *amar* ela. — Ashira parou, horrorizada quando deu conta das suas próprias palavras — Ó, Yesu!

Jesus olhou para ela destemido — Ashira, você está começando a ver. Odiar seu pecado e mudar; foi aí onde Ziva começou e é onde *você* deve começar também. — Com esperança evidente na sua voz, Ele continuou — Você será livre quando parar de julgar os outros e dar as costas a seus pecados e ir na outra direção. *Celebre* os milagres que Abba tem feito em Ziva e em tantos outros... e Ele os *fará* em você... — Acenando com a cabeça para ela, Ele adicionou — SE você Me seguir.

Ashira olhou nos olhos de Jesus. Palavras tão diretas e desafiantes. Seu coração foi colocado totalmente exposto. Mas mesmo assim, Ele parecia ter dado a ela o presente de coragem para poder obedecer Ele. — Jesus, — ela desceu do muro e ficou de pé na frente dEle declarando — isso É o que quero. Tenho pensado nisso desde a primeira vez que falou no nosso pátio semanas atrás. Eu pensei sobre isso outra vez ontem à noite. Tudo que tenho visto Você fazer e tudo que Você disse sobre arrependimento, sobre liberdade e sobre as

boas novas do reino, eu sei que tudo isso é achado em Você! Eu *quero* seguir Você, e *vou*. Eu quero imitar Você e aprender a amar como Você ama e odiar tudo que Você odeia. — Ashira pausou, percebendo que estava começando a falar um pouco alto. Ela olhou ao seu redor para aqueles se mexendo e quase acordando no pátio. Ela inclinou-se na direção de Jesus e cochichou sinceramente — *Você pode me ajudar?*

Jesus abriu um grande sorriso com prazer — Mas é claro, filha de Simão. — Ele colocou suas mãos nas dEle e olhou para ela seriamente — Você pode confiar em mim para ajudar você momento a momento, vez após vez. Vou dizer um pequeno segredo, tá bom? Se você colocar sua vida e seu coração e seu futuro em Minhas mãos, Eu estarei com você sempre, até que o céu se rasgue com a trombeta de Gabriel e eternamente depois disso.

— Yesu!! — Ashira se silenciou com sua admiração. Tentando absorver tudo, ela pensou por um momento e timidamente disse — Jesus? Tenho pensado em Você a noite inteira e... isso virou um tipo de canção para Você. Quer... quer ouvir ela?

Jesus olhou para ela genuinamente surpreso — Ashira! — Seu rosto iluminou-se — Eu amaria ouvir.

Ela olhou por trás de seu ombro, esperando que não perturbasse os poucos ainda dormindo. Alguns já acordaram e estavam ouvindo, mas ela começou a cantar mesmo assim, seus olhos fitos em Jesus.

*O que posso dar  
E que posso deixar  
Para mostrar quão grata estou?  
O que posso dizer  
O que posso fazer a Você  
Para mostrar o quanto amo Você?*

*Minha vida está aqui  
Leve-a  
Use-a  
É tudo que tenho  
Mas talvez através disso  
Você veja o quanto significa para mim.*

Os olhos de Ashira nunca deixaram Jesus de tão concentrada estava em deixar Ele saber que tinha a intenção de pessoalmente cumprir cada palavra. Ela podia ver que isso deixou Ele cheio de prazer. Ela nunca esqueceria a expressão de amor no Seu rosto.

— Obrigado, Ashira — Jesus estava claramente comovido. — Eu sempre vou lembrar deste presente. Essa fé dá tanta alegria para mim e para meu Pai. Você vai continuar a confiar em mim, deixar sua vida ser como e o que Eu decidir?

Ashira pensou sobre que Ele estava dizendo — Eu não sei exatamente tudo que vai implicar, mas sei que posso confiar em Você. Então eu vou!  
Jesus gentilmente apertou sua mão.



Um som de clop-clop de cavalos estava quase no portão quando Ashira finalmente ouviu. Para sua surpresa, o centurião romano e o jovem servo que Jesus curara no dia anterior param bem na frente do pátio. Com rostos radiantes, eles cochicharam um para o outro enquanto o mais velho dava instruções para o mais jovem. O servo tirou um grande saco de farinha do seu cavalo menor e o colocou cuidadosamente no chão perto do pátio de Simão. Ezequiel, que cuidava das cabras, correu de onde estava até o portão. Ashira só conseguia ouvir pedaços da conversa curta entre o centurião, o servo e seu empolgado irmão menor.

Ashira olhou para trás para falar com Jesus, mas ele já tinha saído quietamente. Seu coração não conseguia deixar de continuar a falar com Ele. *"Jesus, Você é tão Fiel. Eu sei que seremos continuamente surpreendidos por quem Você é e pelo que Você revela a nós. Olhe! Aqueles que antes eram nossos inimigos agora estão cuidando de nós como se fossem nossa família."* Ela olhou ao seu redor, os outros acordavam com o movimento e olhavam para o centurião com curiosidade. *"Mesmo que muitos vão rejeitar Você, quão preciosos são aqueles que decidem amar Você."* Ela chacoalhou sua cabeça admirada. *"Que reino, que família isso será!"*

Suas pequenas irmãs correram para o portão vendo os cavalos sair troteando — Bligada! — Kitra gritou.

O romano olhou para trás e acenou — De nada, mocinha.

Simão levantou Kitra do chão e os dois deram tchau até os cavalos trotearem fora de vista. Todos riram em admiração.

O sol estava finalmente rompendo o horizonte, jogando no pátio o nebuloso brilho da manhã. Ashira viu André se esticar. Ele chacoalhou alguns outros discípulos para acordarem. Esdras acabara de chegar e se juntou a Jerede e seu abba numa conversa no outro lado do pátio. Ashira caiu em gargalhadas ao ver Elizabete e Jessé vindo também, Elizabete radiante ao se apressar para acompanhar os passos de seu abba. Ashira aproximou-se de sua mãe. Jedida, com o nenê na anca, estava se maravilhando por Ariel oferecer não tão timidamente bolinhos às pessoas acordadas.

Apontando para Ezequiel, Ashira cochichou para sua mãe — Olhe!

Ezequiel agora estava energeticamente talhando a ponta da espada que talhara semanas atrás, aparentemente a alterando para algum tipo de ferramenta. Ele olhou para sua mãe e para sua irmã, dizendo — Para o centurião! Sabia que ele falou que eu podia chamar ele de Marcus?!

Enquanto isso, Ana estava gesticulando para Rebeca ajudá-la abrir o saco de farinha. — Esse vai ser o melhor pão que já tivemos!

Jesus já havia colocado tudo das suas vidas de ponta cabeça e mudado seus coações de maneira que nunca poderiam imaginar. Ashira lembrou Sua pergunta para ela, "*Você vai continuar a confiar em mim, deixar sua vida ser como e o que Eu decidir?*"

Ela sabia que a pergunta era a mesma para todos eles. "*Isso só é o começo!*" ela pensou. Logo Jesus deixaria Cafarnaum. Talvez seu próprio abba fosse também, hoje, em uma semana ou daqui a um mês. O amanhã era completamente desconhecido. Mas ela sabia que se cada um deles confiasse tudo a Ele, seus passados seriam cobertos, o hoje teria esperança e seus futuros estariam absolutamente seguros. A profecia de Isaías estava sendo cumprida, e isso enchia seus corações com alegria. Sobre aqueles que viviam na terra da sombra da morte raiou verdadeiramente uma Luz.



*A Promessa é para nós, para nossos filhos e para todos que estão distantes — todos aqueles que invocarem o nome do Senhor, seu Deus. Vejam! — O Cordeiro de Deus — que tira o pecado do mundo.*

*Raiou uma Luz!*

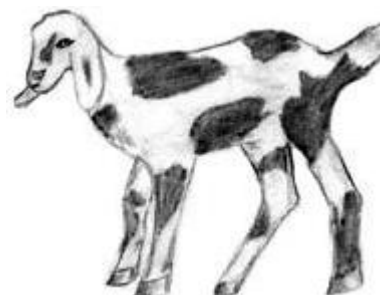


## Glossário

Ao prepararmos esta história, pensamos que seria importante aprender sobre os costumes, o ambiente e o estilo de vida daqueles em Israel dois mil anos atrás. O que descobrimos nos ajudou muito a ver o mundo deles através dos olhos deles. Então, incluímos esse "glossário" para compartilhar com você as maneiras e eventos daqueles anos.

### Caprinos

A cabra e o bode eram muito importantes para as famílias judias. Seu leite era usado para fazer manteiga, queijo e iogurte. Seu couro podia ser usado para fazer tendas e a lã para fazer roupas. Diferentemente de muitos animais, os caprinos sobrevivem bem tanto nas regiões montanhosas da Judéia quanto nos morros da Galiléia. Eles são resistentes a condições precárias e se alimentam de quase todos os tipos de plantas ou arbustos.



### Carpintaria

Como todas as profissões nos tempos Bíblicos, a carpintaria geralmente era um negócio familiar. O pai e seus filhos, que eram assistentes até que tivessem mais experiência, manejavam o negócio juntos. Desde pequenos, eles sabiam como usar as várias ferramentas e frequentemente ajudavam seu pai no trabalho. Fazendeiros dependiam de carpinteiros para fazer jugos para seus animais e todas as pessoas precisavam de mesas, batentes, bancos, cadeiras e muitas outras coisas do dia-a-dia. Os carpinteiros eram artesãos respeitados e frequentemente usavam um cavaco de madeira atrás da orelha para indicar orgulhosamente sua profissão. As ferramentas que o carpinteiro usava frequentemente eram a enxó (similar a um machado), a sovela, o malho e o serrote.



### Casa

Na Galiléia, a maioria das estruturas era feita de basalto preto, pedra ou blocos de barro curados no sol. Havia poucas janelas na casa, o que resultava em um ambiente escuro e quente. As paredes eram grossas para isolamento. Vãos nas paredes eram usados como local de armazenagem. O quarto principal da casa tinha um chão com dois níveis: o nível mais baixo de barro batido e uma plataforma de pedra. (O chão podia também ser feito de barro, pedra ou calhau



e emboço.) Animais circulavam pelo nível mais baixo onde muitas vezes a comida era preparada. Era no nível mais alto onde se dormia e comia. A parte de dentro da casa tinha poucos móveis e famílias pobres dormiam em esteiras e sentavam-se no chão. Casas mais pobres tinham poucos quartos, somente um pátio (em vez de dois ou três) e a entrada da casa geralmente dava para o pátio.

A casa que fora da família por gerações era grande, com quartos sendo adicionados conforme o crescimento da família. Por isso, muitas casas tinham quartos organizados como um labirinto.

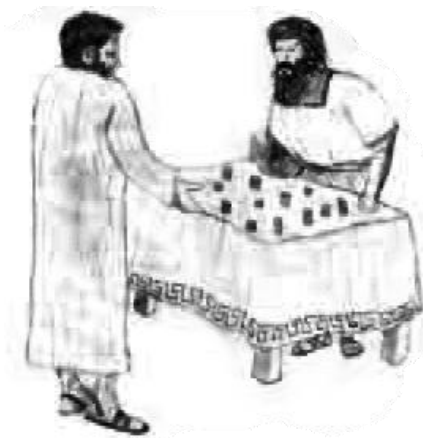
### Casamentos

Os casamentos na antiga Israel eram tempos de grande celebração e alegria. As festividades frequentemente duravam por sete dias, durante os quais os convidados consumiam grandes quantidades de comida e bebida. Havia música rítmica e dança vívida. As danças começavam com somente a noiva e o noivo dançando, e então todos os outros seguiam. A noiva e o noivo eram tratados como rainha e rei, e os casamentos eram frequentemente caros e pródigos.



### Coletores de impostos

Os coletores de impostos judaicos, também chamados de publicanos, eram desprezados por seu próprio povo. Eles eram postos no mesmo nível de escravos pagãos, ladrões e assassinos e eram considerados impuros porque se misturaram com os gentios e trabalhavam no Sabá. Os publicanos eram livres para coletar tanto quanto pudessem e frequentemente cobravam muito, de forma que podiam forrar seus próprios bolsos com o dinheiro extra. Os impostos eram baseados na renda da família e no valor de sua propriedade. As caravanas eram taxadas de acordo com os bens que carregavam, e cada homem com idade entre quatorze e sessenta e cinco anos deveria pagar uma taxa anual.



## Comida

As pessoas comiam basicamente os mesmos alimentos nas refeições todos os dias. Lentilhas, figos, peixe, tâmaras e derivados de leite eram comuns, e feijão, pepinos, uvas, ameixas, maçãs e mel também eram disponíveis para alguns. Sal, extraído de Magdã, era usado amplamente como conservante. Comiam carne somente em ocasiões especiais, com a exceção de peixe, que era tipicamente comido todos os dias. O pão era o "feijão com arroz" deles. Em alguns dias, como nos Sabás, os judeus eram proibidos de comer pão feito com fermento. Vinho diluído era uma bebida comum porque a água muitas vezes era suja, mesmo quando tirada do poço.



## Educação escolar

Era exigido da maior parte dos meninos entre as idades de seis e treze anos que frequentassem a escola na sinagoga todo dia, exceto no Sabá. Eles se reuniam na sinagoga de manhã cedo para serem ensinados pelo grandemente respeitado rabi da cidade. Os meninos se sentavam num semicírculo no chão à frente do rabi, que ritmicamente recitava passagem das escrituras em hebraico para que repetissem. Usualmente, o hebraico era a única língua usada na classe, em oposição ao comumente falado aramaico. No esforço de aprender de cor essas passagens, os jovens as copiavam em placas cobertas com cera, usando um osso apontado ou um instrumento de metal pontudo como utensílio para a escrita. Uma vez que a criança dominasse o alfabeto hebraico e passagens mais curtas, seria permitido que copiasse lições mais longas em pergaminho com verdadeiras canetas de penas mergulhadas em tinta. No meio do dia, as crianças paravam para comer seus almoços que haviam trazido consigo. Muitos jovens amavam estudar a Palavra de Deus. O sonho de infância de muitos era se tornar um sábio e um homem da lei.



## Estações e tempo de colheita

Dois meses de colheita [de oliva]  
Dois meses de plantação [grãos]  
Dois meses de plantação tardia,  
Os meses de capinar o linho  
O mês de colheita de cevada  
O mês de colheita e armazenamento  
Dois meses de cuidar da vinha,  
O mês de frutas de verão.



O cultivo e a colheita nos tempos de Jesus dependiam totalmente das estações. Os verões eram quentes e secos durante o dia, embora frios à noite. O inverno era chuvoso e muito frio, especialmente em altos planaltos e nas montanhas. Em algumas partes de Israel, como Jerusalém, podia ocasionalmente nevar até abril.

Os grãos eram a principal fonte de sustento. O trigo era a safra mais importante e era plantado durante as chuvas de outono. A colheita ocorria alguns meses depois. Painço e linho eram também cultivados durante esse ciclo. O painço era usado para alimentação animal, e o linho era uma importante safra comercial, usada para fabricar o tecido de linho. Depois da colheita de trigo, o fazendeiro voltava sua atenção às vinhas e às árvores frutíferas. Uvas, figos e olivas eram todas frutas comuns, colhidas na primavera.

## A Estrada para Jerusalém



O judeus viajando da Galiléia para Jerusalém geralmente tomavam o caminho que ia na direção sul beirando o rio Jordão. Quando chegavam ao final do rio, viajavam para o oeste, subindo o morro até Jerusalém. A cidade se localizava numa região consideravelmente alta nas Montanhas Judéias. O caminho em que possivelmente viajavam pode ser visto no mapa ao lado. A viagem cobria aproximadamente 885 km e provavelmente demorava três a quatro semanas para terminar.

## Mar da Galiléia

O que é conhecido como o Mar da Galiléia na verdade teve uma variedade de nomes. Mas do que quer que fosse chamado, como Lago de Tiberíades, Mar de Ben-Hadade, Lago de Genesaré ou outros nomes

desconhecidos, o que esse lago de água doce trazia à mente da maioria das pessoas era peixe. Esse lago era um dos locais mais produtivos para a pescaria em Israel, com mais de 230 barcos de pesca diariamente. Embarcações romanas maiores também usavam o lago para transportar tropas e suprimentos para diferentes áreas da Galiléia. Entre as muitas variedades de peixes encontradas nas águas, as mais comuns eram a tilápia e a sardinha de água doce. A indústria próspera era sustentada por pelo menos nove cidades e inúmeras povoações. O lago atinge seu ponto mais fundo com 47 metros, se estendendo por aproximadamente 22 quilômetros, e tendo largura de 13 quilômetros (em seu ponto mais amplo).

### **Mercadores e Feira**

A feira era montada perto dos portões da cidade. Era um lugar barulhento com animais berrando e zurrando e pessoas gritando e negociando. Geralmente, o comprador oferecia a metade do preço que pretendia pagar e o vendedor pedia o dobro do preço que esperava obter. Sendo que não havia um jeito de guardar comida por um longo tempo, as mulheres iam para a feira todos os dias e compravam somente o que precisavam para aquele dia. O dia antes do Sabá era o grande dia de feira, quando pessoas compravam o que precisavam para o próximo dia.



Mercadores podiam ser mercantes locais que vendiam mercadorias no mesmo local todos os dias ou podiam ser pessoas que viajavam para comprar mercadorias para trazer de volta e vender em Israel. Eles eram praticamente os únicos que viajavam para fora de Israel. Os mercadores eram algumas vezes trapaceiros e usavam pesos e medidas desonestos. Esses homens podiam cobrar demais das pessoas por suas mercadorias e assim ficar muito ricos.

### **Messias**

O Messias era O Prometido, antes profetizado, que seria enviado por Deus para restaurar Israel. Muitos Israelitas estavam esperando um rei majestoso que derrotaria os romanos. Quando Jesus veio sem beleza ou majestade, muitos não acreditaram que Ele era o Messias porque parecia tão real e humano. Eles estavam esperando um rei que expulsaria os romanos e aqui estava seu Rei: humilde e montado num jumentinho.



## Ocupação Romana

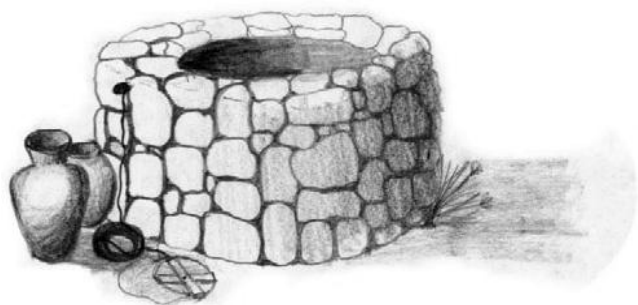
Roma governava e ocupava Israel nos dias de Jesus. Os romanos eram odiados pelos judeus por muitas razões. A primeira era que os judeus ressentiam-se de serem governados e tributados por pagãos que adoravam uma miríade de falsos deuses. A segunda era que a maioria dos romanos eram cruéis aos povos conquistados que recusavam a submeter-se à forma de seu governo. Se um romano pedisse a um judeu para fazer qualquer coisa por qualquer razão, não era opção recusar. Um dos ensinamentos de Jesus difícil dos judeus aceitarem era, "Se [um romano] pedir-lhe para levar um fardo por uma milha, o carregue por duas milhas". Esse amor aos seus inimigos era escandaloso para muitos judeus naqueles tempos.

Guarnições romanas eram bem comuns pela Galiléia, a província mais perturbadora de Israel. Cafarnaum, localizada na extremidade norte do Mar da Galiléia, estava numa posição geograficamente chave e tinha uma guarnição de soldados. É estimado que até 600 soldados romanos se situavam ali por um tempo. Isso logicamente deu um impacto e complicou as vidas dos judeus que moravam em Cafarnaum, causando muito ressentimento à presença dos romanos.

Mesmo que os romanos fossem desprezados, um centurião em Cafarnaum era um homem temente a Deus e que respeitava os judeus. Ele construiu a sinagoga de Cafarnaum, a qual hoje existe em ruínas.

## Papel da mulher

As tarefas da mulher judia se centravam em sua casa. Seu dia começava com o nascer do sol e durava o dia todo até o cair da noite. A cada manhã e cada noite, as mulheres se juntavam no poço e coletavam água fresca para suas famílias. Combustível precisava ser coletado para assar o pão. O piso da casa precisava ser varrido constantemente. A lã precisava ser fiada, os fios transformados em tecido, e o tecido transformado em roupa. A conservação



das roupas era também muito importante porque poucas pessoas tinham mudas de roupas nos tempos de Jesus, então as mulheres estavam continuamente consertando-as e remendando-as. O coalho deveria ser feito do leite de cabra. A comida precisava ser juntada, e as refeições preparadas. O principal trabalho de uma mulher era fazer pão, o que ela fazia de três a quatro vezes por dia. Para fazer pão, as mulheres tinham de moer o próprio grão, que era trigo para as classes superiores e cevada para as pessoas comuns.

## Páscoa

Todo ano, milhares de Judeus iam para Jerusalém para celebrar um festival chamado Páscoa. Era uma celebração de como Deus libertara os Israelitas da escravidão no Egito. O festival começava no décimo quinto dia do mês Hebraico Nisan. A palavra "Páscoa" vem do evento Bíblico da décima praga que Deus enviou sobre o Egito por ter retido os Israelitas em cativeiro. Deus matou o filho primogênito de cada casa egípcia mas *passou sobre* as casas dos Israelitas que tinham sangue nos batentes das portas. A palavra "Páscoa" também se refere à *passagem* dos Israelitas da Escravidão para a liberdade.



## Pátio

O pátio, encontrado em qualquer casa, desde a moradia do fazendeiro mais pobre até a do oficial mais rico, era uma das mais importantes partes da casa. Rodeado por meia parede e algumas vezes compartilhado por várias outras famílias, o pátio era o centro da maior parte das atividades das famílias. O espaço aberto tinha preferência sobre o interior escuro e muitas vezes insuportavelmente quente. Era comum haver no pátio um lugar de fazer fogo, um forno, um rebole, um jardim e grandes vasos pois era o local para o preparo da comida. Também havia um pequeno abrigo para os animais da família (ovelhas ou cabras), e, em Cafarnaum, também se guardava os equipamentos de pesca. Sobretudo era o local onde a família se reunia para tarefas domésticas e celebrações.



## Pesca

A pesca no Mar da Galiléia era uma indústria importante e produzia uma colheita rica mas levava longas e duras horas muitas vezes da tarde até de manhã cedo. O equipamento consistia em redes de malhas diferentes, cestos para colocar a pesca, uma âncora de pedra, tochas para atrair peixes, comida e jarros de água, cordas extras e remos para dirigir o barco. A pesca realizava-se geralmente à noite porque a luz do sol assustava os peixes para as partes mais fundas do lago. A maior parte da noite de pescaria era gasta abaixando redes em um lugar e depois remando para abaixar as redes outra vez. Os peixes eram então puxados para dentro do barco e separados. Consertar as redes tomava a maior parte do tempo de um pescador em que ele não estava realmente pescando. Os reparos eram feitos em redes que ele mesmo fizera.



Âncora de  
Pedra

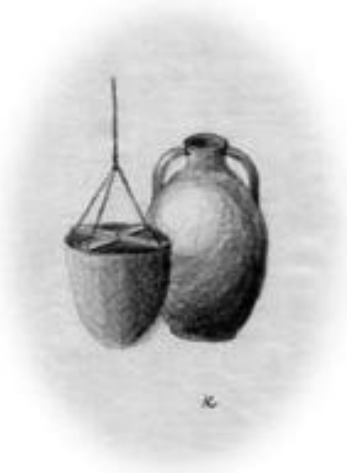
Duas redes comumente usadas no Mar da Galiléia eram a rede de mão e a rede de cerco. A rede de mão era circular de malha apertada com pesos no perímetro. Era jogada com um movimento giratório grande sobre as águas rasas. Ao cair, adquiria um formato côncavo debaixo da água, que pegava os peixes. Para trazer os peixes, os pescadores o fechavam dando um puxão num cordão preso no centro. A rede de cerco, de 5 metros e meio de largura e vários metros de comprimento (no lado aberto), tinha pesos em um lado e cortiça no outro. Era ideal para usar entre dois barcos. Era pendurada das bóias e segurada para baixo com chumbos.



Peso de  
Chumbo

## Poço

O poço era um local visitado frequentemente por mulheres na Israel do primeiro século. A necessidade de água fresca era frequente (não havia modo de manter grandes quantidades de água livres de contaminação), de forma que o poço era um local de ajuntamento natural para as mulheres por todo o dia. Elas levavam grandes jarros de barro para colocar a água, mas a água era retirada com um balde de couro mantido no poço. O poço era sempre no centro da cidade, de forma que era facilmente acessado por todos os residentes.



## Quipá

(hebraico, *kipá*, "cúpula", "abóbada" ou "arco")

É um pequeno chapéu em forma de circunferência, semelhante ao solidéu, utilizada pelos judeus.



## Sabá

O Sabá era o dia judaico de descanso. O início do Sabá era anunciado por três toques de shofar (um chifre de carneiro) do teto do templo ou da sinagoga quando era vista a primeira estrela da noite de sexta-feira. O fim do

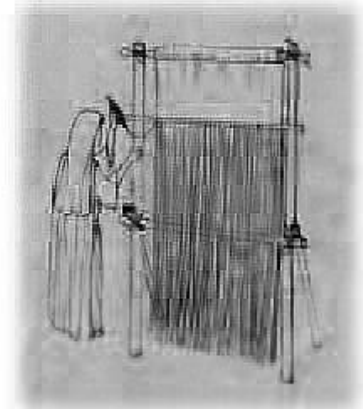


Sabá era sinalizado na noite de sábado novamente por três toques de shofar. Havia trinta e nove atividades que contrariavam a lei se realizadas no Sabá, como acender fogo de qualquer tipo e andar mais que certa distância. No dia antes do Sabá, conhecido como o "dia da preparação", havia muito trabalho a ser feito. As três refeições para o próximo dia tinham de ser preparadas, água suficiente para o dia seguinte tinha de ser retirada do poço, e as lamparinas deviam

ser prontadas. Próximo da noite, as pessoas colocavam de lado seu trabalho e se vestiam com roupas limpas. A noite de sexta-feira era um tempo de alegria, oração, gratidão e adoração.

## Tear

Já nos tempos de Jesus, um tear grande fora desenvolvido, que permitia ser feita vestes de uma só peça de tecido; até este ponto, duas peças de tecido tinham que ser costuradas juntas para ser grande suficiente para as vestes. Este tear tinha que ser manejado por duas pessoas, uma jogando a lançadeira e a outra manuseando os fios. Por causa da maneira que o tecido era tecido e confeccionado em roupas, as listras em roupas sempre eram verticais. As vestes eram vendidas nas feiras sem a abertura da cabeça para provar que eram novas. O cliente, então, ajustava a gola ao tamanho que desejasse e, se fosse para uma mulher, ela bordava decorações coloridas. Muitas pessoas mais pobres, porém, teciam suas próprias roupas em teares em casa.



## Terraço

O terraço plano das casas era construído com vigas fortes, cobertas por uma rede de galhos e emboçado com barro. Um rolo era mantido no terraço para compactar a superfície depois que chuvas pesadas o transformassem



numa lama densa. Os terraços sempre vazavam e durante a estação chuvosa (de novembro a março, em nosso calendário) adquiriam uma tonalidade verde por causa das pequenas plantas que germinavam na lama. Em noites quentes, o terraço servia



como quarto de dormir alternativo. Durante o dia, entretanto, era um lugar comum para todo tipo de atividades. Frutas e grãos eram postos para secar no terraço. O uso dessa área era tão comum que a lei judaica requeria que fosse construído um parapeito ao longo da borda de forma que ninguém se machucasse por uma queda.

## Vestes

As vestes durante o primeiro século eram muito similares às usadas nos dias de Abraão. Eram simples, funcionais e altamente estimadas. Somente os de altos cargos e os bem de vida tinham mais de um conjunto de roupa. Pessoas das classes média e baixa vestiam as mesmas roupas a semana inteira e só se lavavam no dia



antes do Sabá. Tecido de lã, o traje típico era uma túnica (até o tornozelo para mulheres e um pouco mais curto para os homens). Uma capa (ou manto) cobria a túnica e o conjunto era segurado junto levemente por um cinto. De acordo com a tradição, cada ponta do manto tinha uma borla, que era para lembrar as pessoas das leis de Deus. O capuz, uma peça adicional, variava muito. O azul normalmente era usado só por mulheres. Escarlate e púrpura, sendo corantes caros, eram reservados para as vestes dos ricos.

